

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA – CURSO DE
MESTRADO

RAFAEL BALIEIRO CRESTANI

A GEOGRAFIA DO FUTEBOL E A CONSTITUIÇÃO TERRITORIAL DO ESTADO
DO PARANÁ

MARINGÁ-PR

2022

RAFAEL BALIEIRO CRESTANI

A GEOGRAFIA DO FUTEBOL E A CONSTITUIÇÃO TERRITORIAL DO ESTADO
DO PARANÁ

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Geografia.

Área do conhecimento: produção do espaço e dinâmicas territoriais

Orientador: Prof. Dr. Oséias da Silva Martinuci

MARINGÁ-PR

2022

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
(Biblioteca Central - UEM, Maringá - PR, Brasil)

C922g

Crestani, Rafael Balieiro

A geografia do futebol e a constituição territorial do Estado do Paraná / Rafael Balieiro
Crestani. -- Maringá, PR, 2022.

168 f.: il. color., figs., tabs., maps.

Orientador: Prof. Dr. Oséias da Silva Martinuci.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências
Humanas, Letras e Artes, Departamento de Geografia, Programa de Pós-Graduação em
Geografia, 2022.

CDD 23.ed. 910.021

RAFAEL BALIEIRO CRESTANI

A GEOGRAFIA DO FUTEBOL E A CONSTITUIÇÃO TERRITORIAL DO ESTADO
DOPARANÁ

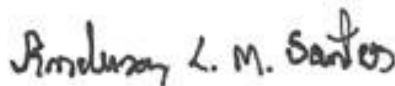
Dissertação de Mestrado apresentada a Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Geografia, área de concentração: Análise Regional e Ambiental, linha de pesquisa Produção do Espaço e Dinâmicas Territoriais.

Aprovada em **13 de maio de 2022.**

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Oseias da Silva Martinuci
Orientador - UEM



Prof. Dr. Anderson Luiz Machado dos Santos
Membro convidado –UFMS



Profª Drª Maria das Graças Lima
Membro convidado - UEM

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, aos meus pais, Délia Balieiro e Carlos Alberto Crestani, pela vida e pela educação que me proporcionaram. Ao meu orientador, Oséias da Silva Martinuci, pela paciência e por toda a ajuda durante a graduação e a pós-graduação. Também agradeço aos professores do departamento de Geografia por compartilharem o conhecimento durante esses 7 anos de graduação e mestrado. Por fim, agradeço a CAPES, que possibilitou a realização dessa pesquisa, por meio da bolsa de pesquisa.

RESUMO

O futebol, esporte preferido dos brasileiros, vem manifestando o interesse de pesquisadores da Geografia nos últimos anos, especialmente após a Copa do Mundo de 2014, realizada no Brasil. O futebol, no Brasil, já estava presente desde o século XIX, principalmente nos estados de São Paulo e Rio de Janeiro. Como uma manifestação lúdica urbana, chegou ao Paraná na virada do século XIX para o século XX, em um momento de mudanças no estado. O avanço urbano, industrial e ferroviário permitiu que as localidades urbanas desenvolvessem inúmeras formas de expressão, sendo o lúdico uma delas. A maior complexidade das redes e a conseqüente melhor conexão espacial, contribuiu para que os diferentes espaços se modificassem mais rapidamente no estado, mas, ainda assim, a constituição dos meios de transporte, voltados para os produtos de exportação, fez com que houvesse uma distribuição desigual da técnica que, posteriormente, contribuiu para a fraca conexão entre regiões do estado, sobretudo entre o Norte, o Oeste, o Sudoeste e o Paraná Tradicional. A dificuldade de comunicações entre essas regiões, curiosamente, influenciou no futebol do estado, que só teve um campeonato estadual unificado na década de 1960, durante o Projeto Paranaense de Desenvolvimento. Constatou-se que a falta de uma via de transporte barata e de fácil acesso entre o Paraná Tradicional, O Oeste, o Sudoeste e o Norte do estado, contribuiu para que os campeonatos estaduais do Paraná fossem realizados em zonas ou que simplesmente não contassem com equipes oriundas do Norte, do Oeste e do Sudoeste do estado por boa parte do Século XX. Essa constituição territorial, marcada pelas diferenças de colonização, afetou o desenvolvimento do futebol no estado, sendo expresso na preferência por clubes de futebol nas distintas regiões do estado. Com a modernização da agricultura e as modificações no âmbito urbano, as equipes do interior perderam força, chegando a fechar as portas ou se contentando com a disputa de torneios pouco glamurosos. Essas modificações são reflexos dos processos de modernização do futebol e da metropolização urbana e que prometem mudanças profundas no futebol brasileiro nas próximas décadas.

Palavras- Chave: Geografia dos Esportes; Território; Geografia do Futebol

ABSTRACT

Soccer, Brazilians' favorite sport, has been expressing the interest of Geography researchers in recent years, especially after the 2014 World Cup, held in Brazil. Soccer, in Brazil, was already present since the 19th century, mainly in the states of São Paulo and Rio de Janeiro. As an urban ludic manifestation, it arrived in Paraná at the turn of the 19th to the 20th century, in a moment of change in the state. The urban, industrial, and railway advance allowed urban localities to develop countless forms of expression, ludic being one of them. The greater complexity of the networks and the consequent better spatial connection contributed to the different spaces changing more rapidly in the state, but, even so, the constitution of the means of transportation, which focused on export products, made for an unequal distribution of technique that, later, contributed to the weak connection between regions in the state, especially between the North, West, Southwest, and Traditional Paraná. The difficulty of communications between these regions, curiously, influenced soccer in the state, which only had a unified state championship in the 1960s, during the Paraná Development Project. It was found that the lack of a cheap and easily accessible transportation route between Traditional Paraná, the West, the Southwest, and the North of the state, contributed to the fact that the state championships in Paraná were played in zones or simply did not have teams from the North, West, and Southwest of the state for much of the 20th century. This territorial constitution, marked by differences in colonization, affected the development of soccer in the state, being expressed in the preference for soccer clubs in the distinct regions of the state. With the modernization of agriculture and the changes in the urban environment, the teams from the interior lost strength, closing their doors or being content with competing in less than glamorous tournaments. These changes reflect the modernization of soccer and urban "metropolization" and promise profound changes in Brazilian soccer in the coming decades.

Keywords: Sports Geography; Territory; Football Geography.

RÉSUMÉ

Le football, sport préféré des Brésiliens, a exprimé l'intérêt des chercheurs en géographie ces dernières années, notamment après la Coupe du monde 2014, organisée au Brésil. Le football, au Brésil, était déjà présent depuis le XIXe siècle, principalement dans les États de São Paulo et de Rio de Janeiro. En tant que manifestation ludique urbaine, il est arrivée au Paraná au tournant du 19e au 20e siècle, à une époque de changement dans l'État. L'avancée urbaine, industrielle et ferroviaire a permis aux localités urbaines de développer d'innombrables formes d'expression, le jeu en étant une. La plus grande complexité des réseaux et la meilleure connexion spatiale qui en découle ont contribué à modifier plus rapidement les différents espaces de l'État, mais, même ainsi, la constitution des moyens de transport, orientés vers les produits d'exportation, a entraîné une distribution inégale de la technique qui, par la suite, a contribué à la faible connexion entre les régions de l'État, notamment entre le Nord, l'Ouest, le Sud-Ouest et le "Paraná traditionnel". La difficulté des communications entre ces régions a, curieusement, influencé le football dans l'État, qui n'a connu un championnat unifié que dans les années 1960, pendant le projet de développement du Paraná. Il a été constaté que l'absence d'une voie de transport bon marché et facilement accessible entre le Paraná traditionnel, l'ouest, le sud-ouest et le nord de l'État, a contribué au fait que les championnats d'État du Paraná ont été zonés ou n'ont tout simplement pas présenté d'équipes du nord, de l'ouest et du sud-ouest de l'État pendant une grande partie du 20e siècle. Cette constitution territoriale, marquée par les différences de colonisation, a affecté le développement du football dans l'État, s'exprimant par la préférence pour les clubs de football dans les différentes régions de l'État. Avec la modernisation de l'agriculture et les changements de l'environnement urbain, les équipes de l'intérieur ont perdu de leur force, fermant leurs portes ou se contentant de disputer des tournois peu glorieux. Ces changements reflètent la modernisation du football et la métropolisation urbaine, et promettent de profonds changements dans le football brésilien au cours des prochaines décennies.

Mots-clés: Géographie des sports ; Territoire ; Géographie du football

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Principais autores na base “Scopus Elsevier”	25
Figura 2 - Principais autores na base “Scopus Elsevier” com termo único “Sports Geography”	27
Figura 3 - Principais autores na base “Web of Science” com termo único “Sports Geography”	28
Figura 4 - Participantes do Campeonato Brasileiro de 1979.....	57
Figura 5 - Municípios com ao menos um participante entre 1971 e 1980.....	58
Figura 6 - Municípios com ao menos um participante entre 1981 e 1990.....	59
Figura 7 - Municípios de origem das equipes participantes da “Série B” entre 1980 e 1989.....	61
Figura 8 - Municípios de origem dos participantes da “Série A” entre 1991 e 1999.....	62
Figura 9 - Municípios de origem dos participantes da “Série B” entre 1990 e 1999.....	63
Figura 10 -Municípios de origem dos participantes da “Série C” entre 1988 e 2001.....	64
Figura 11 - Municípios de origem dos participantes da “Série A” entre 2001-2010.....	65
Figura 12 -Municípios de origem dos participantes da “Série B” entre 2001 e 2010.....	66
Figura 13 -Municípios de origem dos participantes da “Série C” entre 2002 e 2011.....	67
Figura 14 - Municípios de origem dos participantes da “Série A” entre 2011 e 2021.....	68
Figura 15 - Municípios de origem dos participantes da “Série B” entre 2011 e 2021.....	69
Figura 16- Municípios de origem dos participantes da “Série C” entre 2012 e 2021.....	70
Figura 17 - Consulados do Grêmio FBPA no estado do Paraná.....	83
Figura 18 - Consulados do S. C. Internacional no estado do Paraná.....	84
Figura 19-Municípios em que o Grêmio FBPA é o mais curtido no Paraná.....	85
Figura 20 - Municípios em que o S.C. Internacional é o segundo mais curtido no Paraná.....	86
Figura 21 - Popularidade do Termo “Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense” no estado do Paraná.....	87
Figura 22-Popularidade do Termo “Sport Club Internacional” no Paraná.....	87
Figura 23 - Popularidade do termo “Clube de Regatas do Flamengo” no Paraná.....	88
Figura 24-Popularidade do Termo “Sport Club Corinthians Paulista” no Paraná.....	89
Figura 25- Popularidade do termo “Clube Athletico Paranaense” no Paraná.....	90
Figura 26- Popularidade do termo “Coritiba Foot Ball Club” no Paraná.....	91
Figura 27- Clubes mais curtidos no Facebook por município paranaense.....	92

Figura 28- Linhas férreas do estado do Paraná em 1900.	95
Figura 29- Jockey Clube Ponta-grossense no começo do Século XX	96
Figura 30- Estádio da baixada do Água Verde nos anos de 1910.	97
Figura 31- Estádio Belfort Duarte em Curitiba-PR-1942	98
Figura 32- Linhas Férreas no estado do Paraná em 1920	99
Figura 33- A Esportiva de Jacarezinho em 1952.....	105
Figura 34- A Esportiva de Jacarezinho em 1943.....	106
Figura 35- Estádio Horácio Klabin em Telêmaco Borba, na década de 1950.	107
Figura 36- Estádio Vitorino Gonçalves Dias em seus primeiros anos.	108
Figura 37 - Municípios com clubes que participaram ao menos uma vez do Campeonato Paranaense entre 1950 e 1959.	113
Figura 38 - Municípios com clubes que participaram ao menos uma vez do Campeonato Paranaense entre 1966 e 1975	115
Figura 39 – Localização do oeste e do sudoeste do Paraná.....	117
Figura 40- Divisão política do estado do Paraná-1950.....	121
Figura 41- Divisão política do estado do Paraná-1960.....	123
Figura 42- As Rodovias BR-277, BR-280 e Pato Branco-Candói.....	124
Figura 43- Afiliadas de algumas rádios gaúchas no oeste e sudoeste paranaense.....	127

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Número de participantes do Campeonato Brasileiro na década de 1970	56
Gráfico 2- Pesquisas de torcidas- Instituto Gallup e Revista Placar (1983)	74
Gráfico 3 – Pesquisa de torcidas- IBOPE e Revista Placar (1993)	75
Gráfico 4 - Pesquisa de torcidas- Ipsus Marplan (2006)	76
Gráfico 5- Pesquisa de torcidas- Ipsus Marplan (2012)	77
Gráfico 6- Pesquisa de torcidas- DataFolha/Folha de São Paulo (1993)	78
Gráfico 7- Pesquisa de torcidas- DataFolha/Folha de São Paulo (2000)	78
Gráfico 8- Pesquisa de torcidas- DataFolha/Placar (2002)	79
Gráfico 9- Pesquisa de torcidas- IBOPE/Rede Globo (2004)	80
Gráfico 10- Pesquisa de torcidas- DataFolha (2010)	80
Gráfico 11- Pesquisa de torcidas- Paraná Pesquisas (2014)	81
Gráfico 12- Pesquisa de torcidas- Pluri Stochos (2020)	82
Gráfico 13 - Participações de Agremiações do oeste/sudoeste no campeonato paranaense	130

LISTA DE QUADROS

Quadro 1- Quadro 1- Cânticos de Torcidas.....	132
---	-----

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Origem dos cônjuges de Marechal Cândido Rondon – 1955-65 e 1975-85.....	120
Tabela 2- População urbana e rural no oeste do Paraná (1950-2000).....	122
Tabela 3- Área Colhida das Principais Culturas Temporárias - Variação Percentual 1960-70.....	126
Tabela 4- População e Taxas de Crescimento Populacional Anuais 1940-2000- Oeste do Paraná.....	126

SUMÁRIO

PRÓLOGO	15
INTRODUÇÃO	17
1 A GEOGRAFIA E O ESPORTE	21
2 PROCEDIMENTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS	30
3 A GEOGRAFIA DO FUTEBOL: A BOLA NA REDE DO ESPAÇO-TEMPO	34
3.1 O PRINCÍPIO DO FUTEBOL NO BRASIL	50
4 O FUTEBOL NO BRASIL: ENTRE A LÓGICA DO MERCADO, A CULTURA E A RESISTÊNCIA	54
5 O FUTEBOL PARANAENSE EM CONTEXTO: ENTRE A INSERÇÃO NACIONAL E A ACEITAÇÃO REGIONAL	72
5.1 PESQUISAS FEITAS NAS CAPITALS E/OU REGIÕES METROPOLITANAS	73
5.2 PESQUISAS FEITAS EM INÚMERAS CIDADES	77
6 O FUTEBOL NO ESTADO DO PARANÁ: FUNDAMENTOS HISTÓRICOS E CONTEXTOS TERRITORIAIS	93
6.1 PARANÁ TRADICIONAL: TERRITÓRIO E FUTEBOL.....	93
6.2 NORTE PARANAENSE: TERRITÓRIO E FUTEBOL	100
6.3 AÇÕES POLÍTICAS PARA A INTEGRAÇÃO TERRITORIAL E SUAS IMPLICAÇÕES PARA O FUTEBOL PARANAENSE	109
6.4 OESTE E SUDOESTE PARANAENSE: TERRITÓRIO E FUTEBOL.....	116
6.4.1 A colonização do Oeste e Sudoeste paranaense.....	117
6.4.2 A Modernização Agrícola do Oeste e Sudoeste paranaense	123
6.4.3. O futebol no Oeste e Sudoeste do Paraná.....	126
7 A METROPOLIZAÇÃO DO FUTEBOL: ENTRE A LÓGICA DO MERCADO, A CULTURA E A RESISTÊNCIA	136
CONSIDERAÇÕES FINAIS	151

PRÓLOGO

Maringá, 13 de abril de 2014. Em números oficiais, pouco mais de 19 mil almas reunidas ao redor de um campo de futebol para acompanhar a final do campeonato paranaense daquele ano. Qualquer um que estivesse no estádio contestaria os números oficiais. Em campo, muito mais do que o maior clássico do interior do Paraná. O simbolismo de algo totalmente incomum, uma final “caipira” que deixou boquiabertos os “piás” de Curitiba, acostumados com ao menos um representante na final do estadual, que naquela edição completava 100 anos.

A última vez que dois clubes do interior paranaense decidiram o estadual havia sido em 1992, na final vencida pelo Londrina ante o União Bandeirante, de Bandeirantes, pequeno município do Norte Pioneiro. De lá para cá, houve praticamente um total domínio Curitibano, com a maioria das finais sendo decidida por equipes de lá. De vez em quando, um ou outro intruso do interior aprontava e se fazia presente na final, mas só obtendo sucesso em 2007 e 2015, com o A.C. Paranaíba e o Operário Ferroviário, respectivamente. A exceção do domínio curitibano se deu, mais uma vez, em 2020, com a final entre Londrina e Cascavel, reflexo de um campeonato afetado pela pandemia global de Covid-19 e da diminuta atenção dada pelos clubes da capital ao certame.

A final de 2014, tanto para o bem quanto para o mal, fez lembrar um futebol que, aos poucos, vai desaparecendo. Compramos os ingressos com procedência “duvidosa” por mais que o dobro do preço com o “carismático” cambista, negociando por mais de 20 minutos, já que os “oficiais” estavam esgotados. Ao entrar no estádio Willie Davids, uma coisa era certa: superlotação. Não havia um lugar para ver o jogo. Nos acotovelamos na última fileira, vibrando com o jogo na ponta do pé, perdendo uma ou outra jogada devido às grandes cabeleiras e aos braços estendidos ao ar dos torcedores à frente.

E assim, o jogo seguiu com cantorias, xingamentos, gritos, alguns amendoins sem validade conferida e nenhum descanso para as panturrilhas, tornozelos ou a garganta. O estádio Willie Davids, diferentemente das modernas arenas, tem pouquíssimas cadeiras numeradas que, obviamente, estão na única parte coberta do estádio.

Enquanto isso, a bola rolava...0x1, 1x1 e decisão por pênaltis. O último pênalti maringaense foi para fora e, após o jogo, mesmo tristes com a derrota, decidimos

descer ao campo. Isso mesmo! Conseguimos, sem nenhum esforço, descer ao campo, pisar no gramado e sair, bestialmente, pela saída destinada aos torcedores do Londrina. Em Curitiba, em um *Atletiba*, isso jamais ocorreria. Ainda mais na moderna arena athleticana, com ingressos contados, cadeiras reservadas, torcidas rigorosamente separadas, segurança extrema e poucos resquícios do velho futebol, acompanhado pelo “vovô” com seu rádio de pilha e seus amendoins. Atualmente, os jogadores dificilmente vão ser vistos em uma roda de conversa com torcedores, pois têm o *status* e o salário de estrelas de pop e, além disso, são cobrados alucinadamente por seus desempenhos por torcedores. Dentre os assuntos na pauta de cronistas esportivos e apresentadores de televisão estão: *déficit*, *superávit*, cotação do Euro e do Dólar, balanço de entradas e saídas e inúmeros outros assuntos relacionados à contabilidade dos clubes.

O futebol moderno chegou para ficar e, no caso do Paraná, apesar do suspiro da final “caipira”, em 2014, e da final do campeonato “sem graça” de 2020 em decorrência da pandemia global de Covid-19, o processo já é antigo. As transformações advindas dessa situação podem ser vistas dentro e fora do estádio, com as modernas arenas, os programas de sócio-torcedores, as preocupações com a contabilidade do clube e outros. Mas, do ponto de vista geográfico, essas transformações também são visíveis e um dos exemplos é a concentração de clubes de futebol em cidades mais dinâmicas da rede urbana. No Paraná, assim como em outros locais do Brasil, isso resultou na falência ou licenciamento de alguns clubes, especialmente os de cidades pequenas, além de dificultar a presença no campeonato paranaense dos poucos que sobraram. Por outro lado, também motivou a criação dos chamados “clubes-empresa” no interior do estado.

O antigo campeonato paranaense já não existe mais. Nem mesmo a grande equipe rubro-negra da capital parece dar atenção ao torneio, escalando, costumeiramente, atletas de categorias inferiores. A viva cor da rivalidade no Paraná, aos poucos, vai desbotando. O que teremos nos próximos anos? Esta dissertação é feita por um geógrafo, mas que, muito antes de vestir a camisa da ciência geográfica, se pintou com as cores do futebol e estas podem até desbotar com o tempo, mas não se apagam, em nenhum torcedor, enquanto esse permanecer vivo.

INTRODUÇÃO

O futebol, um dos maiores símbolos da sociedade brasileira, não está restrito apenas às “quatro linhas”. Move muito mais que 22 jogadores atrás de uma bola. Está em nossa história, como país moderno, como um fato de nossa sociedade e, nas últimas décadas, tem se tornado um negócio lucrativo que não pode ser mais visto apenas como lazer. Nem mesmo o governo vê o futebol e tudo o que envolve seu meio como um simples movimento de massa. O Congresso Nacional, por exemplo, tem discutido, nos últimos anos, projetos de lei acerca dos “Clubes-Empresa”, que permitiriam que os clubes brasileiros tivessem investidores ou donos e refinanciamento de dívidas. Nota-se, portanto, que o Estado brasileiro também vê o esporte como uma grande questão econômica. As últimas notícias acerca da transformação de clubes tradicionais, como o Cruzeiro Esporte Clube, de Belo Horizonte, e do Botafogo de Futebol e Regatas, do Rio de Janeiro, em Sociedades Anônimas do Futebol, é sintoma das inúmeras possibilidades para as próximas décadas. O desespero dos clubes brasileiros, fruto da corrupção interna, de administrações ruins e planejamentos malfeitos, mas também de uma necessidade incessante de profissionalização, se traduzirão em grandes mudanças estruturais, não apenas dentro das quatro linhas, mas principalmente fora, na direção dos clubes.

Obviamente que o aspecto econômico não é o único a ser considerado. A dimensão cultural também é central, uma vez que os clubes podem representar um aspecto identitário para seus torcedores, identificando-o a um lugar, a uma cultura etc. No Paraná, por exemplo, as frentes de ocupação do território, ocorridas em diferentes momentos e realizadas por populações com aspectos culturais distintos, conferiram especificidades às paisagens e ao modo de vida nas diversas regiões.

O estudo do futebol, como esporte mais popular do Brasil e do mundo, já tem certa tradição em outras áreas das ciências humanas no Brasil, como a sociologia, a história e a antropologia. Entretanto, a Geografia brasileira parece não ter acompanhado essas ciências, de forma geral, com uma análise pertinente. Na academia, o futebol ainda carrega o estigma de pertencer unicamente ao lazer, ao lúdico-popular, de fazer parte de uma discussão muito mais simbólica do que palpável, especialmente com relação às categorias de análise geográfica.

Alertamos, porém, que o futebol pode ser tratado através de uma abordagem que priorize o social, o simbólico e o cultural, bem como, o econômico e os aspectos

de marketing de forma útil para as ciências sociais. Analisar o espaço geográfico através do futebol pode ser revelador de sua estrutura e dinâmica. A territorialização dos clubes e seus arranjos espaciais, a territorialização das torcidas, as relações do esporte com a migração, com o místico, as modificações geradas na paisagem, sejam elas momentâneas ou duradouras, podem ser explicados com a contribuição da ciência geográfica. As identidades locais, as torcidas e suas características podem se tornar essenciais em um esporte que torna, cada vez mais, seus torcedores em consumidores. Esses aspectos podem estar na pauta da profissionalização que tanto se deseja fora das “quatro linhas”, abandonando a era dos tradicionais dirigentes sem escrúpulos e individualistas. Um dos símbolos dessa falta de profissionalização teve na Confederação Brasileira de Futebol uma grande marca. Dos últimos presidentes da instituição, Ricardo Teixeira (1989-2012) e Marco Polo Del Nero (2015-2017) foram banidos do futebol pela FIFA, sob denúncias de corrupção. José Maria Marin (2012-2015) acabou preso em 2015 acusado de corrupção e Rogério Caboclo (2019-2021) foi afastado após denúncias de assédio sexual.

Por isso, a profissionalização da gerência do futebol, seja nos clubes, seja nas federações estaduais e nas confederações internacionais, é de suma importância para que se pense o futebol como um esporte moderno e que consiga analisar as inúmeras possibilidades de crescimento.

Esta pesquisa foi elaborada após considerar as inúmeras possibilidades que a Geografia pode conferir ao estudo do esporte. Levando em conta especificamente o estado do Paraná, buscamos compreender como se deu o processo de disseminação do futebol no estado e se o avanço das redes técnicas e do fenômeno urbano foram preponderantes na popularização do esporte profissional.

Considerando os processos de ocupação não-originária e os processos migratórios pelos quais o Paraná passou no século XX, buscamos compreender qual foi a relação da propagação do futebol profissional e das torcidas de futebol pelo estado, bem como suas respectivas territorializações.

A principal hipótese foi a de que o futebol profissional no estado esteve presente na formação dos primeiros núcleos urbanos das diferentes regiões do estado, seja a do Paraná tradicional, do norte do estado e do oeste e sudoeste, acompanhando o avanço das redes técnicas de transporte e comunicação. Nessas localidades, os clubes locais, financiados pela economia local, logo despertaram o interesse da população. Entretanto, com a modernização do futebol, muitos desses clubes

fecharam as portas, intensificando a torcida da população local por clubes de outros estados, principalmente aqueles oriundos dos estados de origem de boa parte da massa populacional que havia migrado para o Paraná. No caso do norte do estado, a torcida pelos clubes de São Paulo se intensificou, da mesma forma que no extremo-oeste e sudoeste do estado, a torcida por clubes gaúchos foi intensificada. Essa torcida dificultou ainda mais a sobrevivência dos clubes locais que acabaram, nos últimos anos, aderindo ao futebol moderno, se tornando clubes-empresa, sociedades anônimas do futebol e profissionalizando seu staff administrativo, de marketing e de preparo físico.

O trabalho foi estruturado em 7 capítulos, mais as considerações finais, referencias, apêndices e anexos.

No capítulo 1, intitulado “A Geografia e o Esporte”, buscamos fazer um resgate da produção científica que trabalhou a Geografia e o esporte, principalmente nos países ocidentais, dando origem e consolidando a área conhecida como Geografia dos Esportes.

No capítulo 2, intitulado “Procedimentos Teóricos e Metodológicos”, elencamos os principais referenciais utilizados na dissertação, bem como a metodologia de confecção de mapas, tabelas e quadros. O trabalho teve como principais referências livros, artigos, pesquisas acadêmicas, mapas e dados históricos acerca do processo de propagação do futebol no Brasil, do processo de modernização técnica do estado do Paraná e da discussão acerca da metropolização.

A pesquisa teve como objetivo central analisar o processo de propagação geográfica do futebol no mundo, dando ênfase ao Brasil e ao estado do Paraná, bem como tratar da espacialização das torcidas de futebol no estado paranaense, fruto, entre outros fatores, dos processos migratórios, colonizatórios e de ocupação não originária.

No capítulo 3, intitulado “A Geografia do Futebol: a Bola na Rede do Espaço-Tempo”, buscamos apresentar, ainda que de forma breve, o histórico de propagação do Futebol em alguns dos principais centros futebolísticos do mundo ocidental, como a Grã-Bretanha, a França e a Itália, ressaltando as similaridades e particularidades do processo de propagação do esporte no território de cada país.

No capítulo 4, que tem como título: “O Futebol no Brasil: entre a Lógica do Mercado, a Cultura e a Resistência”, abordamos o processo de propagação do futebol no Brasil, especialmente através dos campeonatos nacionais. Além disso, buscamos

introduzir como o futebol profissional de alto nível foi se concentrando em cidades mais dinâmicas de nossa rede urbana com o passar dos anos, principalmente após o Regime Militar.

No capítulo 5, intitulado “O Futebol Paranaense em Contexto: entre a Inserção Nacional e a Aceitação Regional”, elencamos algumas das principais pesquisas de torcidas realizadas no Brasil nas últimas décadas e a colocação dos principais clubes paranaenses nessas pesquisas, buscando dar um panorama inicial sobre as torcidas de futebol no Brasil e no estado do Paraná. Além disso, tentamos esboçar a territorialização de algumas torcidas no estado do Paraná através das redes sociais, de ferramentas de pesquisas e da localização de consulados oficiais de clubes.

No capítulo 6, que tem como título: “O Futebol no estado do Paraná: fundamentos Históricos e Contextos Territoriais”, buscamos tratar do histórico de propagação geográfica do futebol no estado do Paraná aliado ao avanço das redes técnicas de transportes e comunicação e ao processo de modernização do estado, ocorrido na década de 1960. Dividimos esse processo levando em conta as áreas de colonização e ocupação não originária no estado desenvolvidas no século XX.

Por fim, no capítulo 7, intitulado “A Metropolização do Futebol: entre a Lógica do Mercado, a Cultura e a Resistência”, abordamos como o futebol tem se modificado nas últimas décadas, acompanhando as transformações que ocorreram na sociedade, na economia e na rede urbana brasileira no final do século XX e no início do século XXI. Damos enfoque ao conceito de “Metropolização”, para explicar esse processo.

Mais uma vez, ressaltamos a importância dos estudos acerca do esporte na ciência geográfica. Principalmente após a Copa do Mundo de 2014, que significou uma grande mudança no futebol brasileiro. É na esteira do futebol moderno que a Geografia passa a se debruçar com maior intensidade, buscando compreender as nuances e as particularidades do espaço geográfico que podem ser mais bem compreendidas ou explicadas pelo estudo do esporte e, particularmente, do futebol.

Se o Brasil, nos últimos anos não vem assumindo uma posição de destaque à nível internacional dentro das “quatro linhas”, sendo eliminado por seleções europeias desde a Copa de 2006, não vencendo o prêmio de melhor jogador do mundo desde 2007 e amargando 20 anos de jejum de títulos mundiais, que sejamos fora delas, com análises criteriosas, mas ao mesmo tempo sensíveis. Sensibilidade esta que, ao que parece, ainda temos de sobra com relação a esse esporte e tudo que o rodeia.

1. A GEOGRAFIA E O ESPORTE

De forma geral, os estudos acerca da Geografia dos Esportes começaram a surgir no mundo ocidental, mesmo que timidamente, na década de 1960.

Além do trabalho do americano John Rooney, considerado pioneiro na Geografia dos Esportes, intitulado “*Up from the Mines and out for the Prairies: Some Geographical Implications of Football in the United States*”, de 1969, um pequeno texto de Terence M. Burley foi publicado na revista “*The Professional Geographer*” de 1962. Neste pequeno fragmento, intitulado “*A note on the geography of sport*”, o autor apresenta a importância do esporte e dos dias de lazer para o ser humano, mostrando as possibilidades de pesquisa em Geografia dos Esportes, defendendo a utilidade da área para os geógrafos em razão de sua importância econômica, suas implicações sociais, do entendimento do uso do solo urbano e outros (BURLEY, 1962, p.56).

Na década de 1970, mais estudos da área surgem. W. P. Adams, da Universidade de Trent, no Canadá, publicou o estudo “*Geography and Orienting*”, em 1972 no “*Journal of Geography*”.

O estudo buscava apresentar como o esporte Orientação, de origem sueca, poderia contribuir no ensino de Geografia. No estudo de Adams (1972), o esporte seria útil em trabalhos de campo e na construção e leitura de mapas.

Ainda na década de 1970, Rooney, considerado o precursor dos estudos da Geografia dos Esportes publica o livro “*A Geography of American Sport: From Cabin Creek to Anaheim*” (1974), um estudo mais completo sobre o estado de origem dos jogadores de basquete nos Estados Unidos nos anos de 1960, coletando dados dos locais onde os jogadores realizaram o ensino médio. O trabalho buscou dar uma visão mais aprofundada do artigo publicado na década de 1960.

Sobre os estudos de Rooney, Ravenel (1997, p.11) tece críticas sobre sua abordagem fortemente descritiva ao tratar da origem dos jogadores nos Estados Unidos. Ravenel argumentou sobre a necessidade de uma análise mais crítica acerca do tema, mas, por outro lado, também ressaltou a importância de Rooney ao propor um campo de pesquisa, que, na época, se mostrou inovador na Geografia.

Ainda nos Estados Unidos, Richard Pillsbury publica o estudo “*Carolina Thunder: A Geography of Southern Stock Car Racing*” em 1974 no *Journal Geography*. No estudo, o autor busca examinar as origens e a disseminação das

corridas de Stock Car para compreender se, de fato, o esporte é mais concentrado e mais popular no sul dos Estados Unidos (PILLSBURY, 1974).

Na década de 1980, os estudos se tornaram ainda mais comuns e, na Inglaterra, John Bale, um dos principais estudiosos do tema, começou a publicar suas pesquisas. Ravenel (1997, p.11) o identifica como discípulo dos estudos de Rooney. Bale publicou, em 1981, o artigo intitulado “*Geography, Sport and Geographical Education*”, ressaltando a importância dos esportes na vida moderna e como conceitos geográficos importantes e técnicas geográficas poderiam ser trabalhados em contextos esportivos, contribuindo para o ensino de Geografia. Muitos desses trabalhos publicados na segunda metade do século XX, trouxeram materiais cartográficos interessantes que contribuíram muito com o desenvolvimento e a popularização da Geografia dos Esportes no meio acadêmico.

Já em 1986, é publicado o “*Atlas of Industrializing Britain 1780-1914*” editado por John Lagnton e R. J. Morris. Por se tratar de um atlas sobre a ilha Britânica no período de desenvolvimento e expansão geográfica de inúmeros esportes, como o Rugby e o Futebol, são apresentados mapas interessantes sobre esses e outros esportes. Alguns desses mapas abordam a capacidade dos locais de jogos e a região de origem dos vencedores das copas nacionais de futebol, como a Scottish Cup, a Welsh Cup e a F. A. Cup, importantíssima para o desenvolvimento do futebol e mais antiga competição futebolística em atividade.

Fora dos Estados Unidos e da Grã-Bretanha, também surgiram estudos interessantes em Geografia dos Esportes. Em Portugal, Gaspar et. al. (1982) publicaram “*Transformações Recentes na Geografia do Futebol em Portugal*”, na *Revista Finisterra*.

Os autores sinalizaram mudanças na origem dos clubes participantes nas diferentes divisões do Campeonato Português de futebol. Além disso mostraram uma distribuição geográfica mais abrangente de participantes, reflexo das mudanças que ocorreram internamente no aparelho administrativo do futebol no país, bem como no nível das forças econômicas e sociais de Portugal (Gaspar et. al, 1982, p.306).

Ainda sobre trabalhos de Geografia dos Esportes com materiais cartográficos, ressaltamos o trabalho de Philippe Bourdeau, intitulado: “*L’escalade en France: des équipements sportifs à l’espace de pratique*”. O autor (1989) defende que as restrições geográficas relacionadas ao esporte de escalada diminuíram no território francês,

principalmente em decorrência da organização de locais artificiais de treino, reduzindo a dependência da prática do esporte aos locais montanhosos.

Além de artigos, trabalhos mais aprofundados também foram lançados na década de 1980, como livros e dissertações. Em 1988, um trabalho intitulado *“The Geography of Sport as a cultural process: a case of study of Lacrosse”* foi publicado por Cecile Marie Bodenhorst e, um ano depois, John Bale (1989) publicou o livro *“Sports Geography”*, provavelmente o mais tradicional livro sobre a área em língua inglesa.

Outros estudos da década de 1980 devem ser citados, como o documento de Katana J. J. *“The use and Impact of Sports in teaching geography”*, de 1986 e *“Sport: culture and geography”* de Wagner P. L. publicado em 1981.

Na década de 1990, os estudos foram mais frequentes, principalmente na América do Norte e na Europa. Na França, Jean-Pierre Augustin, ainda no final da década de 1980, publica o livro *“Espaces urbains et pratiques sociales”* e, em 1990, *“La perceé du football en terre de Rugby: L'exemple du sud-ouest français et de l'agglomeration bordelaise”*, tratando sobre a histórica dominação do Rugby no sudoeste francês, bem como do crescimento recente do futebol nessa região. Em 1997, o mesmo autor publicaria *“Les territoires émergents du sport”*, refletindo sobre as formas territoriais e as práticas esportivas.

No Brasil, estudos sobre esportes demoraram um pouco mais para serem desenvolvidos na ciência geográfica. Provavelmente, o principal nome da Geografia dos Esportes no Brasil foi Gilmar Mascarenhas de Jesus, professor da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, que elaborou suas pesquisas desde o final da década de 1990. Sua tese de Doutorado, intitulada *“A bola nas redes e o enredo do lugar: uma Geografia do futebol e de seu advento no Rio Grande do Sul”*, analisou o advento do futebol no Rio Grande do Sul, apresentando as características e as particularidades desse processo no estado gaúcho. Em três artigos publicados, intitulados: *“A Geografia dos esportes. Uma introdução”* (1999); *A Geografia e os Esportes: uma pequena agenda e amplos horizontes* (1999a) e *“A dimensão espacial dos esportes”* (2000), Mascarenhas defendeu a importância e as aplicações úteis dos estudos geográficos sobre o esporte para a ciência geográfica, especialmente quanto ao espaço urbano como, por exemplo, nas modificações que locais destinados a práticas de esportes poderiam gerar na configuração territorial.

Outro importante trabalho foi publicado por Mascarenhas em 2014: *Entradas e Bandeiras: a conquista do Brasil pelo futebol*, que contribuiu para o entendimento da disseminação do futebol no Brasil. O autor também orientou e participou de inúmeras bancas que trataram de temas esportivos relacionados à Geografia, contribuindo decisivamente para a disseminação da temática no Brasil.

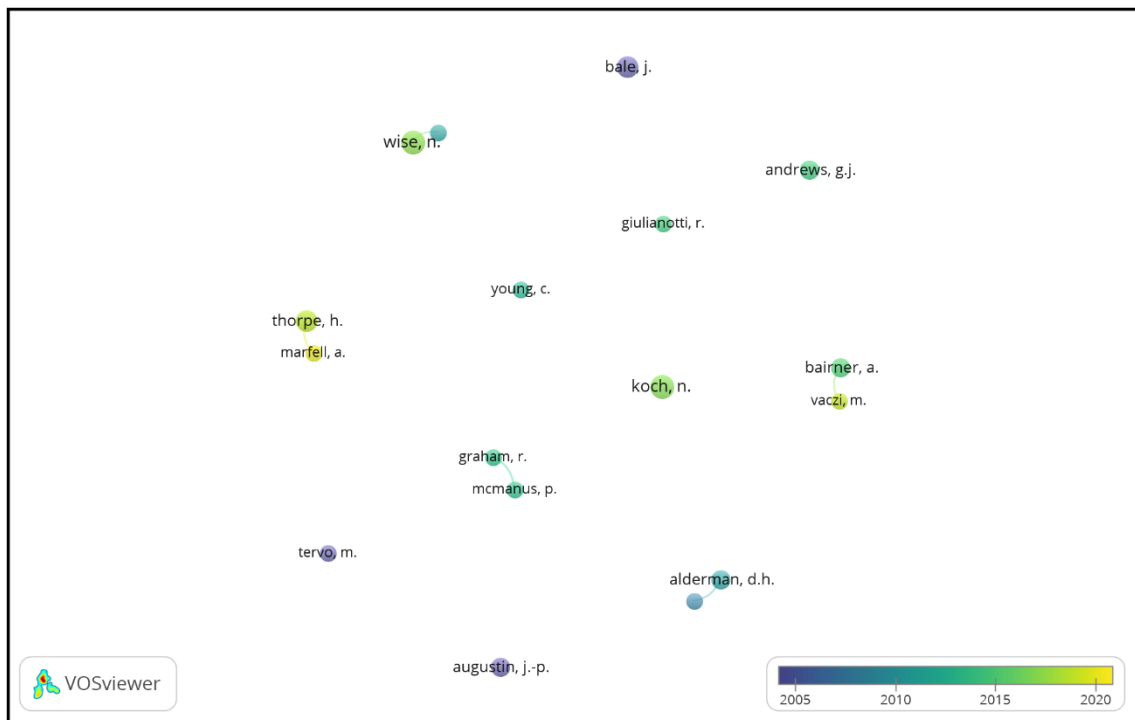
Além dos trabalhos de Mascarenhas, também ressaltamos as pesquisas em que o professor esteve presente na banca de defesa como convidado ou como orientador. Dessa forma, listamos alguns trabalhos, como o de Wesley Ferreira de Souza, intitulado: “Geografia do futebol brasileiro: esporte e relações político-econômicas” (2017); a pesquisa de Irlan Simões Santos: “Nova Cultura Torcedora: das arenas do futebol-negócio à resistência nas arquibancadas e redes” (2017); o trabalho de Demian Garcia Castro: “O Maraca é Nosso!": da "monumentalidade das massas" ao "padrão-FIFA - neoliberalização da cidade, elitização do futebol e lutas sociais em torno do Maracanã.” (2016); a pesquisa de Andréia Juliane Drula: “O processo de transformação de um estádio para arena: o caso da Arena da Baixada” (2015) e, por fim, a pesquisa de Paulo Miranda Favero “ Os donos do campo e os donos da bola: alguns aspectos da globalização do futebol” (2010). Essas e outras pesquisas demonstram a atenção crescente que é dada pela Geografia brasileira à Geografia dos Esportes.

A produção recente em Geografia dos Esportes se mostrou mais volumosa, abordando temas diversos como: os aspectos comerciais do esporte, a geopolítica do esporte e a importância da análise de dados.

Analisando os dados de bibliometria da base “Scopus” utilizando os termos “Sports Geography”, sem considerá-los como um termo único, foram encontrados 596 documentos dentre artigos, livros, resenhas, capítulos de livros e outros.

Através do processamento feito com o *software* VOS Viewer, os dados foram analisados buscando encontrar os autores que mais possuíam esses termos em seus documentos e a relação entre autores através de co-autoria. O mínimo de documentos de um autor foi posicionado em 3 e o número mínimo de citações por autor foi selecionado em 6. Essa medida buscou eliminar autores esporádicos que porventura tenham publicado conjuntamente com autores mais tradicionais da área. Dessa forma, 17 autores foram localizados segundo a análise proposta. As conexões não foram tão expressivas devido ao termo empregado nas buscas, o que permitiu a aparição de autores de países distintos e com pesquisas distintas.

Figura 1- Principais autores na base “Scopus Elsevier”



(Autor, 2021)

Partindo dos autores com trabalhos mais antigos para os trabalhos mais recentes, analisamos os principais temas abordados em seus artigos. Dentre os mais antigos, o britânico John Bale e o francês Jean-Pierre Augustin, tradicionais autores da Geografia dos Esportes, aparecem na análise. Além deles, a professora Mervi Tervo, da Finlândia, também aparece entre os autores com trabalhos mais antigos da análise. Como a trajetória dos dois primeiros autores já foi abordada, nos concentraremos na produção dos demais.

Mervi Tervo, com publicações que datam do início do século XXI buscou analisar os esportes, a identidade nacional finlandesa e questões relacionadas a gênero no esporte (TERVO, 2001,2002,2003).

Alderman D. H e Mitchelson R. L (2011), concentram suas pesquisas acerca das corridas automobilísticas americanas, como a NASCAR, categoria de Stock Car do país. Graham R. e Mc Manus (2012;2014) possuem publicações relacionadas à corrida de cavalos, não se concentrando apenas na análise geográfica, mas também nos aspectos sociais, econômicos e éticos do esporte, já que se trata de um esporte que emprega o uso de animais.

Richard Giulianotti (2012; 2015), por sua vez, apareceu na análise com estudos que relacionam grandes eventos esportivos, como as olimpíadas e assuntos referentes a globalização, o terrorismo e Soft Power.

Oriundo do Canadá, Gavin J. Andrews (2016;2017) apareceu na análise com artigos que buscam, dentre outros objetivos, contribuir para o desenvolvimento dos estudos espaciais do esporte e sobre formas de produção do espaço através do esporte no sistema carcerário. (NORMAN E ANDREWS, 2019).

John Harris (2011), oriundo da Escócia, com trabalhos em conjunto com N. Wise (HARRIS; WISE, 2007) e Richard Elliot (ELLIOT; HARRIS, 2014) concentra seus estudos na relação entre esportes e migração e geografias relacionadas ao Rugby, principalmente no Reino Unido.

Nicholas A. Wise (2016), em parceria com inúmeros autores, possui numerosos trabalhos no levantamento, abarcando temas variados que vão desde os grandes eventos esportivos (2016), passando pela discussão da identidade no esporte (2016a), desterritorialização esportiva (WISE; KIRBY, 2020) e novas abordagens e perspectivas para a Geografia dos Esportes (WISE; KOHE, 2020).

Natalie Koch também possui produção variada abordando inúmeros temas nos últimos anos, como análises críticas da Geografia dos Esportes (KOCH, 2016), abordando o espaço, o urbano (KOCH, 2018) poder, geopolítica (KOCH, 2020) e autoritarismo (KOCH, 2013).

Bairner A. e Vaczi M. concentram suas pesquisas em questões que abordam o esporte e aspectos nacionalistas (VACZI; BAIRNER, 2020) como o separatismo na Catalunha e na Escócia (VACZI; BAIRNER; WHIGHAN, 2020a).

Thorpe H. (2015;2020) possui produções que buscam ressaltar a importância do esporte em regiões que sofreram desastres naturais e, juntamente com Marfell A. (THORPE; MARFELL, 2020) buscam analisar espacialidades esportivas com aspectos relacionados a gênero (THORPE Et. Al., 2019).

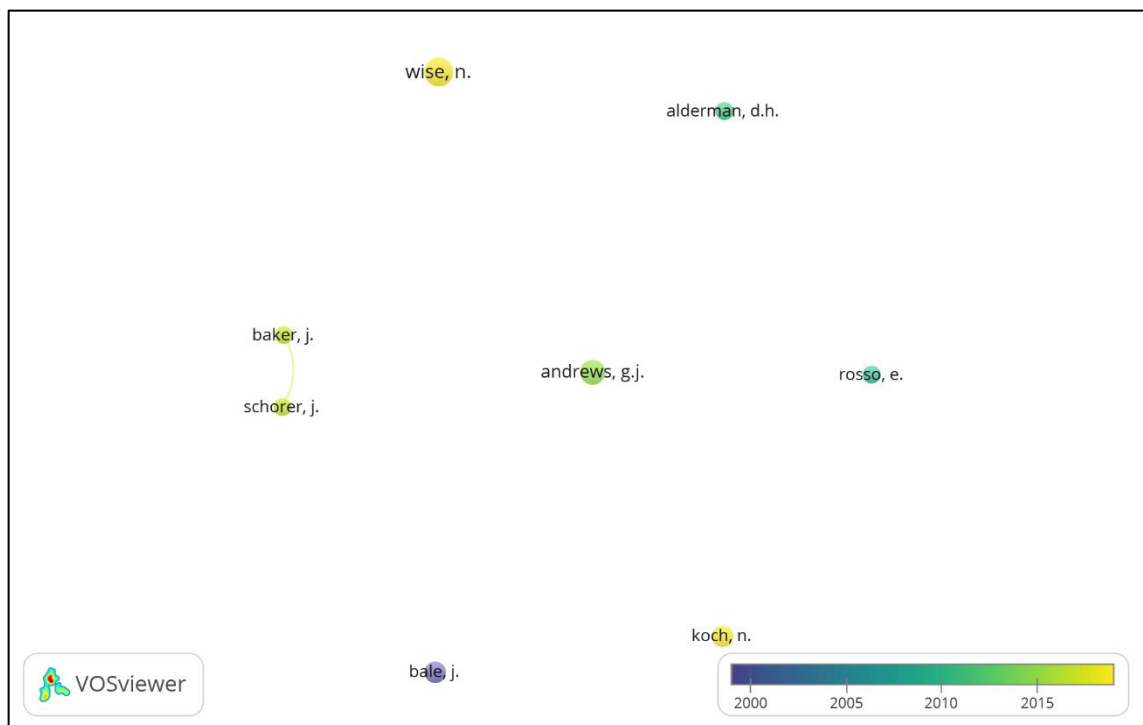
Realizando a análise considerando título, resumos e palavras-chave em busca de documentos com o termo único "Sports Geography" na base Scopus Elsevier, foram encontrados 55 documentos entre artigos, resenhas, livros e outros. Os documentos são datados desde o final da década de 1980 até 2021.

Com o auxílio do software VOS Viewer, buscamos encontrar os principais autores que publicaram documentos utilizando o termo citado acima, bem como suas contribuições em coautoria.

Foram selecionados os autores com ao menos dois documentos publicados e presentes na base de pesquisa para evitar autores esporádicos que pudessem aparecer apenas com uma pesquisa ou em trabalhos de co-autoria.

Nesta análise, 8 autores apareceram, a maioria já presente na análise anterior, como podemos ver na figura (Figura 2) abaixo.

Figura 2 - Principais autores na base “Scopus Elsevier” com termo único “Sports Geography”



(Autor, 2021)

Os autores que não haviam aparecido na análise anterior são: Edoardo G. F. Rosso, Joseph Baker e Jong Schorer.

Edoardo Rosso (2008; 2010), aparece na análise com dois documentos que relacionam a Geografia com o futebol feminino na Austrália, buscando analisar a organização espacial do futebol feminino e as conexões entre a escala local e a cena global do futebol.

Joseph Baker e Jong Schorer, por sua vez, estabelecem uma rede de coautoria, também aparecendo com dois documentos. Os pesquisadores buscam centrar seus estudos na Geografia do Hockey no gelo na América do Norte.

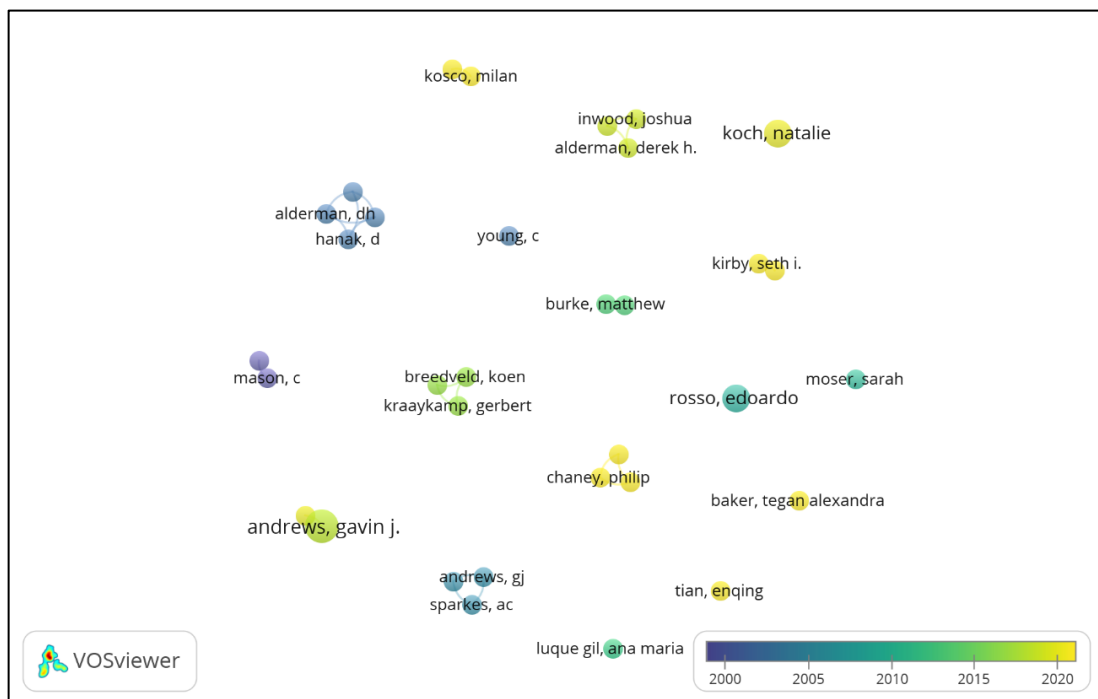
Um dos trabalhos busca analisar se o tamanho das comunidades de origem dos jogadores influenciou na convocação de atletas para disputar a NHL, principal liga norte-americana de Hockey (BAKER; SHUISKIY; SCHORER, 2014).

Em outro estudo, os autores tentaram analisar se a densidade populacional de cidades tem relação com maiores convocações de atletas para a NHL (FARAH ET. AL, 2018).

Análise parecida com as anteriores foi realizada na base “*Web of Science Core Collection*”, como pode ser visto na figura 3. Foram selecionados apenas artigos da base com o termo “*Sports Geography*” como tópico, abrangendo o título, os resumos e as palavras-chave. A partir da pesquisa, 22 documentos foram encontrados, mas um foi excluído após análise mais aprofundada por não se tratar de artigo de Geografia dos Esportes, mesmo contendo o termo pesquisado em seu resumo.

Essa análise só foi possível pela baixa quantidade de documentos encontrados nesta base, o que permitiu a leitura de cada um.

Figura 3 - Principais autores na base “*Web of Science*” com termo único “*Sports Geography*”



(Autor, 2021)

Devido à baixa quantidade de documentos encontrados, consideramos os autores que apresentaram qualquer número de documentos sem um mínimo de

citações. Dessa forma, 33 autores apareceram na análise e alguns que já estavam presentes nas análises da base *Scopus* apareceram novamente.

Dessa forma, destacamos apenas alguns autores como Ana Maria Luque com o artigo: “*Subject of Geographic Study and Research*”, publicado em 2012, na Espanha, que buscou ressaltar a importância dos estudos relacionados ao esporte na análise geográfica e Enqing Tian, oriundo da China, com o trabalho “*A prospect for the geographical research of Sport in the Age of Big Data*”, publicado em 2020, buscando apresentar os desafios das análises de dados computacionais na Geografia do Esporte.

2. PROCEDIMENTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS

A pesquisa teve como objetivo central analisar o processo de propagação do futebol no mundo, mais especificamente no estado do Paraná, bem como a territorialização das torcidas de futebol no território paranaense.

Para o alcance desse objetivo, em primeiro lugar foi realizada análise da literatura sobre Geografia dos Esportes. Foram consultadas bases de artigos nacionais e internacionais, a partir de autores clássicos, como o britânico John Bale e o francês Loïc Ravenel, em nível internacional e Gilmar Mascarenhas, em nível nacional. A partir desses autores, foram encontrados outros referenciais teóricos, como livros, dissertações e artigos, que foram úteis para a elaboração de um panorama histórico da área. O elenco das publicações feitas ao longo do século XX, entretanto, não teve o objetivo de ser exaustiva ou de conferir um histórico completo acerca das produções de Geografia dos Esportes, mas sim conferir um panorama inicial sobre as discussões desenvolvidas na área, sobretudo após a década de 1960.

Seguimos de forma parecida quando abordamos as análises bibliométricas das publicações relacionados ao tema mais recentemente. As bases “*Scopus*” e “*Web of Science*” foram as selecionadas para a elaboração de um panorama mais atual do tema, ainda que publicações antigas não tenham sido descartadas. O *software* VOSviewer, de código aberto, foi utilizado para a confecção dos diagramas de análise bibliométrica.

Para a compreensão do processo de propagação do futebol no mundo, principalmente na Inglaterra, na França, na Itália, na América do Sul e, especificamente, no Brasil, foram utilizados materiais diversos, como livros, dissertações, artigos, mapas e dados históricos. Procurou-se priorizar as particularidades de cada país, mas, ao mesmo tempo, identificar semelhanças e influências culturais que cada local sofreu. Sobre a disseminação do futebol pelo mundo e especificamente pela Grã-Bretanha, foram utilizados dois autores principais, como David Goldblatt (2007) e Tony Collins (2018).

Para a compreensão do processo de propagação do futebol na França, foram consultados os trabalhos de Loïc Ravenel (2007) e Geoff Hare (2003) que explicitam o esporte como um fenômeno urbano.

O texto de John Foot (2007) foi essencial para apresentar a propagação do esporte na Itália.

O entendimento da propagação do futebol juntamente com aspectos sociais na América Latina e Brasil, está embasado nos trabalhos de Andreas Campomar (2014), Bill Murray (2006), José Renato Sátiro Santiago Jr (2006) e Gilmar Mascarenhas (2014).

Já para o estado do Paraná, este estudo procurou enfatizar como as transformações geográficas moldaram o surgimento e propagação do futebol. Diversas foram as obras consultadas para esse fim, mas nos baseamos, principalmente, nos escritos de José Cação Ribeiro Junior (2004) e Heriberto Ivan Machado e Levi Mulford Chrestenzen (1990). Acerca do processo de desenvolvimento ocorrido no estado, sobretudo na década de 1960, foram utilizados, principalmente, Maria Helena Oliva Augusto (1978) e Vanderlei Rebelo (2007). Acerca da História do estado, nos baseamos principalmente em Ruy Christovam Wachowicz (2001).

Para a elaboração dos mapas de localização dos clubes que participaram do campeonato brasileiro, colhemos dados em sites especializados, como o da CBF e do Globoesporte.com, além do livro de José Renato Sátiro Santiago Jr. (2006), que aborda os dados dos campeonatos nacionais. Para a elaboração das tabelas, foi utilizado o *software* Microsoft Excel® e para a elaboração dos mapas, o *software* Qgis, de uso gratuito e de código aberto.

Para tratar da origem dos clubes nos baseamos, parcialmente em a “*Sports place theory*” de John Bale (1989), adaptada por Loïc Ravenel (1997), a partir da qual é possível pensar as territorialidades (dos clubes e de suas torcidas), hierarquias, bem como aspectos locacionais que evidenciam maior racionalidade organizativa do fenômeno esportivo em busca de rentabilidade (BALE, 2003).

Ravenel (1997), por sua vez, acredita que a teoria de Bale poderia ser facilmente adaptada para a elite do futebol francês, tal como foi feito pelo autor em seu estudo sobre o futebol de alto nível na França. Entretanto, segundo o autor francês, seria ilusório medir a correspondência desse modelo e da realidade esportiva nacional devido a uma falta de informação sobre a atração local e regional dos clubes na França (RAVENEL, 1997). Mesmo assim, o autor realiza seu estudo utilizando a teoria como base para elencar uma hierarquia esportiva no país, especificamente no futebol de “alto nível”.

Utilizando aspectos como a população das cidades e seus aspectos históricos e econômicos, Ravenel tentou classificar o sucesso esportivo dos clubes de futebol,

bem como a participação desses clubes nos níveis mais altos do futebol na França, em consonância com o nível das cidades em que estão alocadas.

No Brasil, em decorrência da grande diferença da rede urbana francesa e brasileira, considerar apenas a população como um dado classificador de hierarquia de cidades seria um equívoco, ainda que esse dado não possa ser totalmente descartado. Por esse motivo, Gallego Campos (2020) analisou o sucesso futebolístico dos clubes das cidades de porte médio do Brasil, considerando aspectos importantes das cidades, como o PIB, a posição em estudos de hierarquia urbana, se eram ou não capitais de estados e, também, os aspectos demográficos. O autor chegou à conclusão de que, com algumas exceções, existia relação positiva entre a hierarquia urbana e o sucesso futebolístico (clubes que venciam competições), assim como com o PIB da cidade. Para os autores, entretanto, não haveria relação positiva entre os aspectos demográficos da cidade e o desempenho esportivo.

Isso evidencia um aspecto importante desse tipo de análise. Apesar de os aspectos econômicos e comerciais serem muito importantes no esporte no século XXI, não é possível descartar as particularidades locais, como aspectos históricos, culturais e sociais, ainda mais no Brasil, país em que o futebol se desenvolveu de forma “isolada” por muitos anos em diversos estados, fruto da tardia integração nacional.

Portanto, mesmo que uma cidade não tenha uma população considerável ou um papel relevante na hierarquia urbana, não é possível, de antemão, garantir o insucesso esportivo nessa localidade ou mesmo a inexistência de um clube de futebol.

No Brasil, os aspectos históricos são importantes para a alocação de um clube em uma cidade. A tradição esportiva se faz presente, não apenas com a quantidade de torcedores disposta a assistir os jogos, mas também pela infraestrutura deixada por clubes anteriores.

O exemplo de Santos-SP, que não é uma capital, não está posicionada nos mais altos postos da hierarquia urbana e que não possui nem 500 mil habitantes, mas, mesmo assim, continua possuindo um clube de alto nível, é explicado, em boa parte, pela tradição e pela história do local.

Considerando a teoria de Bale (1989), a adaptação de Ravenel (1997), o texto de Gallego Campos (2020) e textos complementares, como o de Hervé Thery (2009), acerca do futebol e das hierarquias urbanas no Brasil, analisamos o campeonato brasileiro de futebol e seus participantes ao longo da história, abordando a influência política sobre o campeonato, os modos de classificação e as cidades de origem de

cada clube. Procuramos identificar as transformações do campeonato nas três principais divisões ao longo da história, bem como a distribuição geográfica dos clubes e suas modificações ao longo do tempo. O estado do Paraná, como área de estudo, teve atenção especial, principalmente o campeonato paranaense. Buscamos analisar todos os aspectos que poderiam ter influenciado na constituição do futebol no estado, como o avanço da infraestrutura, as modificações demográficas, as ações políticas e aspectos sociais e culturais.

Acerca do Paraná, além da forma como o futebol se estruturou, buscamos compreender como se deu o processo de desenvolvimento do estado no século XX, já que o futebol, como esporte moderno, chega ao estado no início do mesmo século.

Após esse panorama inicial do estado, buscamos analisar a distribuição territorial das torcidas, elencando as possíveis territorialidades de torcidas de clubes “forasteiros”, principalmente gaúchos e paulistas. Para isso, foram utilizadas pesquisas históricas sobre a quantidade de torcidas no Brasil de diferentes fontes de pesquisa de “opinião”.

Através de pesquisa coordenada pelo site Globoesporte.com em parceria com a rede social “*Facebook*”, elencamos as principais torcidas de cada município paranaense na rede social em questão, buscando, se não esgotar a questão da territorialização dos torcedores no Paraná, ter, ao menos, uma *proxy* de sua geografia.

Outra fonte utilizada para a identificação da origem dos torcedores paranaenses, foi a plataforma “*Google Trends*”. Coletamos, no território paranaense, os valores de busca referentes a termos de consulta específicos que remetessem diretamente ao clube que estávamos interessados. Os valores são classificados de 0 a 100, em que 0 (zero) representa o local que não teve quantidade de buscas significativas, enquanto 100 (cem) representa o maior número de buscas no período.

Alertamos que esses procedimentos não se constituem como pesquisas de torcidas. Ou seja, não podemos afirmar que um município ou uma região do território paranaense tem maior torcida de clube A ou B por meio dessa análise. A espacialização feita a partir desses métodos visa conferir um panorama inicial acerca das torcidas no Paraná devido à escassez de levantamentos sistemáticos e universais.

Todos os materiais cartográficos elaborados acerca das torcidas de futebol no estado do Paraná foram realizados com o software Qgis, de código aberto.

3. A GEOGRAFIA DO FUTEBOL: A BOLA NA REDE DO ESPAÇO-TEMPO

Bem antes da formação e constituição do futebol como esporte moderno e global, a humanidade já possuía seus diversos esportes e jogos. O simples ato de chutar algo redondo é extremamente antigo na história. Inúmeras civilizações e sociedades possuíam jogos que utilizavam bolas ou artefatos esféricos. Golblatt (2007) elenca vários povos que possuíam jogos e esportes que utilizavam os pés e/ou uma bola, como os Chineses, das dinastias *Han* e *Tang*; os Japoneses, com o jogo chamado *Kemari*; os aborígenes australianos, com o *Marn Gook*, a Europa antiga, com o *Harpastum* e “*La Soule*” na França medieval.

O jogo moderno, com a padronização das regras, surgiu na Grã-Bretanha no final do século XIX. Nessa época, o futebol era, de certa forma, marginalizado pela elite em detrimento de outros esportes, como o críquete.

A Era Vitoriana enxergava uma forte relação entre a saúde física, corporal e mental, como nos mostra Goldblatt. De acordo com o autor, “O esporte ensinou simultaneamente as lições essenciais de cooperação e competição que tal elite exigiria”(Tradução nossa)¹. O autor ainda complementa que os jogos ganharam grande importância na sociedade e nas *public schools*² da Grã-Bretanha em meados do século XIX (GOLDBLATT, 2007, p. 27-28). Não foi apenas o futebol ou o que viria a ser o futebol que ganhou espaço. Esportes como o críquete, o boxe, o atletismo, o hockey britânico e outros que já eram populares se tornaram ainda mais.

Como o futebol se mostrou uma peça importante para a Inglaterra vitoriana, começou-se a discutir o estabelecimento de regras, já que as diversas “*public schools*” possuíam seus próprios regulamentos, ainda que, muitas vezes, não escritos. Como cada escola possuía suas regras, foram nessas e outras instituições que o problema das regras distintas apareceu com maior força.

De acordo com Collins (2019, p.5) “Cada uma das principais escolas inglesas - Eton, Harrow, Charterhouse, Rugby, Winchester, Westminster e St Paul's - jogaram o

¹ Sport simultaneously taught the essential lessons of cooperation and competition that such an elite would require” (texto original).

² O termo “Public Schools” não foi traduzido para não gerar confusão de significado. As “Public schools do Reino Unido do século XIX eram internatos de caráter aristocrata em que as famílias de classe média enviavam seus filhos para receberem educação moral e religiosa. Muito diferentes, portanto, das escolas públicas brasileiras.

futebol de acordo com seu próprio conjunto de regras”(tradução nossa).³ Como os estudantes eram oriundos das diversas “*public schools*” britânicas, carregavam consigo as diferenças de regras do curioso esporte. Algumas escolas utilizavam apenas os pés para mover a bola em campo, através de chutes e dribles, enquanto outras permitiam carregar a bola com as mãos. (GOLDBLATT, 2007, p.29).

Em Sheffield, o futebol antigo já estava presente desde as décadas de 1830 e 1840, culminando com a criação do Sheffield Football Club, em 1857, o mais antigo clube de futebol em atividade no mundo.

Com as muitas diferenças entre as regras, tentou-se criar um único código através de reuniões de clubes de garotos que representaram as *public schools*. Mesmo com essas reuniões, realizadas entre 1862 e 1863, algumas diferenças se mostraram irreconciliáveis (GOLDBLATT, 2007, p.37). As grandes diferenças entre as regras, principalmente em poder ou não carregar a bola com as mãos e poder ou não derrubar o adversário deliberadamente, impediram a formação de um código uno.

Nesse caso, não houve acordo e a *Football Association* se formou com regras que priorizavam o jogo com os pés. Por outro lado, em Sheffield, onde o futebol antigo também era popular, regras próprias foram criadas e a *Sheffied Association* foi formada em 1867, 4 anos depois da *Football Association* de Londres. As diferenças marcantes estavam nas regras, mas também, nas características de campo utilizadas para os jogos.

Alguns problemas de regras que ainda resistiam foram praticamente solucionados com o compartilhamento de regras entre a associação londrina e a de Sheffield e pela formação da *Rugby Football Union*, em 1871, que reuniu, grosso modo, os que preferiam o jogo que permitisse carregar a bola com as mãos (GOLDBLATT, 2007, p.32). Em 1871, foi criada uma das competições que serviriam para consolidar o *Football Association*, ainda em processo de expansão na sociedade britânica: a *FA Challenge Cup*, conhecida atualmente como *FA CUP*.

O esporte, predominantemente ligado à alta sociedade, começou a atingir outras classes no último quartel do século XIX, na Grã-Bretanha. A região de *Lancashire* logo começou a adotar o futebol e as equipes passaram a levar pequenas multidões aos campos. Com isso, os industriais e os operários começaram a participar mais ativamente do esporte. Essa transformação levou a uma grande discussão que

³ “Each of the leading English public schools – Eton, Harrow, Charterhouse, Rugby, Winchester, Westminster and St Paul’s – played football according to its own unique set of rules” (texto original).

não se restringiu apenas à Grã-Bretanha: o profissionalismo. Essa curiosa discussão emergiu, em boa parte dos países, quando a classe trabalhadora teve acesso ao esporte. Diferentemente da classe aristocrática, os trabalhadores não poderiam jogar sem se preocupar com suas fontes de renda, ainda mais em uma sociedade em que a jornada de trabalho operário facilmente ultrapassava as 12 horas diárias.

Em 1882, o *Blackburn Roovers*, equipe do norte inglês, formado predominantemente por operários, chegou até a final da *FA Cup*, sendo a primeira equipe operária do norte inglês a fazer tal feito (GOLDBLATT, 2007, p.37). No ano seguinte, o *Blackburn Olympic*, por sua vez, venceu o *Old Etonians*, clube aristocrático que havia derrotado o *Roovers* no ano anterior (COLLINS, 2017, p.60). Foi a primeira vez que uma equipe operária do Norte venceu a *FA cup* e simbolizou a vitória do profissionalismo no futebol inglês. É possível notar uma diferenciação geográfica nos primórdios do futebol moderno na Inglaterra, com clubes aristocráticos ao sul e com clubes operários ao norte. Essa divisão aristocracia *versus* classe operária seria uma constante em inúmeros países conforme o esporte se expandia pelo mundo.

As conexões de transportes, por sua vez, ainda não eram as ideais na Inglaterra Vitoriana no final do século XIX, especialmente entre o norte e o sul do país. Entretanto, uma vez melhoradas, contribuíram sobremaneira para levar o futebol rumo ao sul (GOLDBLATT, 2007, p.40).

A questão do profissionalismo ganhou maior vulto quando as equipes dos operários começaram a dominar a *FA Cup*, deixando as equipes amadoras e representadas pela elite pelo caminho, sendo costumeiramente eliminadas dos campeonatos amadores. Alguns integrantes dessas equipes operárias recebiam certas quantias para jogar, contrariando os jogadores das equipes amadoras e as federações, como as *FA* de Londres e a de Sheffield, que entendiam que o futebol não deveria ser um esporte voltado ao lucro.

Como a prática era proibida, os clubes faziam uma série de malabarismos para pagarem os jogadores e não serem pegos. Com o profissionalismo, clubes amadores tradicionais como o *Corinthians* acabaram se enfraquecendo. Após a I Guerra Mundial, a equipe se enfraqueceu de vez. Em outras palavras, o grande ato que motivou a questão do profissionalismo foi a popularização do futebol entre as classes baixas, especialmente entre os operários industriais.

O salário dos operários começou a subir no último quartel do século XIX, assim como outras mudanças, como na semana de trabalho. Como já foi dito, o acesso aos transportes também contribuiu com o maior acesso ao futebol. De acordo com Goldblatt (2007, p.53):

A industrialização das tecnologias de transporte e de infraestrutura propiciaram o tamanho crescente das multidões e o alcance geográfico ampliado das ligas e competições de copas.⁴ (Tradução nossa).

O avanço da educação entre a classe operária também contribuiu para o crescimento do esporte, uma vez que isso auxiliou no crescimento de mercados secundários, como a imprensa especializada. Por volta de 1885, o profissionalismo teve que ser aceito, de fato, pela FA.

O crescimento e a popularização do esporte atraíram inúmeros torcedores para os campos de jogo (muitas vezes, os jogos eram disputados em campos de cricket). Logo, esses campos passaram a não suportar a crescente demanda de público. Com isso, na última década do século XIX, os clubes ingleses começaram a buscar novos lugares e construir estádios. Essa situação, junto com a cobrança de entradas para os jogos, começou a gerar uma divisão social no público. Mesmo assim, os operários contribuíram muito para o crescimento dos clubes de futebol na Grã-Bretanha.

Se no começo o futebol esteve muito ligado à aristocracia e às *public schools*, no século XX o esporte já era uma febre entre a classe operária. Como ela era formada por migrantes e ingleses das diversas religiões, como o catolicismo e o protestantismo, alguns clubes ganharam o status identitário, formando algumas rivalidades, como o *Old Firm*, na Escócia, disputado pelo *Celtic*, historicamente identificado com o catolicismo, e o *Glasgow Rangers*, historicamente identificado com o protestantismo.

Esse tipo de rivalidade, somado ao uso de álcool, estádios lotados e falta de segurança, contribuíram para que as primeiras tragédias acontecessem, com crescentes brigas em inúmeros jogos.

No Reino Unido, o esporte também chamou a atenção das mulheres. Mulheres praticavam o futebol no final século XIX nas escolas e universidades inglesas. Em 1895, foi organizado o primeiro jogo feminino de que se tem notícia. Entretanto, o

⁴ “The industrialization of transport technologies and infrastructure underwrote the increasing size of crowds and the enlarged geographical scope of leagues and cup competitions.” (texto original)

establishment do futebol masculino se organizou para dificultar a prática, clamando para um suposto perigo à saúde das mulheres. Dessa forma, as esperanças de crescimento do futebol feminino cessaram já no início do século XX, com as federações notificando os membros para que não apoiassem os jogos femininos (GOLDBLATT, 2007, p. 78). No Brasil, no século XX, criou-se uma lei para impedir que as mulheres praticassem o esporte (decreto-lei nº 3.199 de 1941).

Se o esporte avançava no Reino Unido, especialmente na Inglaterra e na Escócia, no resto da Europa e do mundo, o futebol ganharia seu espaço através da forte presença inglesa em outros países. Os navios mercantes e de guerra, os marinheiros, banqueiros, professores e viajantes ingleses ajudaram a espalhar a cultura do país de origem, sendo o esporte uma dessas vertentes. Por meio dos intercâmbios, clubes amadores ingleses contribuíram para a disseminação do esporte, realizando jogos mundo afora, inclusive no Brasil.

A expansão do esporte para a Europa continental se deu, primeiramente, nos países que possuíam forte relação marítima com a Grã-Bretanha, como os Países Baixos. Como se sabe, a Inglaterra da Era Vitoriana possuía diversas colônias diretas nos “quatro cantos” do mundo. Contudo, também existiam as colônias indiretas, aquelas que recebiam fortes investimentos ingleses, como a construção de linhas férreas e indústrias. Com essa movimentação, vários britânicos se deslocaram mundo afora e, com eles, seus costumes culturais e formas de associação, como o esporte. Assim, o esporte foi um forte elemento da dominação britânica. Não apenas o futebol, mas o rugby, o remo, o cricket e outros esportes ainda têm seu prestígio em inúmeros países devido a influência britânica.

A expansão do futebol se fez possível também devido a outros fatores, como o avanço da urbanização, das elites e da industrialização (GOLDBLATT, 2007, p.114). Em vários países que abraçaram o futebol, as elites o fizeram primeiro e, devido a várias exigências, excluíram as classes baixas do acesso ao esporte em seus primórdios. Por vezes, a forte presença inglesa causou descontentamento por parte de setores nacionalistas, o que atrasou ou dificultou o avanço do esporte, como ocorreu no caso irlandês.

Os valores educacionais e filosóficos que a Grã-Bretanha representava, motivou os britânicos presentes nas colônias a enviar seus filhos ao país de origem para estudar, adquirindo os modos e a educação inglesa. Nas colônias informais, técnicos, professores, investidores, profissionais relacionados aos transportes,

industrialistas, engenheiros e outros foram requeridos, especialmente nos países que iniciavam seus processos de industrialização.

As características do futebol se repetiam na maioria dos países, embora também adquirindo particularidades locais. Tratava-se de um esporte restrito aos homens, com esporádicos jogos femininos, de característica urbana e geralmente jogado pela elite, ainda que posteriormente tenha se expandido para a classe trabalhadora.

As multidões se reuniam na Europa, na América do Sul e em outras partes do mundo para acompanhar os jogos dos clubes amadores ingleses que excursionavam por diversos países, arrastando multidões e gerando inspiração para a prática do esporte.

Como foi dito, a expansão do futebol na Europa continental se deu pelos portos escandinavos e dos Países Baixos. Foram nesses países que a industrialização e a urbanização ocorreram de forma mais rápida bem como o avanço dos transportes (GOLDBLATT, 2007, p. 119). Esses países também mantinham ligações com a Grã-Bretanha, especialmente através de seus portos.

Entretanto, ao contrário de muitos países que foram “conquistados” pelos ingleses, nos Países Baixos e nos países escandinavos, os britânicos eram vistos, frequentemente, com bons olhos. Neles, as escolas receberam educação inglesa e os professores levaram consigo os esportes ingleses (GOLDBLATT, 2007, p.120). Em 1876, esses “*scholars*” fundaram o primeiro clube da Europa Continental, em Copenhague. Na Holanda, os filhos da pátria que haviam ido estudar na Inglaterra retornaram nos anos de 1870 e fundaram clubes por todo o território.

Goldblatt salienta o importante papel que as ferrovias tiveram para que o esporte sofresse um *boom*. As competições organizadas cresceram com a possibilidade de viagem entre as cidades. Para Goldblatt (2007, p.123):

Tão central foi o desenvolvimento das ferrovias para o futebol holandês que em 1919 havia uma correspondência exata entre as cidades que ainda não tinham uma estação ferroviária e aquelas que não tinham um time de futebol⁵. (Tradução nossa).

⁵ “so central was the development of the railways to Dutch football that in 1919 there was an exact correspondence between the remaining towns without a railway station and those without a football team” (Texto original).

A importância das ferrovias para a expansão do futebol seria crucial em inúmeros países, como no Brasil, principalmente no estado de São Paulo e no Rio Grande do Sul.

Outro país em que o futebol teve desenvolvimento interessante foi a França. Estando na rota do comércio inglês, a França também registrou a chegada do futebol, primeiramente, em cidades portuárias e grandes cidades a partir da fundação de clubes por britânicos. Em 1872, surge o *Le Havre Athletic Club*, na localidade portuária de Le Havre (RAVENEL, 1997, p.82) .

Os esportes se mostraram importantes para a sociedade francesa do final do século XIX, especialmente após a derrota na Guerra Franco-Prussiana frente à Prússia de Bismarck. O preparo físico da juventude estaria em conformidade com a ideia de anti-declínio francês e a preparação da juventude para a “guerra da vingança” contra o futuro Estado alemão. No princípio, os clubes eram formados por britânicos e que, assim como em outros países, dificultaram a participação dos autóctones. Além disso, esses clubes não eram exclusivamente de futebol, mas também de outros esportes, como o críquete e o rugby. Apenas em 1892 surge o primeiro clube de futebol essencialmente francês, *Le Club Français* (HARE, 2003, p.16).

Antes da Primeira Guerra Mundial, o futebol na França esteve muito ligado às elites, o que fez com que o esporte se espalhasse para localidades específicas do território, como as cidades portuárias próximas ao Canal da Mancha, portos mediterrâneos, como Marselha e a capital, Paris (HARE, 2003, p.17).

A existência da “*Soule*”, esporte francês parecido com o futebol e praticado principalmente na região da Bretanha, também facilitou a adoção do futebol como esporte. Por outro lado, o rugby encontrou terreno fértil na região sudoeste francesa pela existência prévia da “*Barette*”, jogo local parecido com o Rugby inglês (HARE, 2003, p.17 e 43). Até os dias atuais, esta é a região francesa que concentra boa parte dos clubes de rugby e ofereceu certa resistência histórica ao futebol.

Apesar do avanço do esporte registrado no final do século XIX e início do século XX, um campeonato essencialmente francês só surgiu na década de 1930, no período entreguerras.

A questão do profissionalismo no esporte, outro problema registrado em inúmeros países, também ocorreu na França. Após um período de “amadorismo

marrom⁶” e de falso profissionalismo, o campeonato de 1932 trouxe o profissionalismo à liga francesa. Ao contrário de inúmeros países, o profissionalismo na França foi liderado por ricos industrialistas, como Jean Pierre Peugeot, que assim como Agnelli e a Fiat na Itália, promoveu e investiu profissionalmente em uma equipe local, o Sochaux, realizando a fusão dele como o AS Montbéliard (HARE, 2003, p.20).

Em 1932, 20 equipes participaram do campeonato francês dividido em zonas geográficas norte e sul.

Contudo, todo o desenvolvimento visto após a década de 1930 sofreria um grande revés com a eclosão da Segunda Guerra Mundial e a ocupação do território francês. A competição nacional foi seriamente afetada, com alguns campeonatos zonais sendo disputados, mas nada comparado com o campeonato que havia anteriormente.

A situação só melhoraria após a Guerra e as transformações que ocorreriam na França, especialmente na década de 1960, com o êxodo rural e a aceleração do fenômeno urbano no país. Antes da década de 1960, algumas pequenas e médias cidades francesas tinham equipes de futebol competitivas, chegando a conquistar o campeonato nacional ou a copa francesa.

O futebol na França também teve a particularidade de aceitar investimentos públicos em equipes de futebol desde o século XX. Foi comum no país o investimento das prefeituras em equipes locais como forma de fomentar a identidade local e o esporte. Mesmo em Paris, a prefeitura já desembolsou cifras consideráveis em verbas para os clubes da cidade. Além disso, inúmeros prefeitos utilizavam essa “tradição” para aumentar seus prestígios e conseguir reeleições.

De acordo com Hare *apud* Grandemange e Cazali (2002), o apoio financeiro dado por autoridades locais através do sistema de subvenções que apoiam os clubes representou, em média, 4% das receitas dos clubes da primeira divisão francesa e 15% das receitas dos clubes da segunda divisão na temporada 2000/2001.

Há ainda o exemplo de Marselha, onde a prefeitura estava acostumada a conceder 5 milhões de francos em subsídios para o *Olympique de Marseille*, clube da cidade, além de não cobrar o clube pelo uso do estádio municipal (HARE *apud* SAMSON, 2000).

⁶ O amadorismo marrom foi um período marcado pelo pagamento de jogadores amadores de forma informal, já que receber salários para jogar futebol era proibido pelas associações de futebol.

Ainda sobre o desenvolvimento e expansão do futebol na França, podemos dizer que o jogo, de forma geral, se desenvolveu em pequenas cidades que possuíam indústrias, sendo, portanto, o contrário do que houve na Inglaterra, que teve inúmeras cidades industriais como centros importantes do futebol como Liverpool, Sheffield, Manchester e outras.

Segundo Hare (2003, p.37) a Revolução Industrial na França no século XXI:

não foi uma grande explosão demográfica e uma explosão de grandes cidades novas. Ao invés de afetar todo o país, afetou bolsões de população, principalmente no norte ao redor de Lille (incluindo Roubaix, Turcoing e Lens), no nordeste (Alsace-Lorraine-Strasbourg, Metz, Nancy, o centro e sudeste (por exemplo, Saint Etienne e a área de Lyon), ao redor da conurbação de Marselha, e a região de Paris⁷(Tradução nossa)

Essa situação contribuiu para que cidades do interior tivessem indústrias, as chamadas “*ville usine*”, cidades com uma única indústria, mas ainda assim consideráveis. Essas indústrias apoiaram os clubes locais (geralmente cada localidade tinha um único clube), contribuindo para que chegassem ao nível nacional de forma competitiva frente às equipes de localidades médias e grandes.

Para Hare, essa expansão do futebol que ocorreu nos anos de 1920, com o crescimento de jogadores e público, aliado à profissionalização, contribuiu para que a Geografia do futebol francês, na época, refletisse a geografia econômica industrial da França (2003, p. 38).

Entretanto, Ravenel (1997) alerta para os reducionismos de outros autores acerca do futebol na França, que associam os clubes ligados às fábricas a uma suposta “região” industrial. Assim como apontado por Hare anteriormente, muitos desses clubes estavam, de fato, ligados à indústria, mas não estavam inseridos em uma região industrial de fato, como ocorreu na Inglaterra, onde os times da região industrial e carbonífera, como Sheffield, Manchester, Liverpool e outras localidades desenvolveram fortes clubes no final do século XIX e início do século XX.

Em decorrência também dessa situação, localidades como Cannes, Sète e Montébeliard tiveram equipes competitivas no início do profissionalismo, alcançando

⁷ “(...) was not a massive upheaval of population and a Spawing of major new cities. Rather than concerning the whole country, it affected pockets of population, mainly in the north around Lille (including Roubaix, Turcoing and Lens), the northeast(Alsace-Lorraine-Strasbourg, Metz, Nancy, the centre and South-east (e.g. Saint Etienne and the Lyon área), around Marseille conurbation, and the Paris region.” (texto original).

o título em algumas ocasiões. Para se ter uma ideia, atualmente o campeonato francês é dominado por centros urbanos consideráveis do ponto de vista populacional e das funções urbanas. Nas últimas 20 edições, o título ficou em Paris em 7 oportunidades; 7 em Lyon, 2 em Lille, 1 em Bordeaux, Marseille e Montpellier.

Após a Segunda Guerra Mundial e o processo de êxodo rural e urbanização na França, as equipes do interior perderam força, ainda mais com a desaceleração industrial nessas localidades (RAVENEL, 1997).

A mudança urbana ocorrida na França contribuiu para que as equipes que tiveram excelentes resultados no início da era profissional caíssem para divisões inferiores e nunca mais voltassem para a elite do futebol francês de forma constante. Como Hare (2003, p.60) nos mostra, o futebol na França por muito tempo se apoiou nas pequenas cidades.

Como vimos, o futebol se desenvolveu com mais sucesso na França, pelo menos até a crise do petróleo e a recessão dos anos 70 e 80, em torno de clubes de pequenas cidades apoiados por uma comunidade de classe trabalhadora homogênea e patrocinados pelas dominantes empresas familiares e pela autoridade local.⁸ (Tradução nossa)

Atualmente, contudo, o panorama é outro, sendo as grandes cidades as dominantes do campeonato nacional de futebol.

Uma das características da Geografia do futebol francês por décadas foi a falta de uma grande equipe na capital que pudesse representar o país em competições internacionais, tal como a Espanha, a Holanda e mesmo a Inglaterra. Por muitos anos, mesmo a nível nacional, Paris não teve uma equipe competitiva. Atualmente, a cidade conta com uma grande equipe que é um dos símbolos do futebol moderno na Europa pelo tipo de gestão: o Paris Saint Germain.

O clube, fundado em 1970, teve inúmeros administradores em sua história, incluindo o canal de televisão “*Canal +*”. Em 2011, foi comprado por investidores ligados ao governo do Catar, embalados pela euforia da escolha do país como sede da Copa do Mundo de 2022

⁸ “As we have seen, football developed most succesfully in France, at least until the oil crisis and the recession of the 1970s and 1980s, around small town clubs supported by a homogeneous working class Community and sponsored by its dominant Family firm and the local authority.” (texto original).

Na Inglaterra, inúmeros clubes possuem donos estrangeiros, como o *Chelsea FC*, clube londrino que foi comprado por um investidor russo, assim como o *Mônaco FC*, outro clube francês.

Essas são marcas de um “novo futebol”, muito mais atrelado ao mundo comercial e financeiro, com as equipes sendo vistas como verdadeiras empresas com grande potencial lucrativo através de seus torcedores/consumidores.

Ao analisar os campeonatos nacionais da França, não se nota uma concentração geográfica dos vencedores ao longo da história. Ravenel (1997, p.46) aponta que cidades industriais, como Roubaix e Saint Etienne, cidades ricas do Mediterrâneo, como Mônaco e Nice, cidades pequenas, como Auxerre e Sète e as grandes aglomerações como Paris, Bordeaux, Nantes, Marseille e Strasbourg, possuem equipes que já foram campeãs do campeonato nacional.

No Brasil, isso não se repete por inúmeros motivos, que veremos posteriormente, havendo uma clara concentração dos campeões nacionais nas grandes cidades dinâmicas do Sudeste.

De um modo geral, Ravenel (1997, p.49) tenta demonstrar “que, assim como o nível das equipes, a hierarquia urbana determina as possibilidades de competição esportiva”⁹ (Tradução nossa).

Utilizando como base a teoria dos lugares esportivos de Bale (1989), Ravenel tenta analisar a distribuição dos clubes de “alto nível” no território francês.

A primeira relação seria com a população, que seria o público consumidor da equipe. Em um raciocínio rápido e simples, as melhores equipes estariam nos locais com maior concentração populacional. Na França, ao analisar o fenômeno em escala nacional, percebe-se que isso de fato acontece no futebol, pelo menos na análise feita por Ravenel na temporada 1994/95. Claro que com algumas exceções, como do oeste francês, que conta com muitos clubes quando comparado com sua população, enquanto as regiões central e sudoeste se distinguem pela pequena quantidade de clubes de futebol. Ainda, para Ravenel (1997, p.52) “insistamos mais na própria existência da relação que assimila o futebol globalmente a uma distribuição demográfica e o insere no âmbito de uma atividade humana banal”¹⁰ (Tradução nossa).

⁹ (...) qu'à la manière du niveau des équipes, la hiérarchie urbaine détermine les possibilités de concurrence sportive (texto original)

¹⁰ insistons davantage sur l'existence même de la relation qui assimile globalement le football à une distribution démographique et l'insere dans le cadre d'une activité humaine banale”. (texto original)

Entretanto, o autor ainda recorda que a lógica demográfica não se aplica a todos os esportes, citando os casos do vôlei e do basquete italiano, que na ocasião se concentravam na região norte italiana.

É por esse motivo que a distribuição populacional e a lógica econômica, não devem ser as únicas levadas em consideração para a compreensão da geografia dos esportes em um determinado país, sobretudo no que tange à localização dos clubes.

A variável histórica também representa um aspecto importante para esse tipo de análise, uma vez que os clubes erguidos no passado, muitas vezes deixam aspectos relacionados à tradição esportiva local, como estruturas esportivas diversas, verdadeiras marcas históricas no espaço, que contribuem para o prosseguimento da prática no local.

Além disso, a questão do histórico da prática de um esporte por parte de um povo específico, também contribui para a localização e o sucesso de uma modalidade esportiva entre os habitantes de uma determinada região, como o rugby no sudoeste francês e o futsal, no sul do Brasil.

O mapa do futebol francês é coberto regularmente pelos diferentes níveis esportivos, como mostra Ravenel (1997, p.55). Mesmo nas divisões inferiores, não é possível dizer que há uma expressiva aglomeração geográfica, como no Brasil.

Ravenel (1997, p. 58) conclui haver, após análise, certa dependência entre o tamanho das cidades e o nível de competição dos clubes.

Uma simples observação nos assegura que as melhores equipes estão localizadas nas grandes cidades porque podem atrair um grande público, beneficiar-se do apoio de empresas e autoridades locais com meios financeiros significativos, e utilizar a infra-estrutura e as instalações disponíveis. Por outro lado, em cidades menores, a falta de espectadores, instalações de menor qualidade e financiamento reduzido limitam o acesso às divisões superiores da hierarquia.¹¹(Tradução nossa)

É preciso deixar em evidência que as análises feitas por Ravenel acerca da França, dizem respeito a um momento em que o futebol é um atrativo fortemente comercial, ao contrário dos anos de 1930, quando clubes de cidades pequenas tinham

¹¹ “Une simple observation nous assure que les meilleurs se situent dans les grandes agglomérations car ils peuvent attirer un nombreux public, bénéficier du soutien d’entreprises et de collectivités locales aux moyens financiers importants, utiliser les infrastructures et les équipements présentes. À l’inverse, dans de plus petites cités, le manque de spectateurs, des équipements de moins bonne qualité, des financements réduits, limitent l’accès aux divisions supérieures de la hierarchie” (texto original).

bons desempenhos com relação aos clubes de Paris e de outras grandes aglomerações.

Ravenel ainda analisa a relação entre localização do número de clubes em inúmeros esportes e o tamanho populacional das cidades. Nesse caso, a teoria do lugar esportivo, de Bale, se confirmaria com a maioria das equipes de alto nível se localizando em Paris e Marseille, as duas maiores cidades francesas (RAVENEL, 1997, p. 63).

Outro país em que o futebol se tornou extremamente popular foi na Itália. Assim como aconteceu na França, as cidades portuárias receberam o jogo no final do século XIX. Livorno, Gênova, Palermo e Nápoles possuíam portos importantes e com grande contato com os navios ingleses que seguiam ou voltavam do oriente pelo Canal de Suez (FOOT, 2007, p.1). Por volta de 1880 já existia um clube que praticava o esporte no país.

O pai do esporte na Itália é Edoardo Bossio, que tinha relações com o Reino Unido, já que havia trabalhado em uma indústria têxtil na “terra da rainha”. Em 1891, de volta à Itália, formou o *International Football Club* (FOOT, 2007, p.5). Em 1893, por sua vez, foi fundado o *Gênoa Cricket and Football Club*. O futebol italiano se desenvolveu com certa velocidade em seus primórdios, com Turim recebendo o primeiro campeonato do esporte em 1898 (FOOT, 2007, p.5).

O norte do país, considerado a região industrial, concentrou as equipes no princípio do século XX, com Turim e Milão rivalizando no esporte. A distribuição geográfica do futebol, de modo geral, apresenta particularidades inerentes aos diferentes territórios.

Na Itália, especialmente no regime fascista, o futebol se mostrou uma ferramenta de unificação territorial em um país ainda muito dividido entre o norte e o sul. Goldblatt (2007, p. 213) cita a criação do campeonato nacional italiano englobando norte e sul como uma forma de união. Em 1929, foi disputado o primeiro campeonato italiano genuinamente nacional. O futebol já era praticado há anos na Itália, mas a após a 1ª Guerra Mundial, as diferenças entre o norte, com clubes mais expressivos, e o Sul, com clubes menores, se tornou mais evidente.

As coisas começaram a mudar por volta de 1922, quando o partido fascista chegou ao poder. Antes de 1929, ligas regionais eram disputadas para descobrir os campeões de cada região. Apenas em 1929 que um campeonato unindo as várias regiões do país foi disputado. Outra ação do regime foi obrigar que clubes com

nomenclatura inglesa mudassem seus nomes ou os traduzissem para o italiano. Assim, estrangeiros foram banidos do campeonato nacional, exceto aqueles que possuíssem descendência italiana, o que tornava a cidadania disponível (GOLDBLATT, 2007 p.215-6). A falta de vias de comunicação dificultou, sobremaneira, o campeonato unificado, mesmo em um país pequeno territorialmente. Para Goldblatt (2007, p. 153):

Quando os clubes do Sul aderiram naquele ano, suas inacessibilidades e a ausência de conexões de transporte confiáveis exigiram que tanto o Norte quanto o Sul jogassem competições regionais, cada uma delas produzindo um finalista.¹² (Tradução nossa).

Após as melhorias infraestruturais no país, o campeonato pôde ser realizado de forma unificada, abrangendo equipes de várias regiões italianas. Mesmo assim, os maiores campeões do futebol italiano ainda são do norte, muito à frente dos clubes sulistas.

Na América Latina, assim como em inúmeros países que possuíam negócios com a Inglaterra, o futebol chegou pelos inúmeros portos. Na segunda metade do século XIX, os ingleses já jogavam o jogo em terras sul-americanas (CAMPOMAR, 2014, p.125).

Nesse período, boa parte dos países sul-americanos conquistaram suas respectivas independências de suas metrópoles e ansiavam pelo desenvolvimento econômico. Ricos em recursos naturais, mas com pouco conhecimento de técnicas adequadas e *Know-how* para alavancar o desenvolvimento industrial e a integração territorial, os países da América do Sul se tornaram um terreno fértil para o avanço inglês.

O capital inglês e seus técnicos chegaram à América do sul, provendo o subcontinente de infraestruturas, técnicas e empréstimos. Toda essa massa de ingleses que se deslocou para a América do Sul “abriu jornais, construiu escolas, dirigiu hospitais, consagrou a igreja e, com maior prazer do que qualquer outra coisa, estabeleceu clubes esportivos.¹³” (Tradução nossa) (CAMPOMAR, 2014, p. 127).

¹² “When clubs from the South did join in that year their inaccessibility and the absence of reliable transport links required both north and South to play in self contained competitions each of produced a finalista” (Texto original).

¹³ “opened newspapers, built schools, ran hospitals, consecrated the occasional church and, with perhaps more gusto than anything else, established sporting clubs.” (Texto original)

Uma das portas de entrada mais importantes da influência inglesa na América do Sul foi o porto de Buenos Aires. Na cidade portenha, diversos clubes sociais ingleses foram formados e a prática do futebol e do rugby se tornou comum. O futebol ganhou muita força a partir das escolas inglesas. Os trabalhadores das ferrovias também foram importantes, pois se aglomeraram para praticar o esporte. Isso motivou a fundação de algumas equipes. Algo parecido ocorreu no Uruguai, com o esporte sendo praticado nas escolas de ensino médio para britânicos em Montevideu (CAMPOMAR, 2014, p.127-8).

As ferrovias, nesse sentido, assim como em outros países, foram importantes para conectar as principais cidades argentinas e uruguaias e estabelecer as primeiras viagens e competições de equipes inter-cidades. “As ferrovias forneceram ao futebol uma infusão extra de jogadores e competição.” ¹⁴(Tradução nossa) (CAMPOMAR, 2014, p. 128).

Watson Hutton é considerado o pai do futebol argentino por haver incentivado a prática do esporte nas escolas, inclusive na escola que fundou. Hutton também foi responsável por trazer o estilo de jogo baseado nos passes e não apenas no “*dribbling*¹⁵” que os ingleses tanto praticavam. Em 1893 fundou a *Argentina Association Football League* (AAFL), uma liga composta por 5 equipes (CAMPOMAR, 2014, p. 40).

Logo, o futebol se espalhou pelo país, mas encontrou alguns problemas infraestruturais. Em 1892, um clube de futebol já praticava o esporte na localidade de Lobos, distante a 100 km de Buenos Aires. A distância e a dificuldade de realizar os jogos fez com que a AAFL restringisse o campeonato a equipes próximas de Buenos Aires (CAMPOMAR, 2014, p. 40-1).

No Uruguai, assim como na Argentina, o futebol se fez presente na capital e arredores. A proximidade entre as duas capitais possibilitou que jogos internacionais fossem realizados desde o final do século XIX. O primeiro jogo internacional foi realizado em 1889. O Peñarol foi fundado a partir de trabalhadores de uma Companhia Ferroviária. O nome de fundação era *Central Uruguay Railway Cricket Club* (CURCC) e a maioria de seus membros fundadores eram britânicos (CAMPOMAR, 2014). Levou

¹⁴ “The railways supplied football with an extra infusion of players and competition.” (Texto original).

¹⁵Nessa época, o futebol era marcado pelos dribles e pelo ato do jogador seguir em posse da bola por muito tempo, passando pouco para os companheiros de equipe.

um tempo para que o futebol uruguaio se desenvolvesse, principalmente dentro de campo. Isso começou a ser possível a partir dos intercâmbios com os argentinos que, no final do século XIX, estavam em condições mais avançadas no esporte

Com a onda nacionalista que tomou o país no final do século XIX e início do século XX, um clube com viés nacionalista foi fundado em Montevidéu por estudantes: o Nacional, usando cores em homenagem a bandeira de José Geraldo Artigas, azul, vermelho e branco (CAMPOMAR, 2014, p. 73). O clássico Nacional *versus* Peñarol é, ainda hoje, um dos maiores do planeta. Os dois clubes dominam de forma esmagadora o futebol uruguaio, fato também explicado pela preponderância urbana e demográfica de Montevidéu que concentra mais de 40% da população do país.

No Brasil, por sua vez, a ideia mais difundida é a de que o futebol teria chegado com o retorno de Charles Miller, em 1894. Filho de um inglês e de uma brasileira, foi mandado à Inglaterra para completar seus estudos. Lá, conheceu o futebol e voltou para São Paulo com bolas e outros equipamentos para a prática do jogo.

Entretanto, Mascarenhas (2014) contesta a ideia de que o esporte teria chegado ao Brasil apenas por um único porto e depois se disseminado pelo país. O Brasil, país de dimensões continentais, com vasta costa e diversos portos no final do século XIX, inclusive com alguns mais próximos da Europa do que os portos do sudeste, teria conhecido o esporte através de inúmeras “portas de entrada”.

Entretanto, é evidente que o esporte teve maior força nos dois principais estados do país no final do século XIX, isto é, Rio de Janeiro e São Paulo. As elites fluminense e paulista abraçaram o esporte, especialmente aqueles que possuíam ligações diretas com a Inglaterra. A influência inglesa no esporte no final do século XIX e início do século XX era forte, levando a muitos clubes a usarem nomenclatura inglesa, como o River Plate e o Boca Juniors, na Argentina; O The Strongest, na Bolívia e o Corinthians, no Brasil, apenas como alguns exemplos.

No Brasil, a dominância dos clubes ingleses começou a perder força no início do século XX. No Rio de Janeiro, clubes da elite começaram a se formar. O Fluminense Football Club, tradicional clube carioca, foi um dos clubes caracterizados pelo viés elitista. O tricolor carioca foi fundado em 1902. O clube, mais do que um ponto para a prática de esportes, era um local de socialização da elite carioca do início do século XX.

Logo, o esporte foi ganhando as elites dos países sul-americanos em grande parte, graças às visitas de clubes ingleses que lotavam os campos destinados aos

jogos, como os jogos das excursões do *Southampton* (1904), do *Nottingham Forest* (1905), do *Everton* e do *Tottenham* (1909), do *Corinthians* (1910 e 1913) e outros tantos. A febre inicial, que havia chegado na Argentina, Uruguai e Brasil, logo se espalhou para Chile, Paraguai e Bolívia. Assim como em outros países, a comunidade inglesa teve papel importante para o crescimento do jogo.

Em países em que a Inglaterra possuía conexões não tão fortes como a Venezuela e a Colômbia, o futebol levou mais tempo para se desenvolver e se propagar. O *baseball* acabou se tornando uma concorrência ao futebol nesses países devido a influência americana, que já era considerável na região, assim como na América Central, favorecendo à propagação de esportes “*Yankees*”. (CAMPOMAR, 2014, p.134).

Apesar da grande importância das ferrovias para a disseminação do futebol, outras mudanças ocorridas no meio urbano da América do Sul favoreceram o crescimento do esporte entre as massas, como o surgimento de fábricas mecanizadas, dos meios de transporte e dos serviços de gás e eletricidade (CAMPOMAR, 2014, p.135). No Brasil, por exemplo, os times de fábricas se espalharam pelos grandes centros urbanos, contribuindo para a disseminação do esporte. Toda essa agitação em torno do futebol resultou na criação da CONMEBOL, em 1916, a primeira confederação continental de futebol da história. A rápida industrialização vista em algumas cidades latino-americanas na virada do século impulsionou ainda mais o futebol, um esporte tipicamente urbano, mas que não se restringiu às áreas urbanas. O século XX provaria isso, com associações esportivas se formando no interior de diversos países da América do Sul.

3.1 O PRINCÍPIO DO FUTEBOL NO BRASIL

No Brasil, devido às grandes dimensões de seu território, o futebol se desenvolveu em diversos estados, principalmente nos litorâneos, ocasionando os campeonatos estaduais, muito antes da elaboração de um campeonato propriamente nacional.

Já no início do século XX, inúmeros estaduais começaram a surgir no Brasil. Os primeiros foram o paulista, em 1902, e o baiano, em 1905. O campeonato carioca surgiu no ano seguinte e demais estados tiveram seus estaduais iniciados na segunda década do século XX, como o mineiro, o pernambucano, o cearense e o paranaense,

estes em 1915. Em 1919, o campeonato estadual começou, de forma oficial, no Rio Grande do Sul.

Em seus primórdios, esses campeonatos eram compostos essencialmente por equipes amadoras, mas logo o chamado *profissionalismo marrom* chegaria em diversas agremiações, tal como havia ocorrido em inúmeros países.

De modo geral, a forma como se deu a ocupação e o desenvolvimento territorial do Brasil, combinado com o período histórico em que o país estava, no momento da disseminação do esporte, ajuda a compreender, por exemplo, a localização dos clubes mais bem-sucedidos. Por isso, ressaltamos que a vertente econômica na análise locacional dos clubes é importante, ainda mais nas últimas décadas, mas não explica, por si só, a dinâmica geográfica do futebol no Brasil, sendo também importante considerar os aspectos históricos e culturais, já que o esporte se desenvolveu de diferentes formas em inúmeros estados, conferindo muitas particularidades locais.

Nesse sentido, levamos em consideração a ação de inúmeros agentes no território para discutir o processo de disseminação do futebol no todo nacional.

Pautado no conceito de território-usado de Santos (2006), levamos em conta a ação do Estado e de agentes particulares na constituição de redes técnicas, especialmente do Paraná, buscando uma abordagem totalizadora, levando em conta em nossa análise não apenas o local e o regional, mas a revelação de toda uma estrutura que envolvesse inúmeros agentes de inúmeras escalas.

As características locais contribuíram para a formação do esporte não apenas fora de campo, mas, também, dentro. Até hoje percebemos aspectos locais no modo como alguns clubes desempenham sua forma de jogar, como, por exemplo, os times gaúchos, que ainda carregam aspectos do modo aguerrido e duro de jogar, herdado do futebol platino.

Os estaduais se desenvolveram à sua maneira e foram as principais competições de futebol do país durante boa parte do século XX, já que os campeonatos de caráter nacional só começaram a ser realizados no final da década de 1950 e, mais ativamente na década de 1970, com a formação do Campeonato Nacional de Clubes, em 1971.

Antes disso, as possibilidades de intercâmbio futebolístico entre os jogadores de estados diferentes se resumiam ao campeonato de seleções estaduais, iniciado em 1922, competições regionais, como o Torneio Rio-São Paulo, iniciado na década

de 1930, os campeonatos nacionais da década de 1960, muito diferentes do campeonato iniciado na década e 1970, e os intercâmbios de clubes para partidas amistosas.

A dificuldade de comunicação entre as regiões brasileiras contribuiu para que o esporte se desenvolvesse em “ilhas”, ou seja, praticamente isolada em inúmeras regiões.

Com a década de 1930, o profissionalismo ganhou força em decorrência, dentre outros motivos, do potencial comercial¹⁶ e da condição econômica de boa parte dos jogadores que necessitavam de salários para poder jogar. O futebol que, no princípio, havia se acomodado entre os membros da elite, logo chegou ao alcance da classe trabalhadora, especialmente com as equipes oriundas das fábricas e demais companhias, como o *Bangu Athletic Club*, da fábrica Bangu de tecidos, no Rio de Janeiro. Além da questão social, já presente em outros países e que impulsionou o futebol e gerou a discussão acerca do profissionalismo, a questão racial intensificou o movimento da profissionalização no futebol do Brasil.

Uma mudança considerável ocorreu quando o Vasco da Gama permitiu que negros usassem as cores da equipe, tornando-se campeão estadual em 1923. Aos poucos, o profissionalismo foi sendo aceito nos grandes centros, como em São Paulo e no Rio de Janeiro. Em 1933, as ligas cariocas e paulistas tornavam-se profissionais (GOLDBLATT, 2007, p. 208).

No Brasil, o futebol foi ganhando o interior conforme se deu o avanço da urbanização, das linhas férreas e da fronteira agrícola. Processo particular quando comparado com a evolução que se deu na Inglaterra e na França.

No estado de São Paulo, o avanço da cultura cafeeira possibilitou que o fenômeno do futebol chegasse ao interior, ainda na década de 1910. Os clubes do interior, aos poucos, começaram a mostrar sua força desportiva, competindo com as equipes da capital no campeonato estadual. No Rio de Janeiro, o padrão locacional dos clubes ficou mais centrado na capital e poucos clubes do interior conseguiram destaque desportivamente. Nunca uma equipe do interior venceu o estadual fluminense com a presença dos chamados quatro grandes do Rio de Janeiro (Botafogo, Flamengo, Fluminense e Vasco).

¹⁶ Os atletas começaram, paulatinamente a serem pagos para jogar, abandonando o amadorismo marrom.

Os rendimentos do café no interior de São Paulo no início do século XX, junto com a imigração, sobretudo a italiana, bem como o avanço das ferrovias para o interior, facilitou a disseminação do esporte e a formação de clubes competitivos, como nos mostra Almeida (2017). São Paulo foi o estado que conseguiu interiorizar a prática com mais facilidade, juntamente com o Rio Grande do Sul, onde as ferrovias também tiveram um papel importante, bem como a forte presença imigrante, sobretudo de alemães e italianos.

Com as transformações que o Brasil passaria a partir da década de 1930, com o governo Vargas, a substituição de importações, mas, sobretudo, na década de 1950, com o incentivo à indústria oriunda do exterior e à construção de vias de transportes que buscavam interligar o território nacional, surgem as primeiras tentativas para a criação de um campeonato essencialmente nacional, reunindo equipes de clubes dos principais estados brasileiros da época.

4. O FUTEBOL NO BRASIL: ENTRE A LÓGICA DO MERCADO, A CULTURA E A RESISTÊNCIA

A Taça Brasil de 1959, atualmente reconhecida como o primeiro campeonato brasileiro de futebol, reuniu 16 equipes. Os selecionados para o campeonato foram escolhidos com base no desempenho nos campeonatos estaduais. A disputa era regionalizada em chaves. As equipes do Norte e Nordeste se enfrentavam, assim como as equipes do Centro-Sul. No final, os vencedores das chaves se enfrentavam. Apenas os campeões estaduais foram convidados para essa edição que acabou sendo vencida pelo Esporte Clube Bahia, de Salvador (SANTIAGO JR, 2006).

Essa forma de seleção dos participantes do campeonato brasileiro em suas primeiras edições foi útil para selecionar os clubes de maior tradição nos estados brasileiros, costumeiramente localizados em suas capitais. Entretanto, o fato de o critério de classificação ser os campeões estaduais, permitia que clubes de inúmeras unidades da federação participassem do torneio.

Para Santiago Jr. (p. 278, 2006) “a taça Brasil teve grande importância para a disseminação do futebol para todos os estados do Brasil, ao possibilitar o encontro de equipes de diferentes regiões, algo até então nunca visto”. Apenas em algumas edições, dois clubes da mesma unidade da federação participaram do campeonato. Nas edições de 1961, 1964, 1965 e 1966, duas equipes de São Paulo participaram, enquanto duas de Minas Gerais marcaram presença em 1967. As edições de 1964, 1965 e 1966 foram as que reuniram mais participantes, com 22 equipes. O torneio foi extinto em 1968.

O torneio possibilitou que inúmeras equipes paranaenses participassem de um certame nacional. Isso ocorreu devido às transformações internas que ocorreram no Paraná na década de 1960, que possibilitaram, no campo esportivo, que equipes do interior se destacassem no campeonato estadual. O Paraná foi a unidade da federação que mais enviou representantes para o campeonato em sua história.

Em 10 edições, o Paraná, com sua competitividade interna, enviou 7 diferentes equipes para a disputa: Água Verde (Curitiba), Atlético (Curitiba), Comercial (Cornélio Procopio), Coritiba (Curitiba), Ferroviário (Curitiba), Londrina (Londrina) e Grêmio Maringá (Maringá).

Outra competição nacional, atualmente considerada como o Campeonato Brasileiro, é o Torneio Roberto Gomes Pedrosa, que contou com apenas 4 edições,

sendo disputado de 1967 a 1970. Santiago Jr (2006, p.14-16) aponta que o campeonato foi uma continuação do Torneio Rio-São Paulo, sendo abrangido para equipes de outros estados. O torneio também serviu como um esboço para um campeonato mais amplo, o que de fato aconteceria em 1971, com a criação do Campeonato Nacional de Clubes.

Ao todo, 22 equipes diferentes participaram do campeonato, contando suas quatro edições. Ao contrário da Taça Brasil, o Paraná enviou apenas três representantes e todos da capital: Coritiba, Atlético e Ferroviário.

Na década de 1970, com as transformações ocorridas no Brasil, um campeonato extenso e reunindo equipes de inúmeras unidades da federação seria realizado seguindo os anseios governamentais de integração nacional e representatividade geográfica. A Confederação Brasileira de Desportos, órgão ligado ao governo, na euforia do tricampeonato mundial no México, reuniu 20 clubes de 8 unidades da federação para compor o Campeonato Nacional de Clubes.

Com a interferência política no campeonato e o desejo das bases políticas estaduais e locais de verem suas cidades representadas no certame, o número de participantes, bem como as cidades de origem, aumentou muito nos anos seguintes, chegando ao incrível número de 94 participantes na edição de 1979. Era comum a frase: “Onde a Arena vai mal, mais um time no nacional”. Fato curioso é que, em Maringá, o Grêmio Maringá só conseguiu a vaga no nacional de 1978 após a união de figuras da cidade oriundas da imprensa, da torcida e da política. De acordo com Lima e Vieira (2005, p. 46):

Com a classificação para o quadrangular e a vitória sobre o Atlético, com renda espetacular, a reivindicação pela vaga no Campeonato Brasileiro ganhou consistência tanto dentro como fora de campo. As forças políticas de Maringá, lideradas pelo prefeito João Paulino Vieira Filho, arregaçaram as mangas e foram à luta para que o Grêmio estivesse entre os grandes clubes do Brasil. A disputa seria com o Colorado.

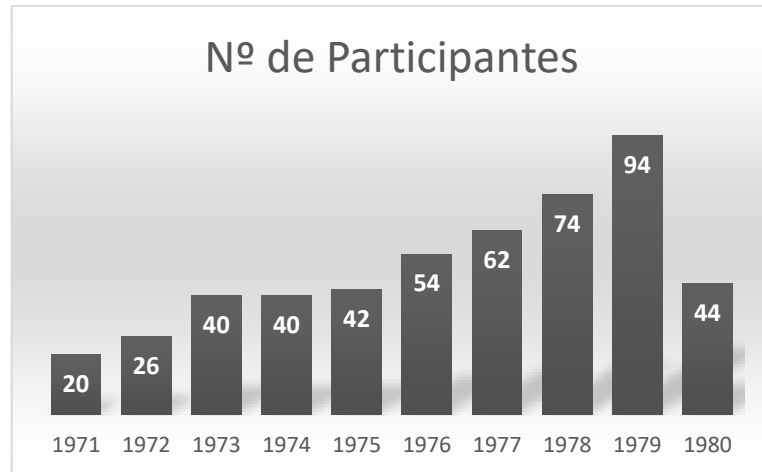
Fundamental a participação e a intervenção direta do Governador Jaime Canet, praticamente exigindo da C.B.D. a inclusão do Grêmio.

Maringá alegra-se ao ter a confirmação, no dia 01 de setembro que o alvinegro estaria no Campeonato Nacional.

Nota-se que nos anos do Regime Militar, a influência era nítida na competição. A disputa que o Grêmio Maringá teve com o Colorado, de Curitiba, não se deu nos

gramados. Essa influência política resultou no inchaço de participantes no torneio, como pode ser visto no gráfico 1 e na figura 4.

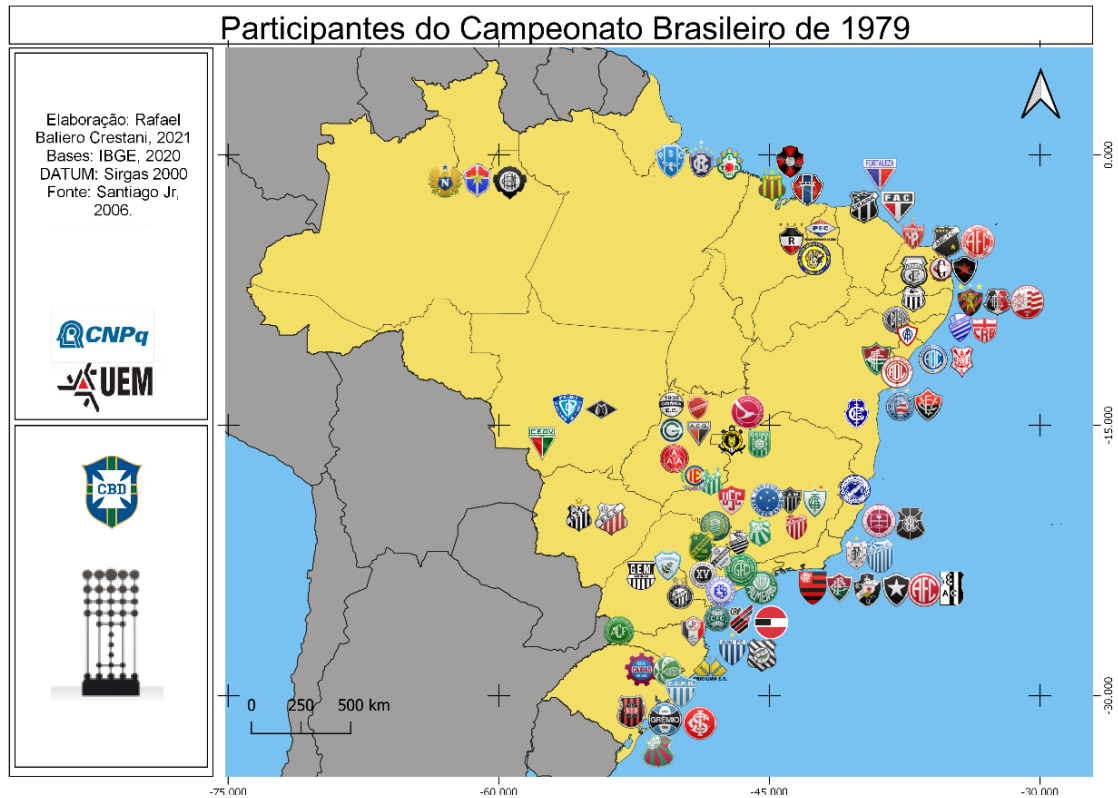
Gráfico 1 - Número de participantes do Campeonato Brasileiro na década de 1970



Fonte:(Santiago Jr, 2006)
Elaboração: (Autor, 2021)

Na edição de 1979, praticamente todas as Unidades da Federação estavam representadas, à exceção dos territórios federais. O Paraná enviou seis representantes à competição nacional, três oriundos da capital e três oriundos do interior (figura 4).

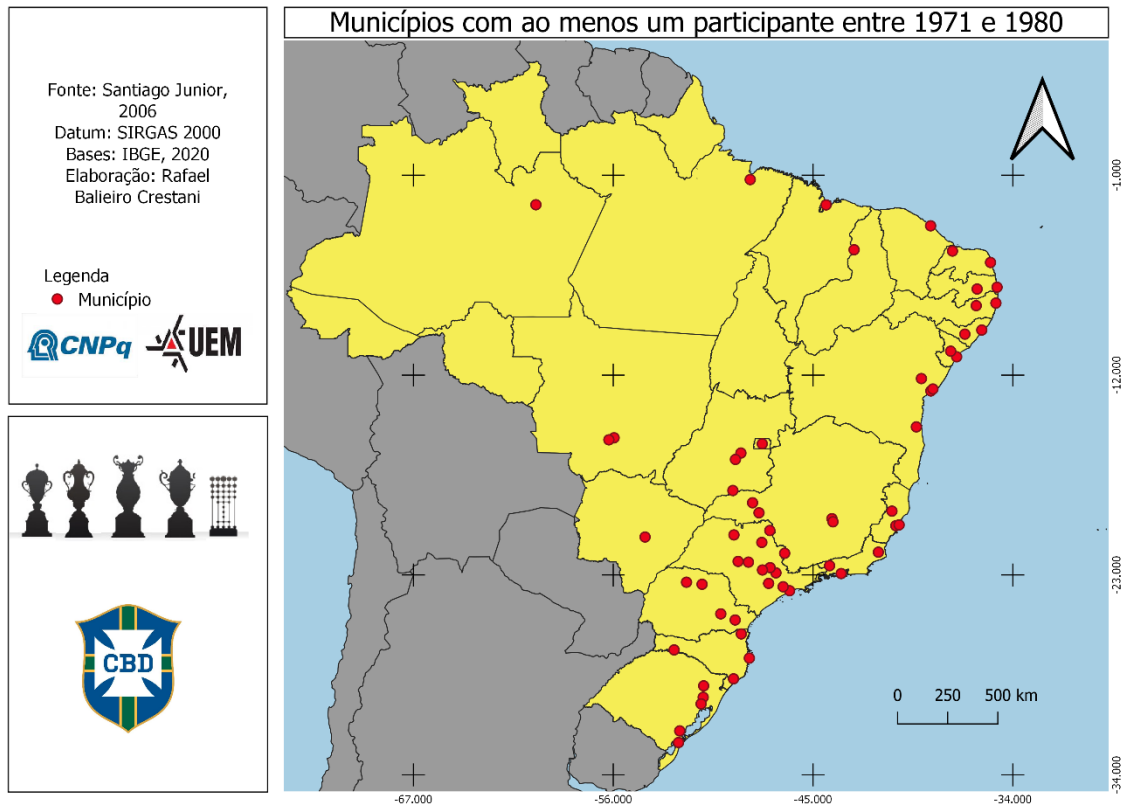
Figura 4 - Participantes do Campeonato Brasileiro de 1979



Fonte de dados: (Santiago Jr, 2006)
Elaboração: (Autor, 2021)

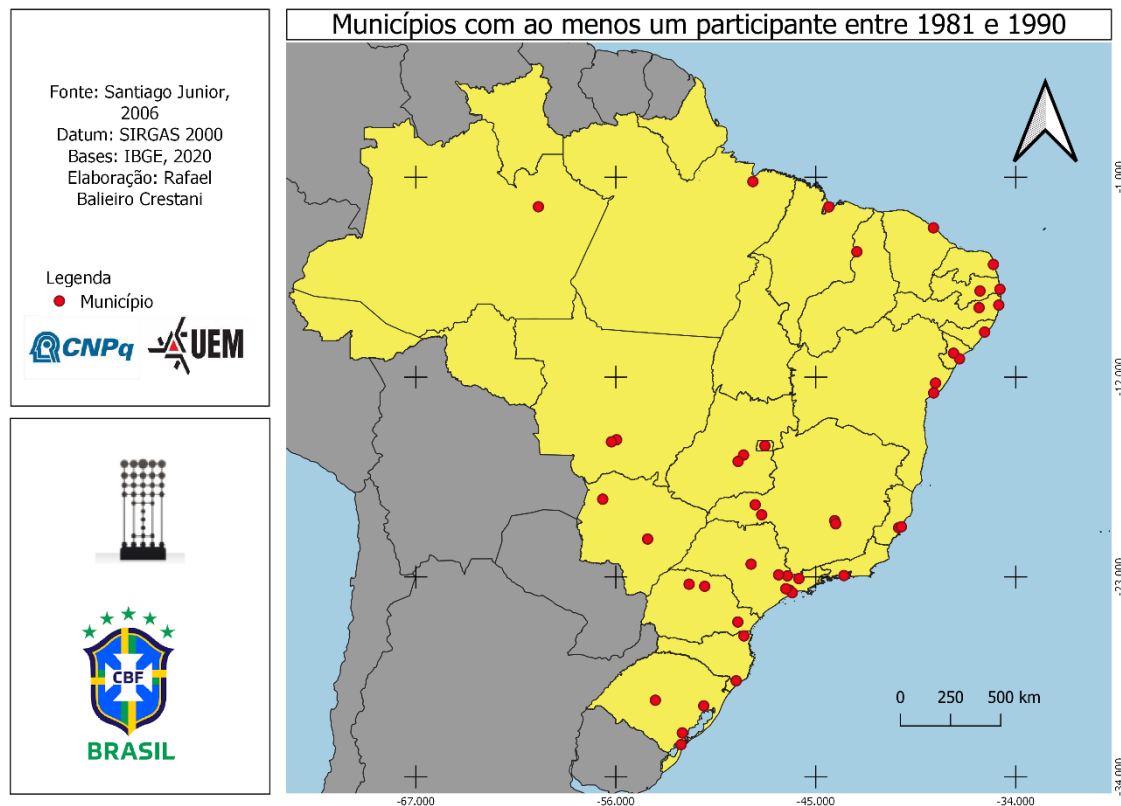
Se nos anos iniciais do Campeonato Brasileiro a competição fora marcada pela representatividade de todas as regiões e das cidades interioranas do Brasil, como podemos ver na figura 5, com a década de 1980 e o desmembramento da Confederação Brasileira de Futebol da Confederação Brasileira de Desportos (fato ocorrido em 1979), a origem dos participantes do campeonato foi, paulatinamente, se restringindo cada vez mais às capitais.

Figura 5 - Municípios com ao menos um participante entre 1971 e 1980.



Na década de 1980, com a diminuição do número de participantes por edição (figura 6), cidades do interior nordestino começaram a perder seus representantes na primeira divisão do campeonato nacional. Nessa década, os representantes costumavam vir das capitais, sobretudo do Nordeste e Norte, e de cidades mais consolidadas do Centro-Sul, como Londrina, Maringá, Joinville e Caxias do Sul.

Figura 6 - Municípios com ao menos um participante entre 1981 e 1990.



Fonte: (Santiago Jr, 2006)
 Elaboração: (Autor, 2021)

Os clubes do interior, e de menor expressão, foram sendo relegados às ligas inferiores, como a Série B, criada em 1980 com o nome de Taça de Prata, vencida pelo Londrina E. C. Na década de 1970, duas edições de campeonatos nacionais de menor expressão que seriam uma espécie de esboço para a Série B foram realizados, em 1971 e 1972, mas não foi dada continuidade pela CBD.

A Taça de Prata, por sua vez, assim como Campeonato Brasileiro da Primeira Divisão, também teve problemas de organização, como a falta de um sistema claro e contínuo de acesso e descenso e a falta de critério para selecionar os participantes. Foi só a partir dos anos de 1990, com a participação de clubes mais tradicionais, que a competição foi organizada de forma mais clara.

Na década de 1980, os estaduais ainda eram o critério para decidir os participantes do campeonato. Os que não conseguiam a vaga para o Campeonato Brasileiro ou Taça de Ouro, disputavam a chamada Taça de Prata e poderiam conseguir o acesso no mesmo ano, caso se saíssem bem na primeira fase da competição, podendo, ainda no mesmo ano, disputar o título da Taça de Ouro. Esse

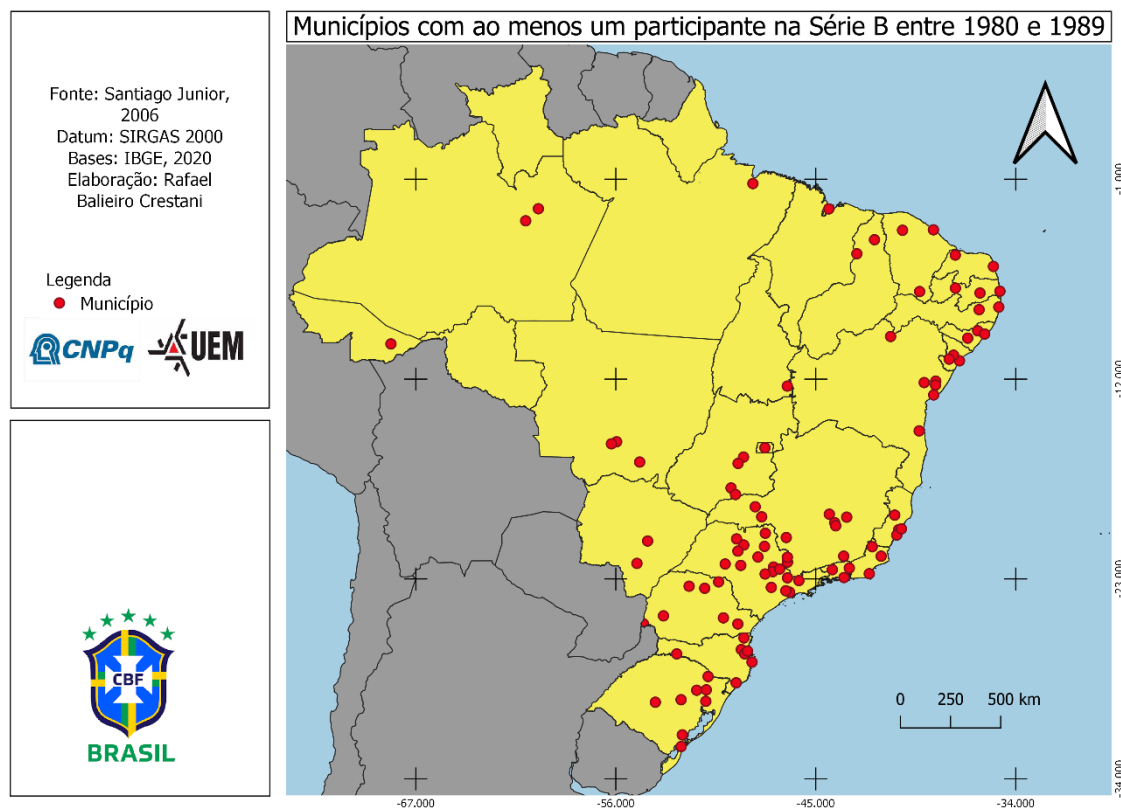
sistema foi disputado entre 1980 e 1983, com pausa para uma fórmula diferente, em 1984 e 1985 e a continuidade ocorrendo em 1986.

A desorganização seria total em 1987, com a criação da Copa União pelo chamado “Clube dos 13”, associação entre os principais clubes do país que decidiram criar uma liga por conta própria. Nesse ano, não houve uma “Série B”, já que o campeonato oficialmente reunia módulos Verde e Amarelo, sem critérios esportivos com relação ao campeonato do ano anterior. A confusão foi tanta que o campeão dessa edição só foi confirmado 30 anos depois, após julgamento no STF.

Grandes clubes disputaram a Taça de Prata na década de 1980, como a S. E. Palmeiras, em 1981 e o S. C. Corinthians Paulista, em 1982. Apesar de ser considerado um campeonato de nível inferior ao da Taça de Ouro, não podemos considerar os participantes do campeonato como “rebaixados”, já que não havia um sistema claro de acesso e descenso. Entretanto, como forma de padronização para a pesquisa, incluímos os participantes desse torneio como integrantes da “Série B” (figura 7) do campeonato nacional, embora saibamos as particularidades de escolha dos participantes na década de 1980. Como o estadual era o que definia quem participaria dos campeonatos nacionais, estaduais competitivos, como o paulista, enviavam representantes de tradição para a Taça de Prata de forma frequente.

Com esse sistema, baseado no resultado dos estaduais, os participantes da Taça de Prata na década de 1980 adivinham de inúmeras partes do território nacional, mas sobretudo de São Paulo, devido à grande competitividade do estadual local e da necessidade do governo de garantir capital político através do esporte.

Figura 7 - Municípios de origem das equipes participantes da “Série B” entre 1980 e 1989.



Fonte: (Santiago Jr, 2006)
 Elaboração: (Autor, 2021)

No final da década de 1980, o número de participantes diminuiu ainda mais no Campeonato Brasileiro da Série A, adotando número menor que 30 participantes na década de 1990, concentrando territorialmente o campeonato. Se, na década de 1970, o campeonato reuniu representantes de todas as regiões do país, com grande variação de clubes, nos anos de 1990 os participantes passaram a ser quase sempre os mesmos (figura 8)¹⁷. Com o fim do Regime Militar e da diminuição da interferência política no campeonato, um sistema de acesso e descenso se estabilizou e apenas clubes com ótimo desempenho esportivo conseguem disputar a principal divisão do campeonato nacional.

Com o aumento da importância econômica no esporte, a década de 1990 marca o aprofundamento da modernização do futebol, com salários crescentes para atletas, verbas de patrocínio, ingressos cada vez mais caros e a construção de uma

¹⁷ Não houve análise do campeonato que ocorreu no ano 2000 devido a mudanças no regulamento da competição nacional. A Copa João Havelange (2000) foi organizada pelo Clube dos 13 e reuniu 116 equipes, não aplicando as regras de acesso e descenso do campeonato nacional do ano anterior (1999).

arena moderna, a Arena da Baixada, em Curitiba, a primeira de muitas que viriam. Logo, o desempenho não era mais o único tema nas discussões acerca do esporte. Os balanços comerciais e a busca de patrocínio começaram a ser, também, preocupações dos torcedores. Obviamente que essa discussão ficaria muito mais nítida na segunda década do século XXI, principalmente após a Copa do Mundo de 2014, realizada no Brasil.

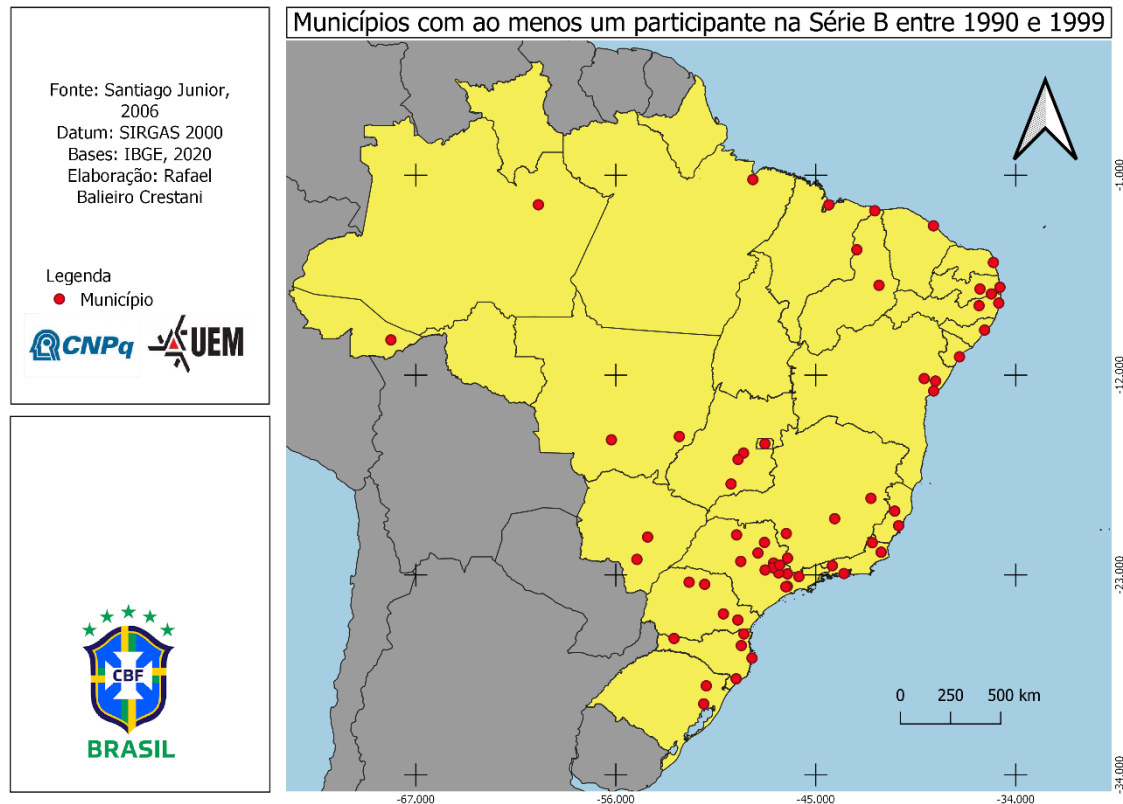
Figura 8 - Municípios de origem dos participantes da “Série A” entre 1991 e 1999.



Fonte: (Santiago Jr, 2006)
 Elaboração: (Autor, 2021)

A Série B, na década de 1990, também começou a obedecer às regras de acesso e descenso, o que possibilitou que clubes tradicionais do Campeonato Brasileiro fossem rebaixados, como o Grêmio de Foot-ball Porto Alegre e o Fluminense Football Club. O número de participantes também diminuiu, ficando aproximadamente no número de 25, exceto na edição de 1992, quando 32 equipes participaram da disputa, mas, ainda assim, menos do que as 35 equipes que participaram em 1986 ou das 96 equipes em 1989. A origem dos participantes da competição nessa década pode ser vista na figura 9.

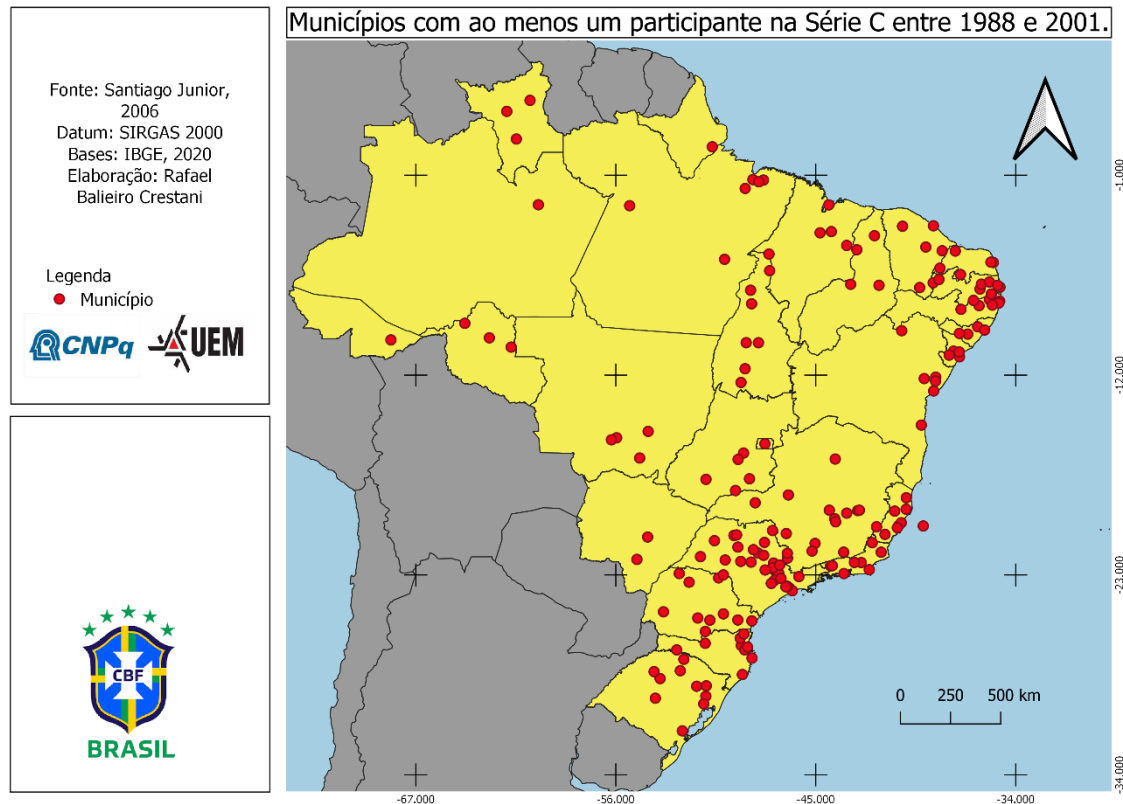
Figura 9 - Municípios de origem dos participantes da “Série B” entre 1990 e 1999.



Fonte: (Santiago Jr, 2006)
 Elaboração: (Autor, 2021)

Com esse sistema, os clubes de cidades pequenas e do interior foram, mais uma vez, relegados à uma divisão inferior do campeonato nacional, a série C, criada no final dos anos de 1980. A série C não obteve um padrão no número de participantes na década de 1990 e nem na primeira década dos anos 2000. Além disso, a competição sempre reuniu muitos participantes, fazendo com que a competição fosse muito bem distribuída do ponto de vista da origem geográfica de seus participantes (figura 10).

Figura 10 - Municípios de origem dos participantes da “Série C” entre 1988 e 2001.



Fonte: (Santiago Jr, 2006)
 Elaboração: (Autor, 2021)

No começo dos anos 2000, a concentração dos participantes da Série A já era clara. Poucas eram as cidades que possuíam representantes nessa divisão. O sistema de acesso e descenso, juntamente com a modernização do esporte, foram cruciais para que centros consolidados da rede urbana brasileira tivessem representantes na competição. No período entre 2001 e 2010 (figura 11), a região Norte só teve participantes oriundos da cidade de Belém-PA, enquanto o Nordeste enviou representantes de apenas algumas de suas capitais: Recife, Fortaleza, Salvador e Natal.

No Centro-Sul, apenas algumas cidades que não eram capitais de seus estados tiveram representantes e ainda com ressalvas, já que a equipe oriunda de Presidente Prudente, no oeste paulista, se deslocou de Barueri, na grande São Paulo, após divergências com autoridades locais. O deslocamento geográfico de clubes em busca de maior rentabilidade, em síntese, é produto das mudanças que impactaram o futebol no período recente.

Figura 11 - Municípios de origem dos participantes da “Série A” entre 2001-2010.



Fonte: (Santiago Jr, 2006)
 Elaboração: (Autor, 2021)

Na Série B, apesar de algumas cidades do interior ainda terem tido um representante na competição no período de 2001 a 2010, nota-se a grande participação de clubes da capital paulista e de arredores. O interior do país não contava com o mesmo número de representantes de outrora (figura 12).

Figura 12 - Municípios de origem dos participantes da “Série B” entre 2001 e 2010.

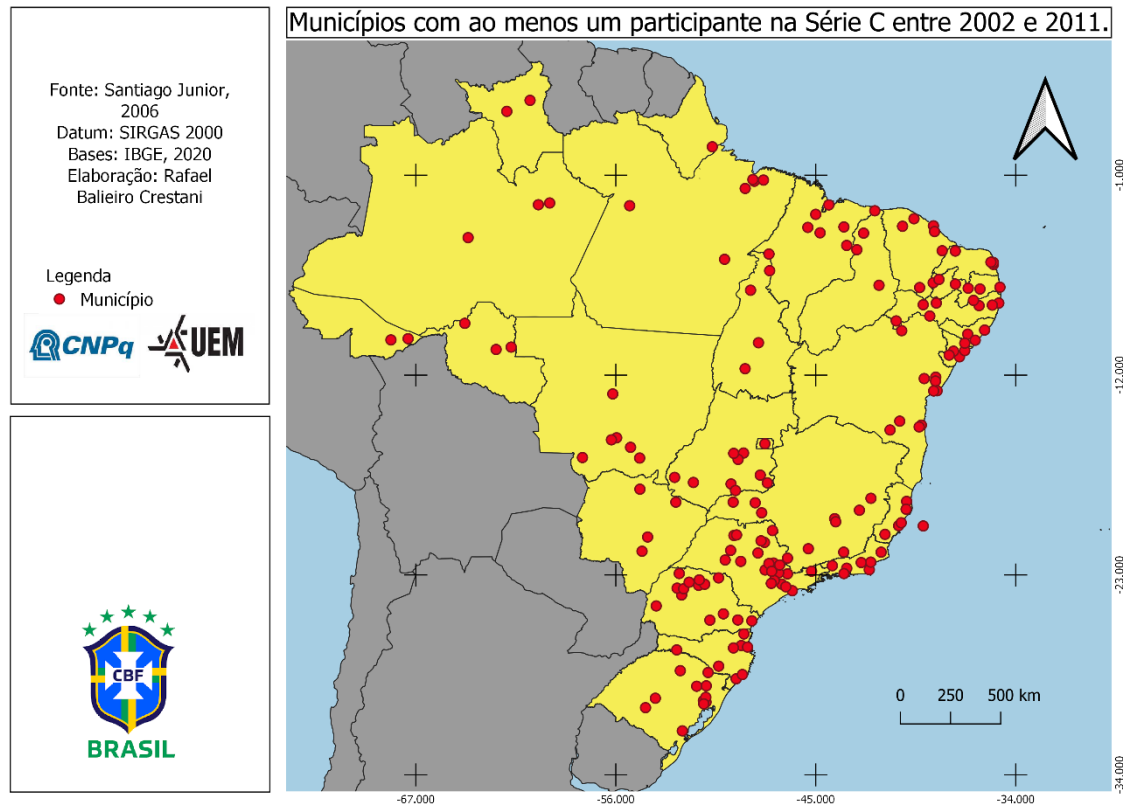


Fonte: (Santiago Jr, 2006)
 Elaboração: (Autor, 2021)

Dessa forma, a série C se apresentou como o campeonato de maior diversidade de origem geográfica. Com a fórmula de acesso para participantes oriunda dos estaduais, como já havia sido outrora nas Séries A e B, a Série C teve participantes de todas as regiões do Brasil, de cidades de diferentes tamanhos e complexidades da rede urbana brasileira (figura 13).

Essa grande representatividade também diz respeito ao fato de não haver poucos participantes por edição, como na Série A e na Série B. Esse processo de diminuição do número de participantes também aconteceu com a Série C em 2009, quando foi criada a Série D.

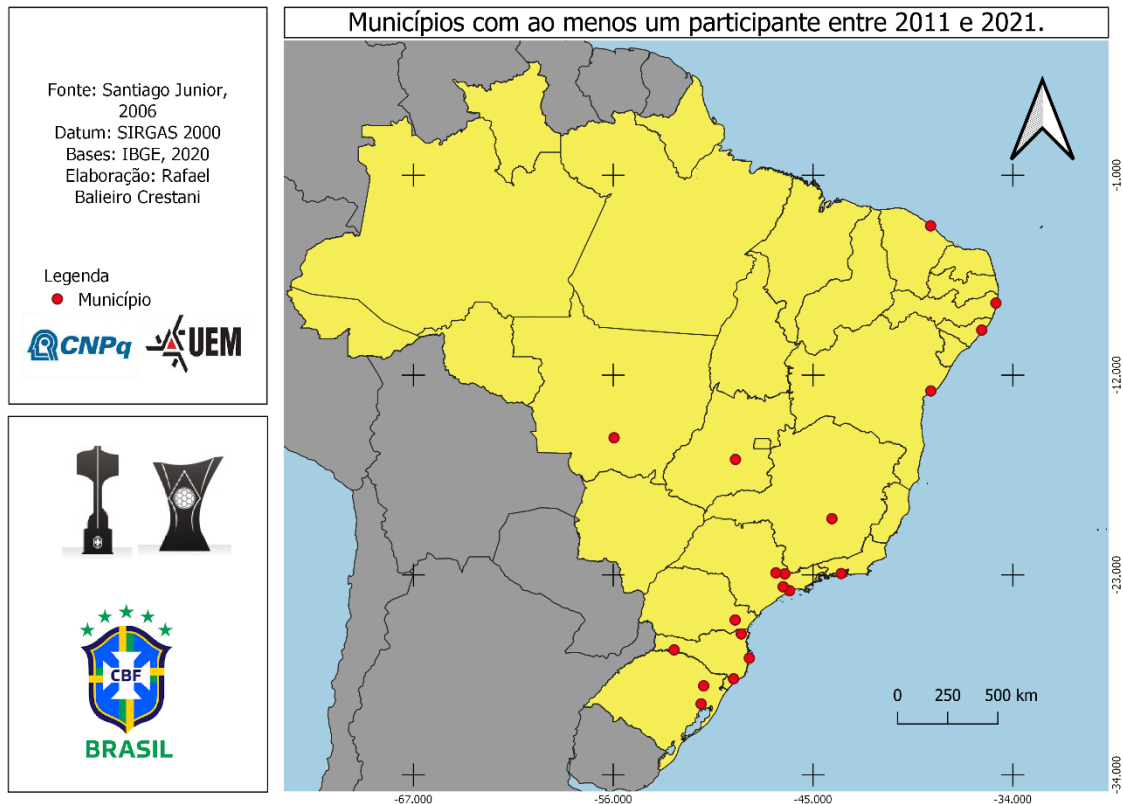
Figura 13 - Municípios de origem dos participantes da “Série C” entre 2002 e 2011.



Fonte: (Santiago Jr, 2006)
 Elaboração: (Autor, 2021)

Na Série A, no último período analisado, que vai de 2011 a 2020 (figura 14), a região Norte não teve representantes, enquanto o Nordeste contou com times apenas de algumas de suas capitais. No Centro-Sul, as únicas localidades que tiveram participantes e não eram capitais foram Criciúma-SC, Chapecó-SC, Joinville-SC, Campinas-SP, Santos-SP e Bragança Paulista-SP. Ressaltamos que Santos-SP, Campinas-SP e Bragança Paulista-SP estão muito próximos de São Paulo, o mais dinâmico centro urbano brasileiro e que Santa Catarina é um estado curioso do ponto de vista da hierarquia urbana, sem um grande centro polarizador.

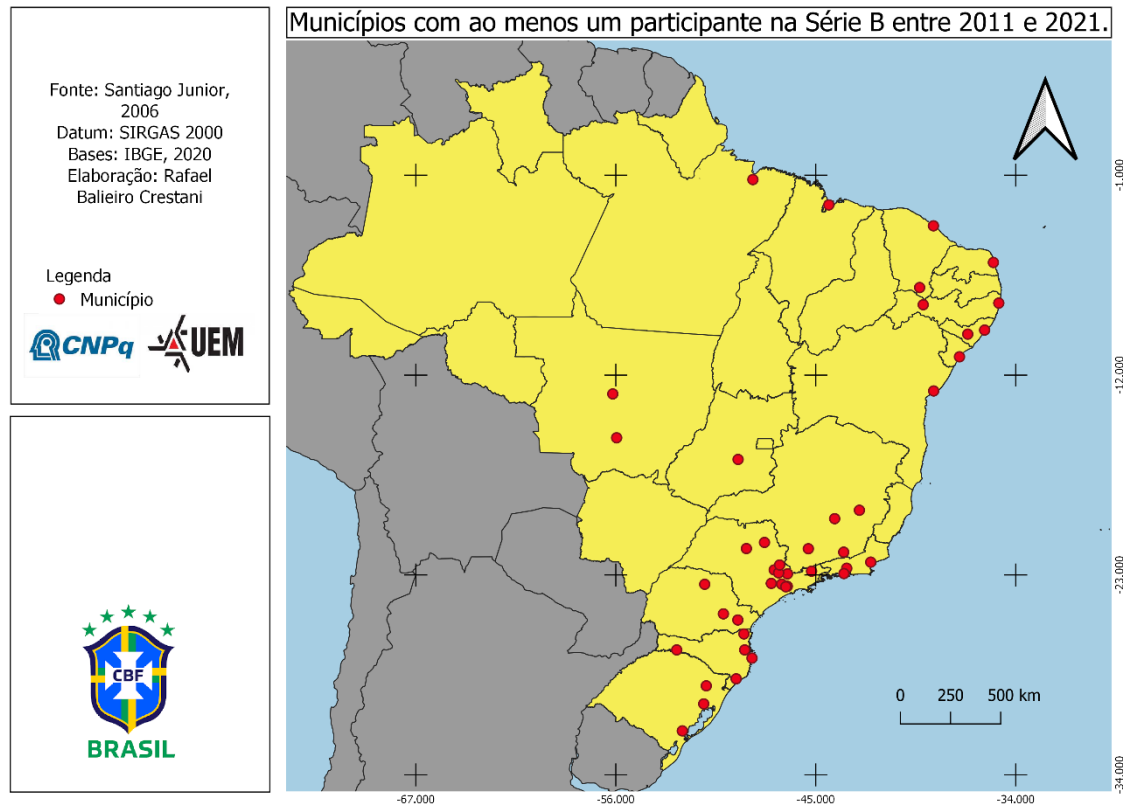
Figura 14 - Municípios de origem dos participantes da “Série A” entre 2011 e 2021



Fonte: (Santiago Jr, 2006)
 Elaboração: (Autor, 2021)

Na Série B, a região Norte está representada por suas duas maiores capitais, Manaus e Belém (figura 15). No Nordeste, quase todas as capitais tiveram pelo menos um representante no período analisado. Além disso, algumas localidades do interior também foram representadas, como Arapiraca-AL e Juazeiro do Norte-CE. Apesar de ser interessante a representatividade do Nordeste, isso também demonstra como suas equipes têm cada vez menos espaço entre os grandes clubes do Brasil. Na edição de 2021 do Campeonato Brasileiro da Série A, apenas equipes de Salvador, Fortaleza e Recife tiveram representantes, totalizando 4 equipes, enquanto os representantes do estado de São Paulo eram 5. Na edição de 2021, os representantes de Salvador e Recife foram rebaixados.

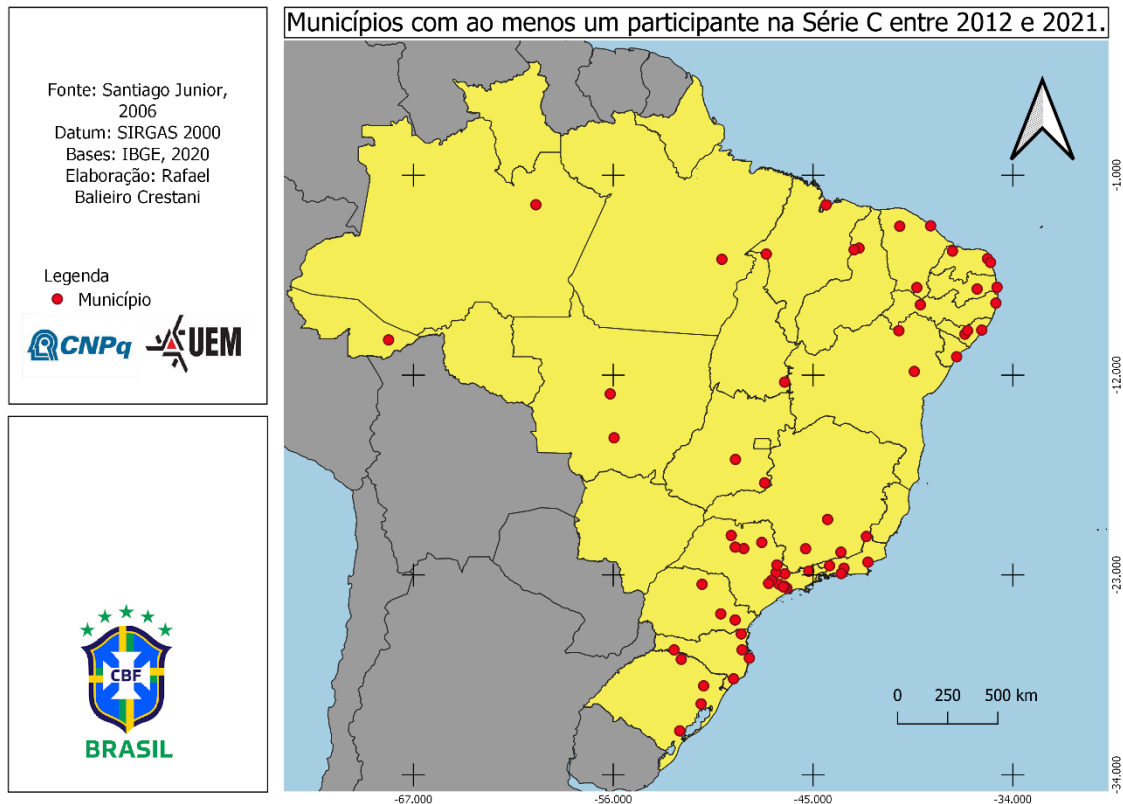
Figura 15 - Municípios de origem dos participantes da “Série B” entre 2011 e 2021



Fonte: (Santiago Jr, 2006)
 Elaboração: (Autor, 2021)

Com a padronização do número de participantes na Série C, a grande diversidade locacional dos participantes caiu nas edições entre 2012 e 2021 (figura 16). Em 2009, surgiu a Série D e a terceira divisão do Campeonato Brasileiro começou a ser disputada, na maioria das edições, por 20 equipes, assim como as divisões superiores do campeonato nacional. O sistema de acesso e descenso é consolidado e o acesso a essa divisão por meio do desempenho no estadual é extinto.

Figura 16- Municípios de origem dos participantes da “Série C” entre 2012 e 2021



Fonte: (Santiago Jr, 2006)
 Elaboração: (Autor, 2021)

A Série D, por sua vez, é que começa a utilizar como seleção de participantes o desempenho nos estaduais, sendo reservada, obviamente, para os clubes menores, já que os de maior expressão, teriam, usualmente, uma vaga em uma das três divisões superiores do campeonato nacional.

Outras transformações ocorridas na sociedade brasileira também explicam, em parte, a concentração geográfica dos participantes do campeonato brasileiro da Série A. O processo de metamorfose social e espacial chamado de “Metropolização” também imprimiu suas marcas na rede urbana brasileira, acarretando transformações no futebol brasileiro. Lencione (2017) é uma das autoras que trabalhou o conceito, se pautando em uma mudança na forma, na função e na estrutura da urbanização brasileira e que teve como efeitos a expansão do modo metropolitano para outras áreas do território nacional. Nesse processo, também estariam imbricadas mudanças referentes ao avanço das redes técnicas, do capital financeiro e da conectividade. Trabalharemos a metropolização com maior riqueza de detalhes mais adiante, especificamente no capítulo 7.

Nesse processo de concentração territorial dos participantes do principal campeonato de futebol no Brasil, outro aspecto chamou a atenção durante o século XX, principalmente com a década de 1990 e a maior comercialização do esporte: as torcidas de futebol. Se os clubes, cada vez mais, se tornam grandes vitrines para grandes marcas e também vão se transformando cada vez mais em empresas que visam o lucro, os torcedores se tornam, paulatinamente, consumidores. Por esses e outros motivos, saber a quantidade e a localização das torcidas se tornou importante para os clubes venderem seus direitos e transmissão de jogos e seus espaços destinados à patrocinadores. Dessa forma, inúmeras pesquisas de “opinião” acerca da preferência dos clubes começaram a surgir já na década de 1980, se tornando comuns na década de 1990 e nos anos 2000. A análise dessas pesquisas pode contribuir para que se tenha uma ideia da territorialização das torcidas de futebol e da dinâmica do futebol no estado do Paraná.

5. O FUTEBOL PARANAENSE EM CONTEXTO: ENTRE A INSERÇÃO NACIONAL E A ACEITAÇÃO REGIONAL

Com o futebol moderno e o predomínio da lógica mercadológica, os torcedores são vistos cada vez mais como consumidores. Nessas condições, a base espacial de torcedores é trunfo para que os clubes obtenham ganhos econômicos através das cotas de televisão, dos ingressos vendidos, do programa de sócio torcedores, das vendas de produtos oficiais da marca e outros meios que estão, direta ou indiretamente, relacionados com a massa de adeptos.

Essa base de torcedores é importante, não apenas do ponto de vista quantitativo, mas também geograficamente e qualitativamente. Não basta que o clube tenha muitas pessoas que se dizem torcedores, mas também que estes sejam engajados, contribuindo com o clube vendo jogos, comprando produtos, assinando pacotes pay-per-view e outros.

Geograficamente, é importante saber em quais partes do país a torcida é mais numerosa para planejar programas de marketing, pleitear verbas de transmissão e planejar estratégias para manter e aumentar a base de torcedores. Alguns locais do país, por exemplo, possuem, de forma geral, poder aquisitivo mais alto do que outras regiões. Os clubes com uma boa base de torcedores nessas regiões, podem estabelecer estratégias para aumentar o lucro através de produtos e serviços dos clubes por parte dos adeptos.

As possibilidades são imensas, mas, no Brasil, os clubes não têm um grande histórico de estratégias de marketing relacionadas ao aumento da torcida ou mesmo ao consumo destas.

Historicamente, a obtenção de estimativas do tamanho das torcidas de futebol no Brasil, de forma quantitativa, é baseada em pesquisas demográficas ou “de opinião”. Mais de 30 pesquisas já foram realizadas desde a década de 1980, tentando quantificar os torcedores de cada clube. Os dados, em sua maioria, são costumeiramente publicados em números percentuais, sem muita importância para a estratificação geográfica. Algumas pesquisas trouxeram, no máximo, uma estratificação pelas regiões geográficas, dividindo o país nas 5 regiões propostas pelo IBGE. Outras, ainda mais raras, se preocuparam em realizar pesquisas nos estados, regiões metropolitanas e, até mesmo, em algumas cidades, sendo, entretanto, na maioria das vezes, restritas às grandes cidades, como São Paulo e Rio de Janeiro.

No passado, talvez essas pesquisas se justificassem devido à grande dependência locacional dos torcedores. Apenas os torcedores que habitavam as cidades de seu clube ou em regiões próximas conseguiam ir ao estádio costumeiramente ou obter produtos oficiais. Contudo, com o avanço do futebol moderno, a melhoria na qualidade e quantidade de voos aéreos no Brasil, a possibilidade de realizar compras online, de adquirir programas de pay-per-view e de assinar um programa de sócio torcedor, tornou importante a massa de torcedores que vive no interior ou em localidades distantes da cidade de origem do clube. Por esses e outros motivos que pesquisas diversas acerca das torcidas de futebol poderão ser importantes no futuro.

Como as pesquisas, de modo geral, foram publicadas abrangendo todo o território nacional, com poucas exceções, elencaremos algumas pesquisas “de opinião” feitas no Brasil da década de 1980, até os dias atuais.

O objetivo aqui é, em um primeiro momento, descrever quais são as maiores torcidas do Brasil e os clubes paranaenses que possuem as maiores torcidas para, posteriormente, analisar geograficamente a base de torcedores de futebol no estado do Paraná.

Buscou-se dividir as pesquisas entre as que colheram dados em regiões metropolitanas e as que foram realizadas em todo território nacional ou, pelo menos, em boa parte deste. Essa divisão permite realizar algumas inferências sobre as torcidas dos clubes paranaenses, o que será importante posteriormente.

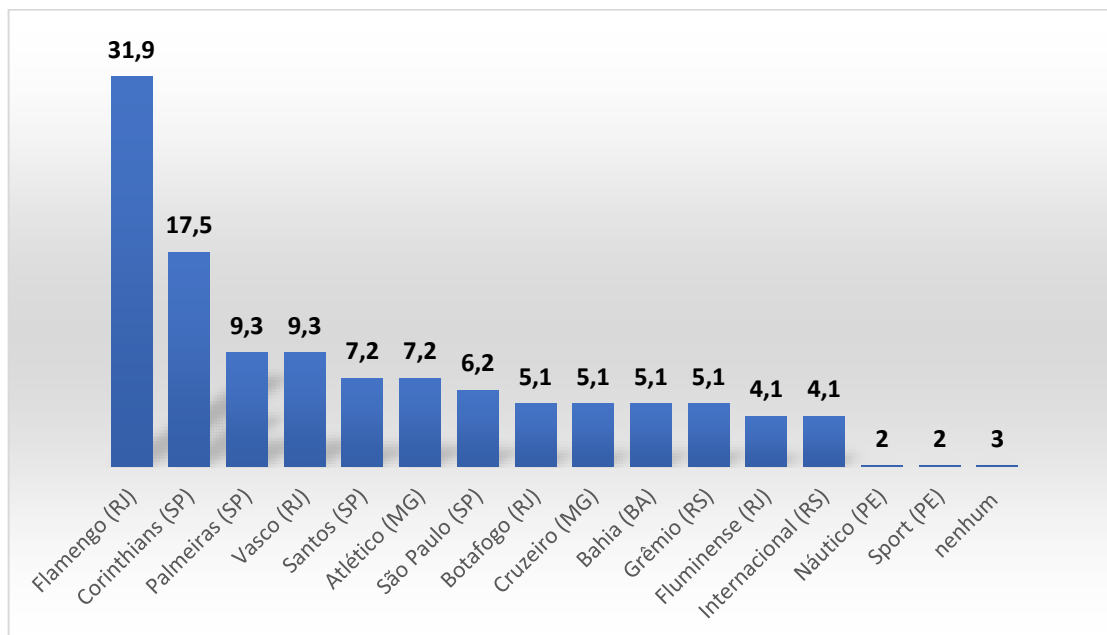
5.1 PESQUISAS FEITAS NAS CAPITALS E/OU REGIÕES METROPOLITANAS

A pesquisa realizada pelo Instituto Gallup e pela Revista Placar em 1983, apesar de não ser a primeira a ser realizada no país, foi importante por ser mais abrangente do que outras que já haviam sido realizadas como, por exemplo, as da década de 1970, que se restringiam às grandes cidades, como São Paulo, Rio de Janeiro e Porto Alegre.

A pesquisa de 1983 entrevistou homens e mulheres de diversas partes do Brasil e não apresentou nenhum clube paranaense entre as 15 maiores torcidas do país. Múltiplas respostas foram aceitas. Na época, os clubes paranaenses ainda não tinham alcançado uma grande conquista nacional, o que só ocorreria em 1985, com o título brasileiro do Coritiba. A capital paranaense, por sua vez, possuía 1.052.147

habitantes de acordo com dados de 1980 do IBGE. O futebol paranaense já estava consolidado do ponto de vista da expansão geográfica, uma vez que clubes de diversas localidades do estado participavam do campeonato paranaense de futebol. Nessa época, os clubes do interior do estado do Paraná ainda tinham certa importância, participando de competições nacionais de nível menor e dos campeonatos paranaenses.

Gráfico 2- Pesquisas de torcidas- Instituto Gallup e Revista Placar (1983)



Fonte: Revista Placar, 1983
Elaboração: (Autor, 2021)

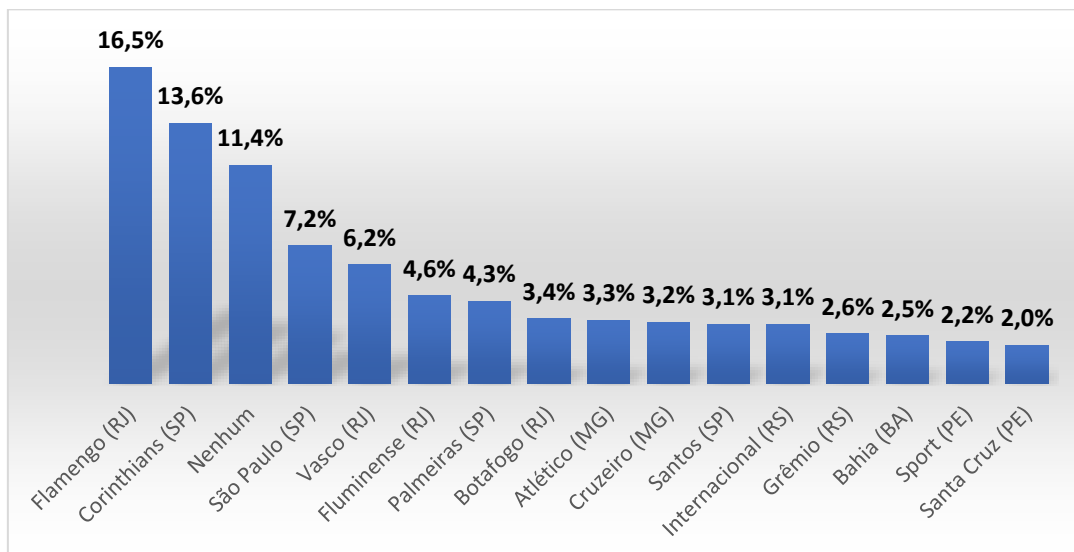
Em 1993, a Revista Placar realizou mais um levantamento, desta vez em parceria com o IBOPE. Esta pesquisa foi restrita às regiões metropolitanas de São Paulo, Rio de Janeiro, Porto Alegre, Salvador, Brasília, Curitiba, Fortaleza, Recife e Belo Horizonte. Esse tipo de pesquisa, concentrado em regiões metropolitanas, é importante para realizar inferências sobre a localização geográfica de algumas torcidas, quando combinadas com as pesquisas realizadas em todo o território nacional, que obviamente consideram o interior, como veremos adiante.

Em comparação com a pesquisa realizada na década de 1980, a diferença entre as duas maiores torcidas do país caiu drasticamente, assim como a quantidade de torcedores que não torciam para nenhuma equipe aumentou consideravelmente. Ainda que a série de pesquisas fosse curta, já era possível, ao menos, inferir sobre a

força da torcida do Flamengo em regiões interioranas como um dos motivos da queda dos valores, além, claro, de inúmeros outros aspectos.

Mesmo concentrada nas regiões metropolitanas, a pesquisa não mostrou nenhum clube paranaense entre as maiores torcidas de futebol do país. Nessa época, os clubes da capital curitibana começaram a experimentar os primeiros fracassos no campeonato brasileiro. Coritiba e Atlético Paranaense foram rebaixados nos campeonatos da série A de 1989 e 1993. Há de se ressaltar, também, a fraca atração gerada pelos tipos da capital paranaense no interior do estado, fruto dos processos colonizatórios e de ocupação que pelos quais o interior do estado passou durante do século XX, estabelecendo fracas conexões técnicas e culturais entre a capital e o interior. Soma-se a isso, o fato dos clubes interioranos possuírem tradição em suas respectivas cidades, atraindo os torcedores locais para torcer contra as equipes da capital que, por sua, vez, ainda não apresentavam grandes resultados a nível nacional, Exceção feita ao título brasileiro do Coritiba, conquistado em 1985.

Gráfico 3 – Pesquisa de torcidas- IBOPE e Revista Placar (1993)

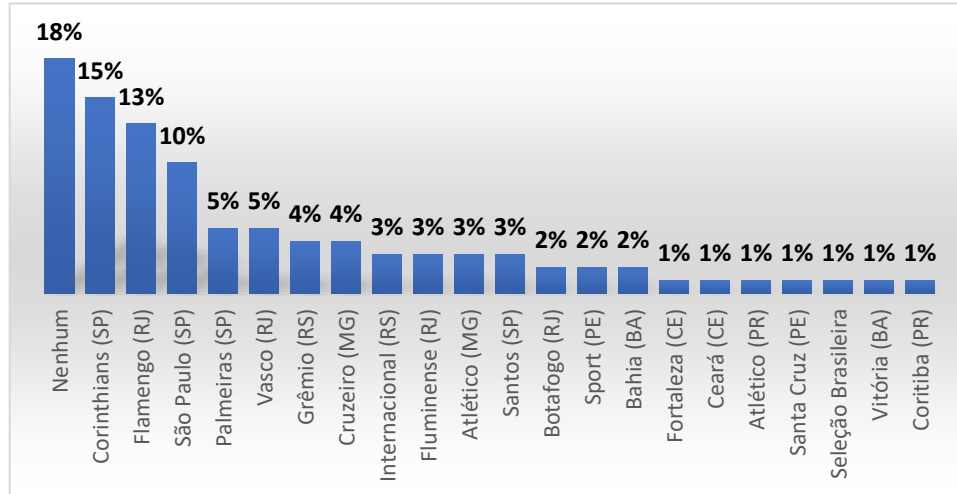


Fonte: Revista Placar, 1993
Elaboração: (Autor, 2021)

Em 2006, uma pesquisa realizada pela Ipsos Marplan, entrevistando homens e mulheres nas regiões metropolitanas de Belo Horizonte, Brasília, Curitiba, Fortaleza, Porto Alegre, Recife, Rio de Janeiro, Salvador e São Paulo, mostraria dois clubes paranaenses na lista das maiores torcidas do país. O Clube Atlético Paranaense e o Coritiba Football Club, ambos da capital, alcançaram aproximadamente 1% das

preferências dos entrevistados. No Censo de 2000, Curitiba já apresentava 1.587.315 habitantes.

Gráfico 4 - Pesquisa de torcidas- Ipsus Marplan (2006)



Fonte: Ipsos Marplan, 2006

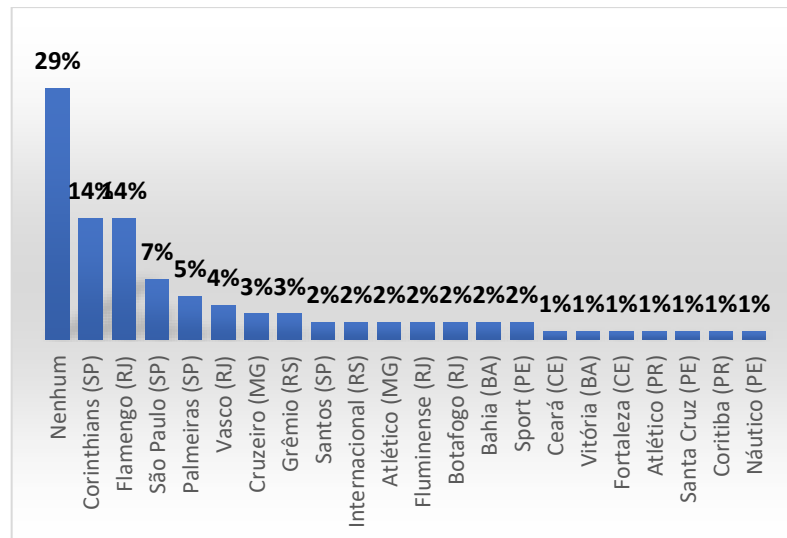
Elaboração: (Autor, 2021)

Em 2012, o mesmo instituto realizou pesquisa parecida, entrevistando homens e mulheres das regiões metropolitanas de Belo Horizonte, Brasília, Curitiba, Florianópolis, Fortaleza, Goiânia, Porto Alegre, Recife, Rio de Janeiro, Salvador, São Paulo, Vitória e o interior do estado de São Paulo.

Neste estudo, o Sport Club Corinthians Paulista aparece como a maior torcida do país, mas há que se fazer a ressalva de que apenas o interior paulista foi levado em consideração na pesquisa, deixando de lado o interior fluminense e de outros estados em que torcidas de clubes cariocas possuem maior tradição.

Contudo, o mais interessante para nosso estudo é a presença dos clubes paranaenses, Coritiba e Atlético Paranaense) mais uma vez alcançando aproximadamente 1% da preferência dos entrevistados. Curitiba já alcançara, de acordo com o Censo de 2010, 1.751.907 habitantes. No século XXI, os tradicionais clubes do interior do estado já passavam por dificuldades dentro e fora dos gramados. O Operário Ferroviário, de Ponta Grossa, pediu licenciamento das competições profissionais no final da década de 1990, enquanto o Londrina E. C. foi rebaixado no Campeonato Paranaense de 1998. O Grêmio de Esporte Maringá, por sua vez, também pediu licenciamento das atividades profissionais em 1996, alegando dificuldades financeiras.

Gráfico 5- Pesquisa de torcidas- Ipsus Marplan (2012)



Fonte: Ipsos Marplan, 2006

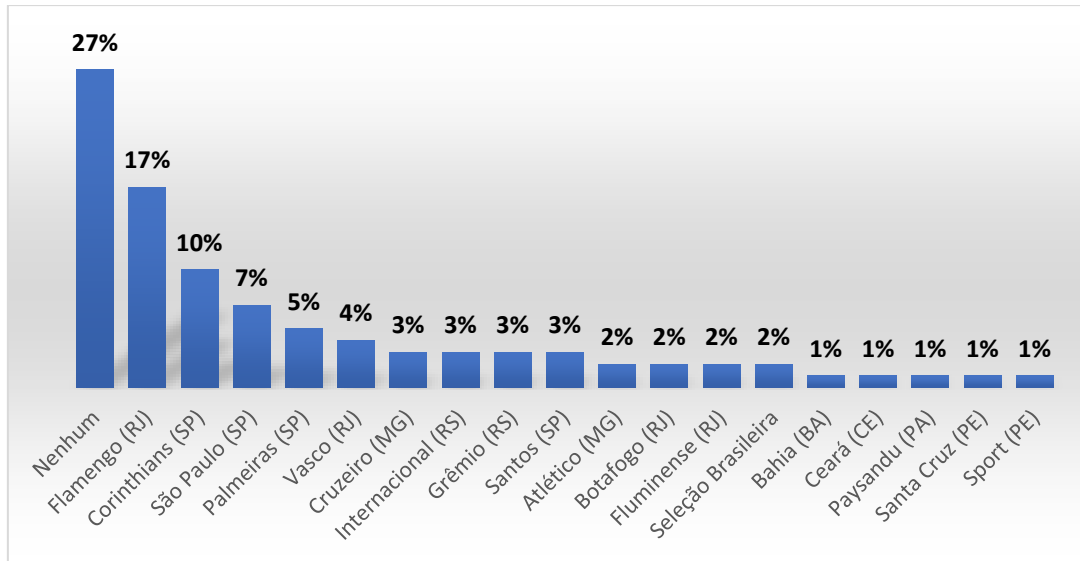
Elaboração: (Autor, 2021)

Juntamente com a análise histórica das pesquisas realizadas em inúmeras cidades do país, será possível realizar inferências acerca da localização da base de torcedores dos dois clubes mais tradicionais do Paraná.

5.2 PESQUISAS FEITAS EM INÚMERAS CIDADES

Em 1993, uma pesquisa do Datafolha em parceria com a Folha de São Paulo elencou as maiores torcidas do país, entrevistando homens e mulheres de 122 cidades da maioria das unidades da federação, exceto Amapá e Roraima. Não há a presença de nenhum clube paranaense entre as maiores torcidas do país, algo que foi comum nos anos posteriores em pesquisas que abrangeram não apenas capitais e regiões metropolitanas, mas cidades de variados tamanhos em inúmeros estados.

Gráfico 6- Pesquisa de torcidas- DataFolha/Folha de São Paulo (1993)

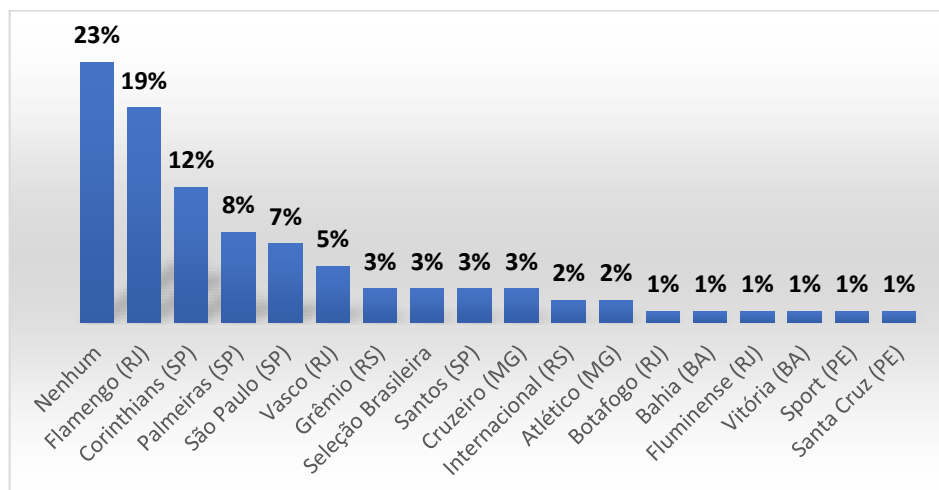


Fonte: DataFolha/Folha de S. Paulo, 1993
Elaboração: (Autor, 2021)

Em 2000, o DataFolha e a Folha de S. Paulo realizaram mais uma pesquisa entrevistando homens e mulheres de 296 cidades de todas as UF's.

Mais uma vez, os clubes paranaenses não aparecem entre as maiores torcidas do país, sendo isso, provavelmente, um reflexo da pouca distribuição dos torcedores da dupla "Atletiba" no estado do Paraná, o que veremos posteriormente.

Gráfico 7- Pesquisa de torcidas- DataFolha/Folha de São Paulo (2000)

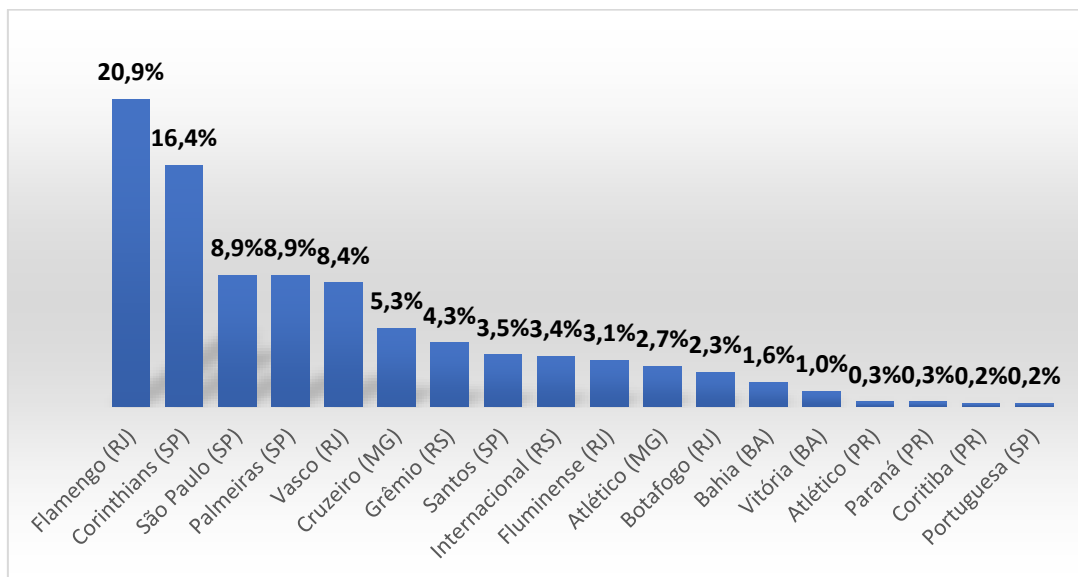


Fonte: DataFolha/Folha de S. Paulo, 2000
Elaboração: (Autor, 2021)

Foram as pesquisas realizadas pelo DataFolha e pela Revista Placar de 2002 que, pela primeira vez, três clubes paranaenses apareceram entre as principais

torcidas de futebol do país. Além do Clube Atlético Paranaense e do Coritiba Football Club, clubes que tradicionalmente já apareciam nas pesquisas, o Paraná Clube, fundado na década de 1990 após a fusão de dois clubes curitibanos (Pinheiros e Ferroviário), também marcou presença. Segundo a pesquisa, homens e mulheres foram entrevistados em todo o território nacional. A pesquisa, entretanto, não fez qualquer referência sobre o número de cidades amostradas.

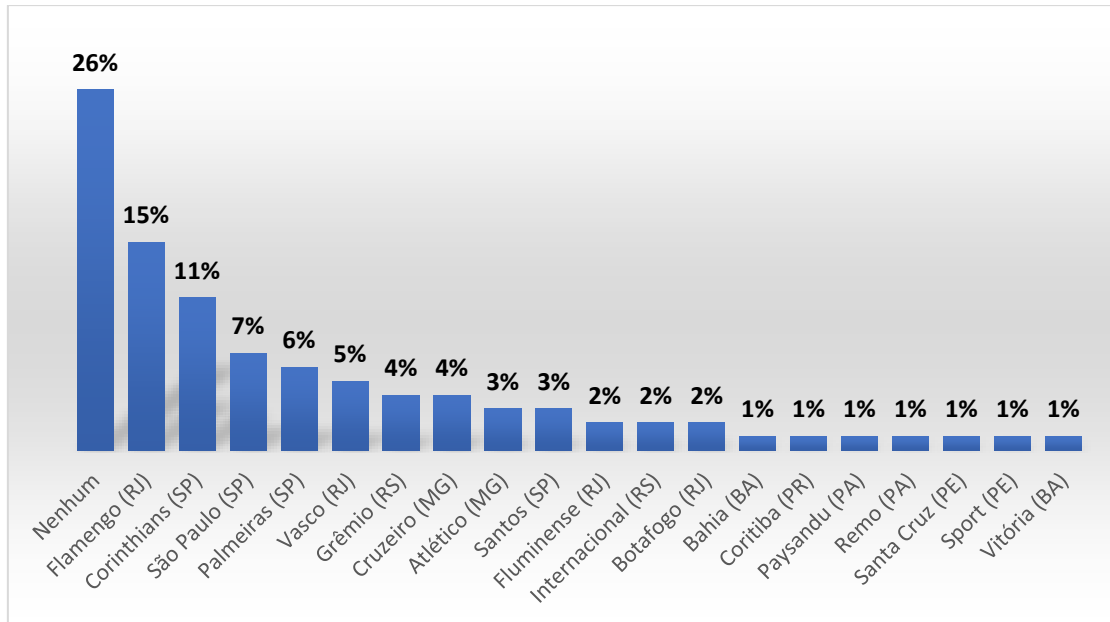
Gráfico 8- Pesquisa de torcidas- DataFolha/Placar (2002)



Fonte: DataFolha/Folha de S. Paulo, 2002
Elaboração: (Autor, 2021)

Em 2004, o IBOPE e a Rede Globo realizaram uma pesquisa englobando 365 cidades brasileiras de todos os estados. Foram entrevistados tanto homens como mulheres e um clube paranaense apareceu no levantamento: o Coritiba Football Club. Esse fato é interessante, já que o Clube Atlético Paranaense mostrou, em pesquisas anteriores, possuir torcida ligeiramente maior ou, pelo menos, com números aproximados à torcida do Coritiba. Na época, o Atlético passava por grande momento, sendo campeão brasileiro de 2001 e vice-campeão na edição de 2004.

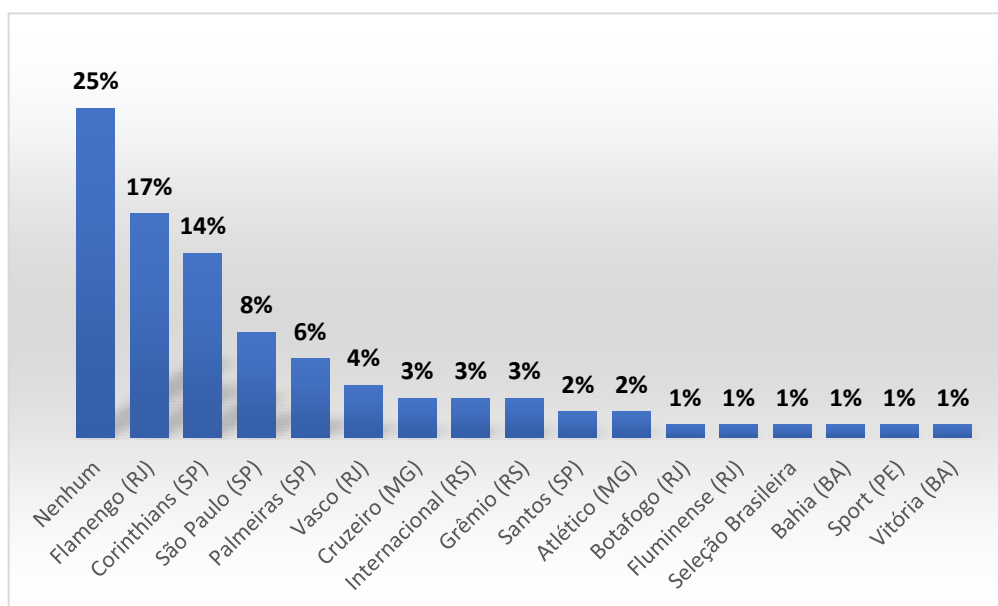
Gráfico 9- Pesquisa de torcidas- IBOPE/Rede Globo (2004)



Fonte: DataFolha/Folha de S. Paulo, 2004
Elaboração: (Autor, 2021)

O Datafolha publicou mais uma pesquisa sobre as maiores torcidas do Brasil em 2010. Nesta pesquisa foram entrevistados homens e mulheres de 144 cidades de todos os estados. Mais uma vez, não houve a presença de nenhum clube paranaense entre as 16 maiores torcidas do país.

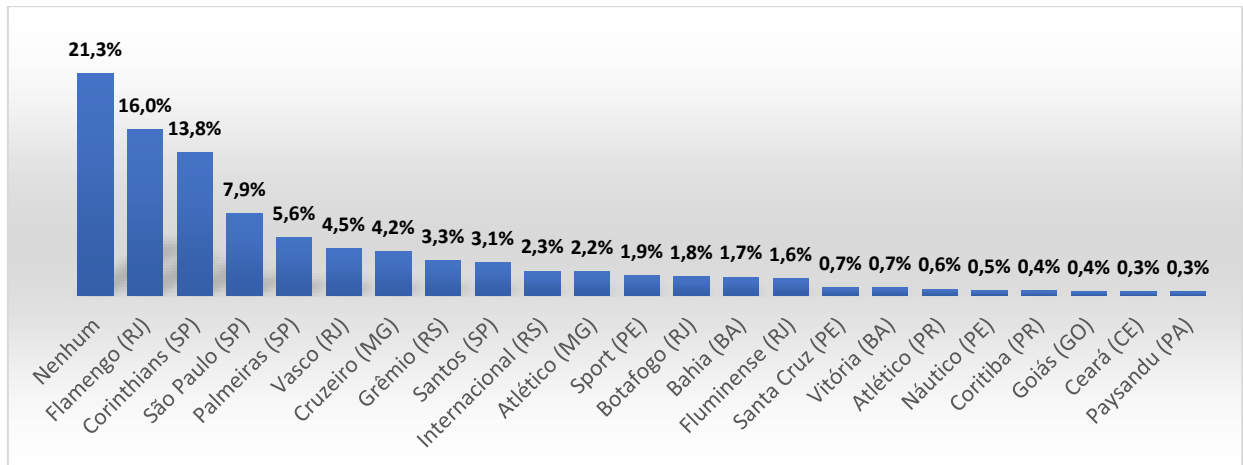
Gráfico 10- Pesquisa de torcidas- DataFolha (2010)



Fonte: DataFolha, 2010.
Elaboração: (Autor, 2021)

Em 2014, o Paraná Pesquisas entrevistou homens e mulheres de 258 cidades de todos os estados do Brasil. Nos resultados, nenhum clube paranaense apareceu entre as 15 maiores torcidas do país, estando o Atlético na 17ª posição e o Coritiba a 19ª, alcançando 0,6% e 0,4% da preferência dos entrevistados, respectivamente.

Gráfico 11- Pesquisa de torcidas- Paraná Pesquisas (2014)



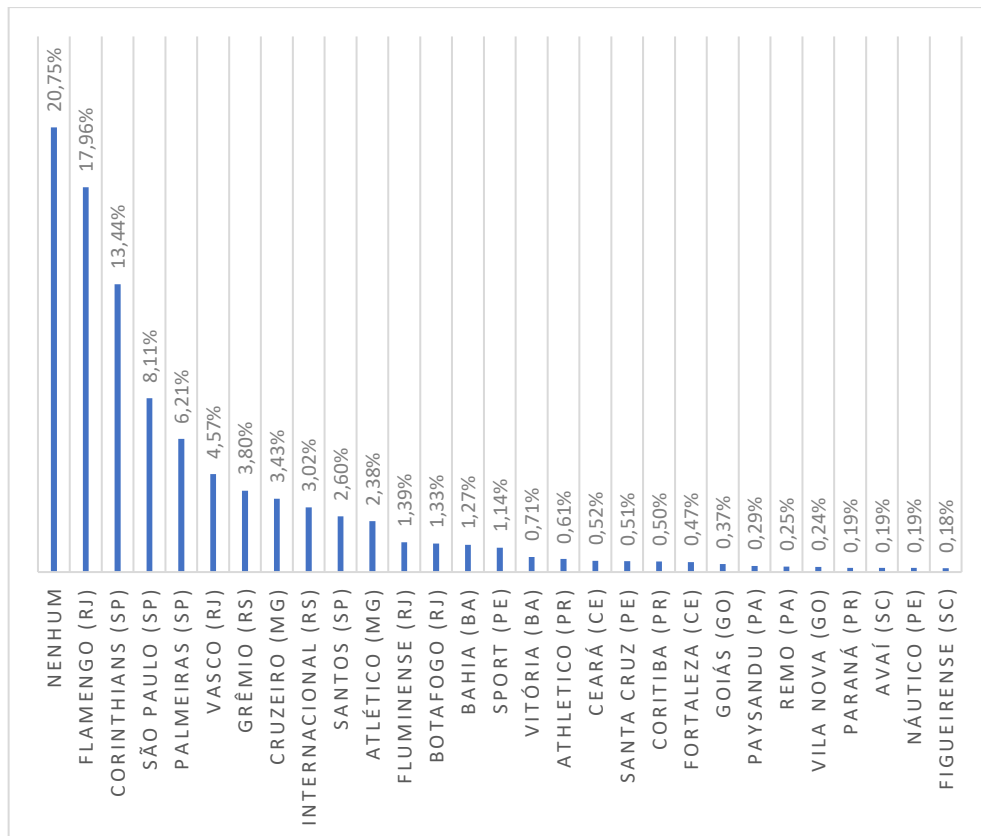
Fonte: Paraná Pesquisas, 2014.

Elaboração: Autor, 2021

Na última pesquisa que elencamos, realizada pela Pluri Stochos, o Atlético-PR aparece como a 16ª maior torcida do país, provavelmente fruto dos títulos importantes conquistados nos últimos anos à nível estadual, nacional e internacional. O Coritiba Football Club era a 19ª maior torcida do país e o Paraná Club, por sua vez, era a 25ª maior torcida.

Há certa curiosidade para saber o resultado de novas pesquisas que são realizadas abordando o tamanho das torcidas no Brasil e no Paraná, principalmente pelo péssimo momento vivido por clubes tradicionais do país, como o Cruzeiro, o Vasco e, à nível estadual, o Paraná Clube, rebaixado para a Série D do campeonato nacional em 2021.

Gráfico 12- Pesquisa de torcidas- Pluri Stochos (2020)



Fonte: Pluri Stochos, 2020

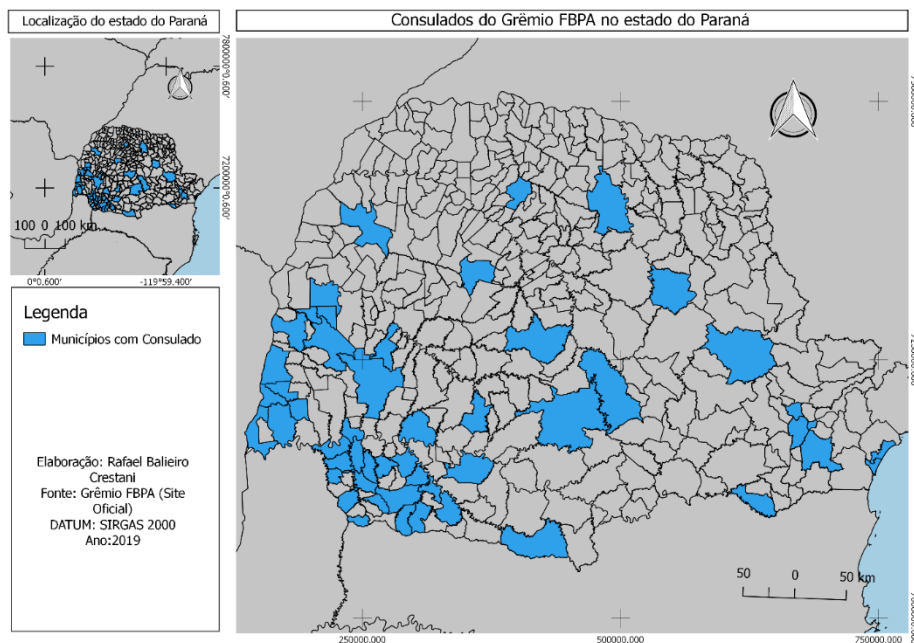
Elaboração: (Autor, 2021)

De forma geral, foi possível notar que algumas torcidas provavelmente são mais expressivas nas grandes cidades e regiões metropolitanas. No caso paranaense, a análise simples dessa pesquisa permite inferir que boa parte das torcidas de clubes curitibanos estão próximos de Curitiba, já que esses clubes quase não aparecem entre as grandes torcidas do país quando as pesquisas consideram cidades do interior e todas as Unidades da Federação. Além disso, os últimos *atletibas* disputados longe de Curitiba, especificamente no interior do estado, não atraíram muitos torcedores. Em 2013, o jogo disputado em Maringá atraiu pouco mais de 1000 torcedores. Parece uma constatação óbvia, mas, em outros estados, é comum que equipes da capital estadual dominem a preferência dos torcedores nas cidades interioranas, como em São Paulo, no Rio Grande do Sul e em Minas Gerais.

Analisando especificamente as torcidas de futebol no estado do Paraná por meio de outras análises, podemos fazer algumas observações acerca da territorialização das torcidas no estado do Paraná. O estado tem como característica a torcida por clubes de outros estados.

A concentração de torcedores de equipes gaúchas, ao menos no estado do Paraná, ainda resiste em algumas localidades, principalmente no sudoeste e no extremo-oeste. Por outro lado, a hegemonia de Grêmio e Internacional na totalidade das regiões já pode ser contestada, principalmente em cidades de porte médio como Foz do Iguaçu e Cascavel. Um exemplo da resistência da torcida gaúcha na área de estudo é a localização dos consulados de torcedores dos clubes gaúchos no estado do Paraná.

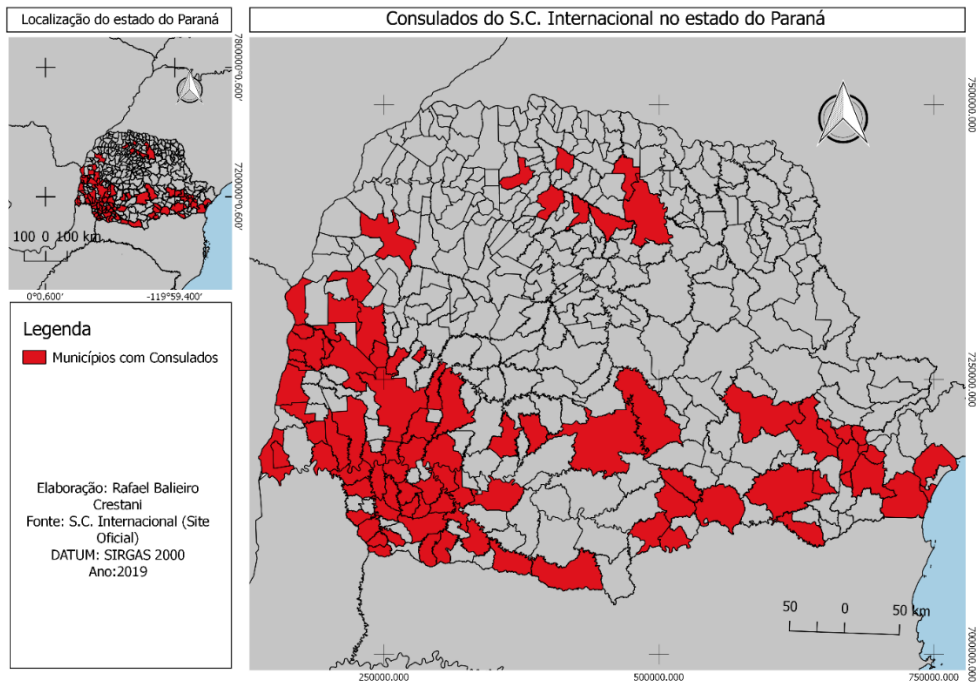
Figura 17 - Consulados do Grêmio FBPA no estado do Paraná



Elaboração: Autor, 2019

Os consulados representam uma ligação entre o clube de futebol e seus torcedores, especialmente àqueles que vivem distante do município onde o clube está sediado. É uma forma de representar o clube localmente, bem como estabelecer uma relação entre o clube e os torcedores de outras localidades. Os clubes gaúchos possuem certa tradição de instalarem consulados por todo o país, mas no estado do Paraná a concentração se dá nas regiões oeste e sudoeste.

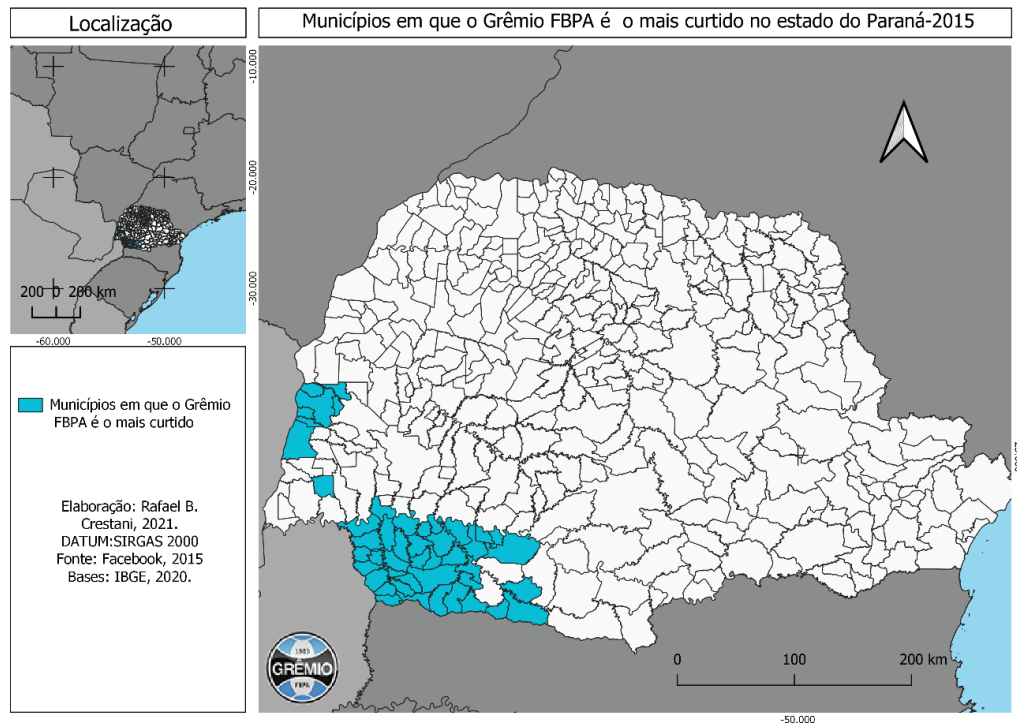
Figura 18 - Consulados do S. C. Internacional no estado do Paraná



Elaboração: Autor, 2019

Outro exemplo acerca da espacialização da torcida por clubes gaúchos no oeste e no sudoeste paranaense se dá por meio das redes sociais, importante aliado dos clubes para expandir suas marcas. Em 2015, o Facebook, em parceria com o site Globoesporte.com, fez um levantamento dos clubes mais curtidos na rede social por município. O resultado também mostra aspectos interessantes das torcidas no oeste e sudoeste do Paraná.

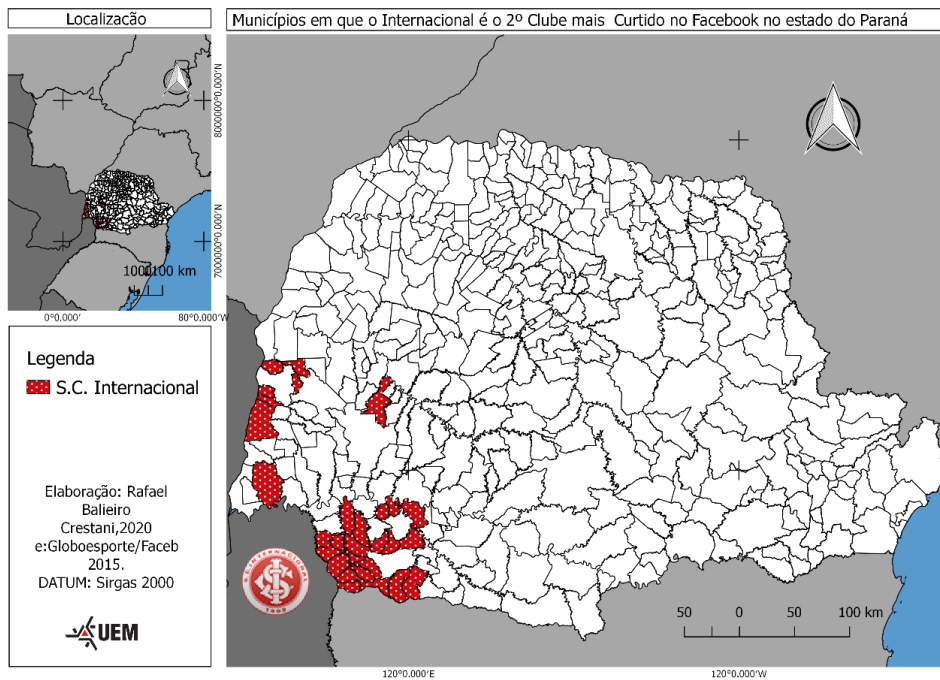
Figura 19-Municípios em que o Grêmio FBPA é o mais curtido no Paraná



Elaboração: Autor, 2021

Na rede social, o Grêmio FBPA apresenta boa popularidade nos municípios do sudoeste e do extremo oeste do Paraná, reconhecidos espaços da migração gaúcha nas décadas de 1940, 1950 e 1960, alcançando o primeiro lugar dentre todas as agremiações analisadas pelo estudo. O. S. C. Internacional, por sua vez, não alcança a primeira colocação em nenhum município no estudo, nem mesmo no estado do Rio Grande Do Sul, sendo ofuscado pelo seu maior rival. Entretanto, aparece em segundo lugar em inúmeros municípios, inclusive no sudoeste e no extremo oeste paranaense.

Figura 20 - Municípios em que o S.C. Internacional é o segundo mais curtido no Paraná



Elaboração: Autor, 2020

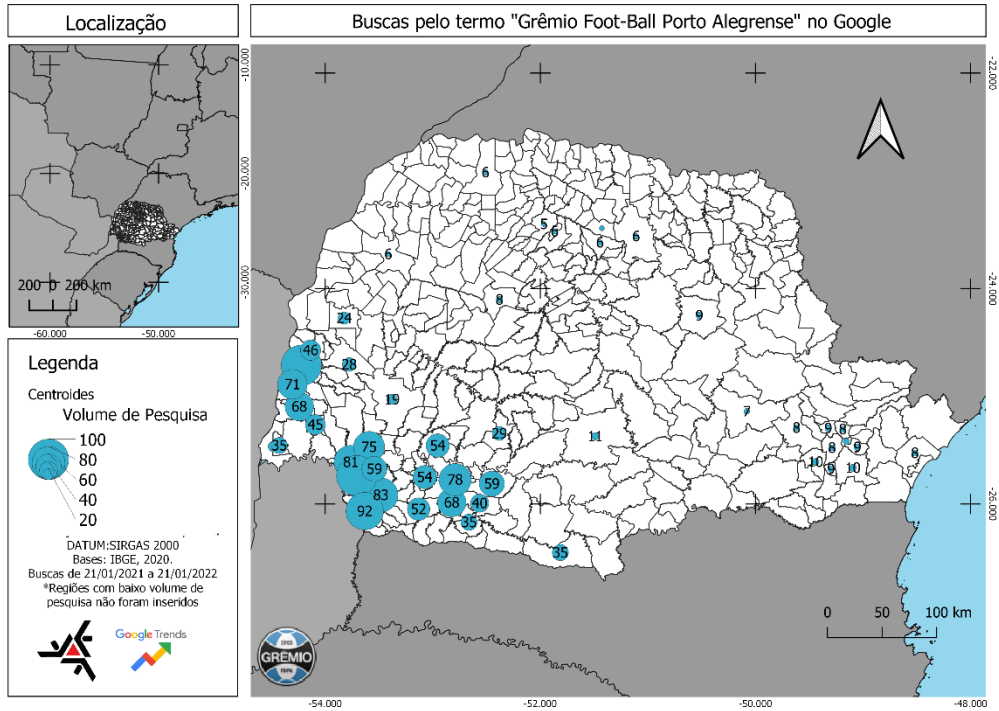
Além das redes sociais, o Google disponibiliza dados acerca das buscas feitas no site. Quando observamos as buscas feitas pelas equipes gaúchas no Paraná durante o período de um ano, vemos a clara concentração de torcidas gaúchas principalmente nas áreas citadas anteriormente, como o sudoeste e o extremo-oeste do estado.

Evidenciamos que todos esses levantamentos, incluindo o mapeamento dos consulados de torcidas, não se trata de pesquisas oficiais de torcidas. Apenas são retratos parciais da popularidade desses clubes no estado do Paraná.

Também chama a atenção, as consideráveis buscas em pequenas cidades do sudoeste do estado e, por outro lado, a não tão expressiva busca em cidades de porte médio, como Cascavel e Foz do Iguaçu.

O Grêmio se mostrou popular, por exemplo, em municípios de fronteira tanto no oeste como no sudoeste do estado.

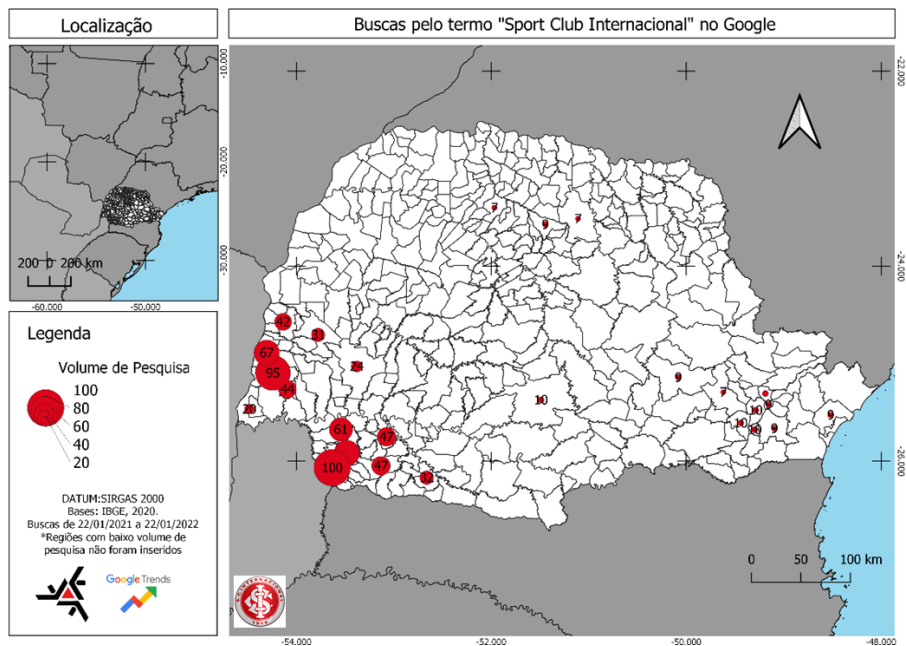
Figura 21 - Popularidade do Termo “Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense” no estado do Paraná



Elaboração: Autor, 2022

Algo parecido se notou com a popularidade do S. C. Internacional, que reconhecidamente possui torcida menor do que a do Grêmio e apresenta o maior volume de buscas em cidades pequenas do sudoeste no extremo-oeste paranaense.

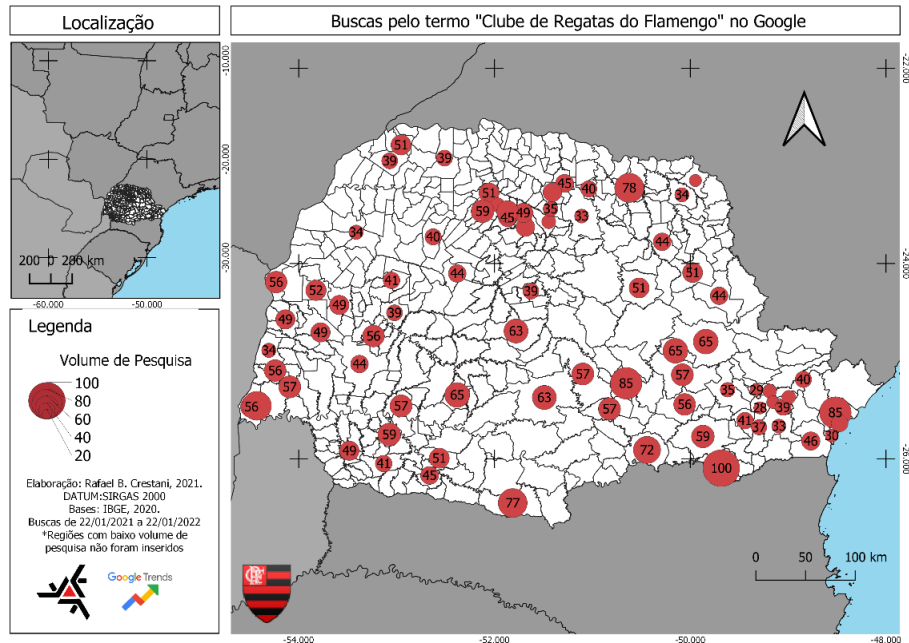
Figura 22-Popularidade do Termo “Sport Club Internacional” no Paraná



Elaboração: Autor, 2022

Quando tratamos dos clubes de grande massa, como o Corinthians e o Flamengo, percebemos que as buscas se dão por todo o estado.

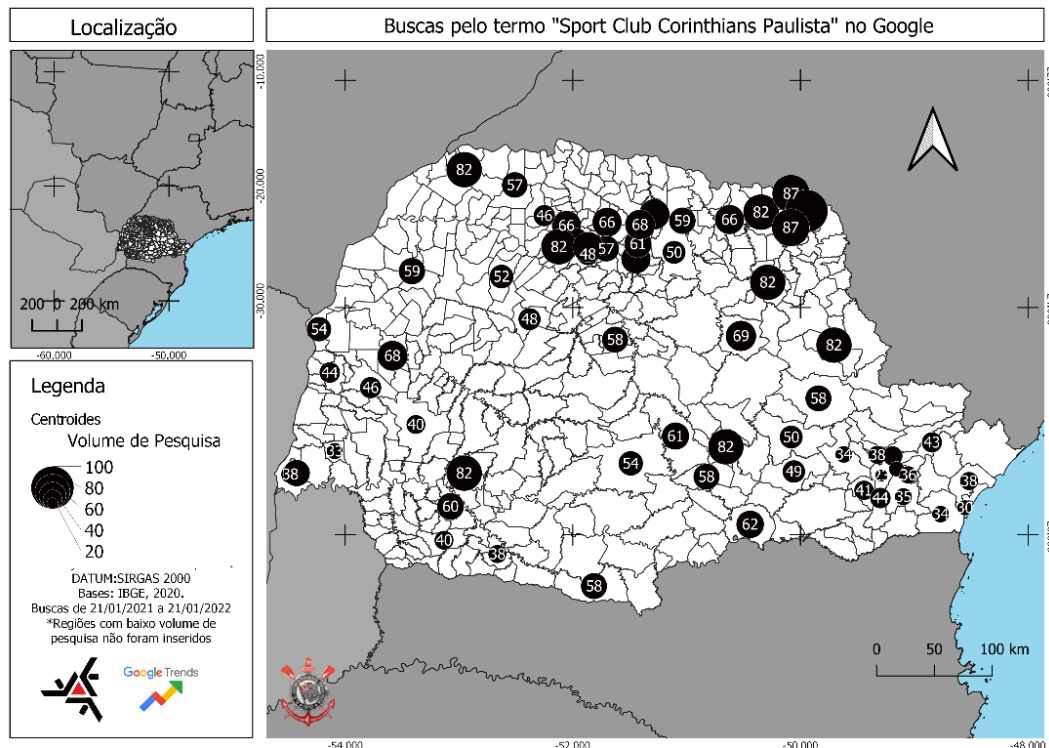
Figura 23 - Popularidade do termo “Clube de Regatas do Flamengo” no Paraná



Elaboração: Autor, 2022

No caso do Corinthians, é evidente a maior força do clube no norte do estado por inúmeros motivos, como o histórico da colonização do norte do estado e a proximidade com o estado de São Paulo, processo que veremos posteriormente. Mesmo assim, as buscas pelo clube paulista chegam a ser maiores que as buscas pelos clubes gaúchos em algumas localidades do oeste e do sudoeste.

Figura 24- Popularidade do Termo “Sport Club Corinthians Paulista” no Paraná.

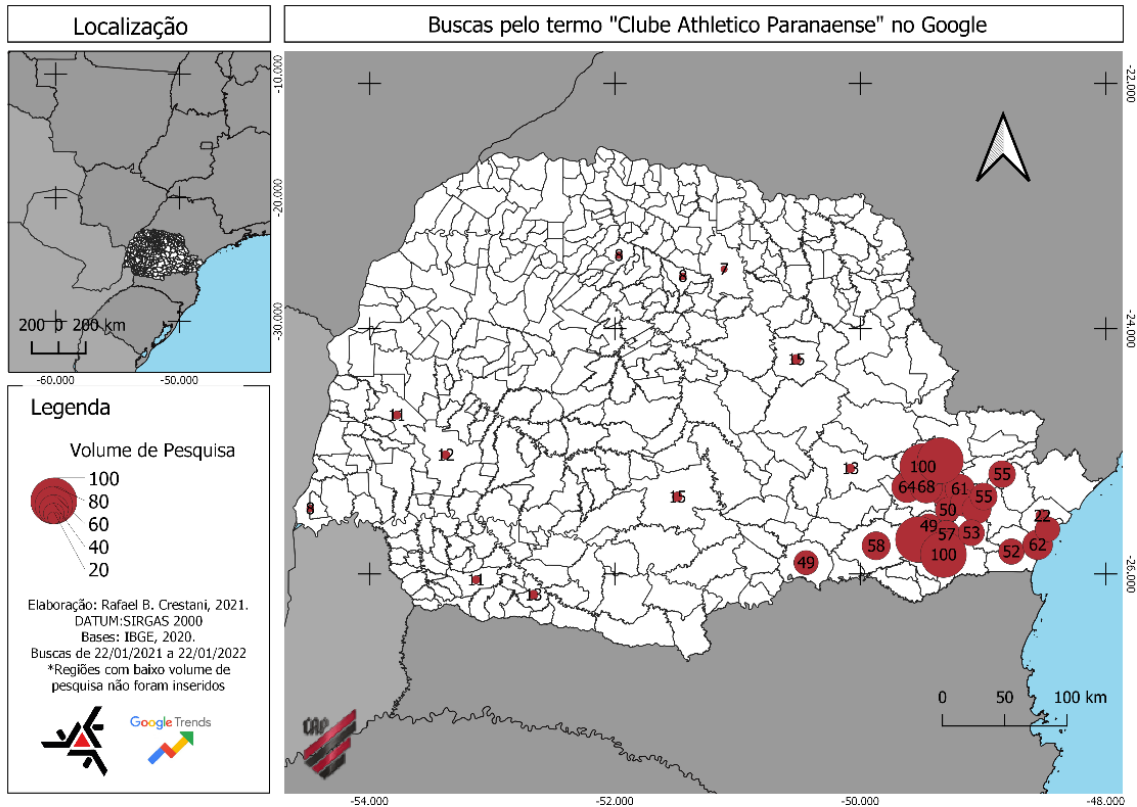


Elaboração: Autor, 2022

O sucesso dos clubes gaúchos entre os cidadãos do oeste e sudoeste, apesar da distância, também se explica pelo raro sucesso esportivo dos clubes locais à nível nacional e mesmo estadual. Esses clubes, devido a inúmeros fatores, também não se mostraram constantes com o passar dos anos, fechando os departamentos de futebol ou declarando falência, sendo vítimas de más administrações, das mudanças ocorridas no futebol e mesmo na economia regional. Nos últimos anos, com a modernização do futebol e a sua financeirização, a situação dos clubes interioranos piorou. As marcas locais não têm se mostrado fortes o bastante para concorrer com os clubes nacionais localizados em grandes centros da rede urbana nacional.

Analisando a procura dos termos relacionados aos grandes clubes da capital curitibana (figura 25), percebemos que a concentração é clara nas localidades próximas de Curitiba e no chamado “Paraná Tradicional”.

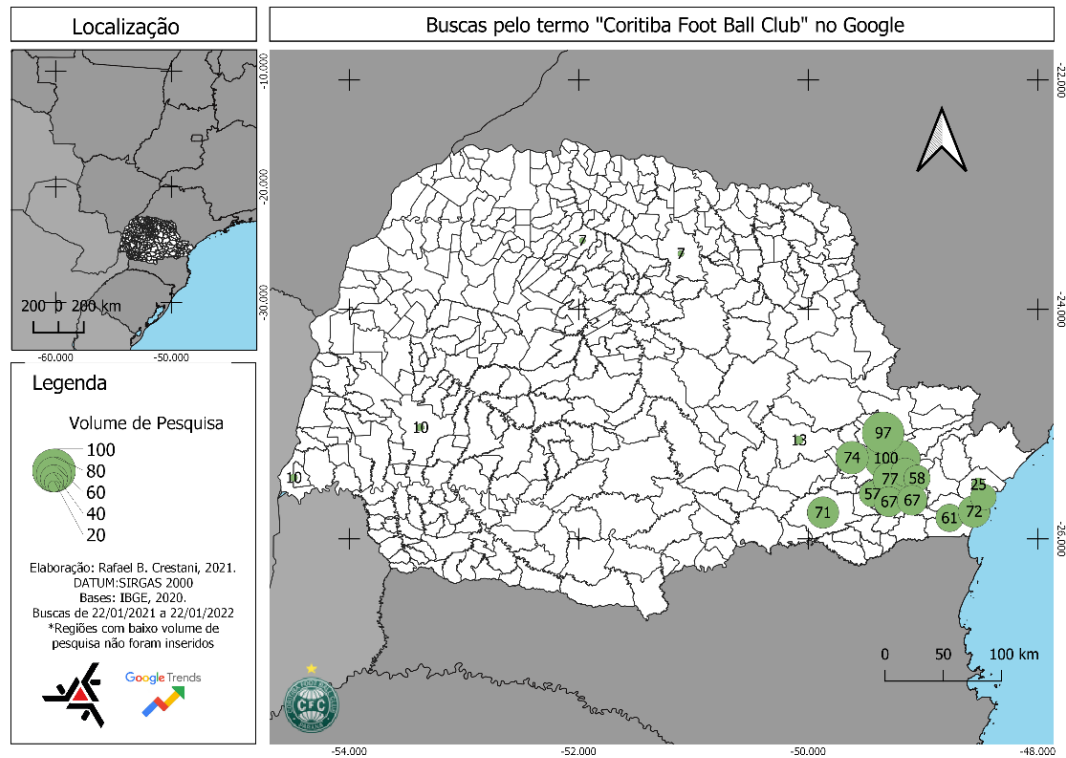
Figura 25- Popularidade do termo “Clube Athletico Paranaense” no Paraná.



Elaboração: Autor, 2022

No caso do Coritiba Foot Ball Club, a procura é ainda mais concentrada nos arredores de Curitiba e no Paraná Tradicional. Enquanto a procura pelo termo do rival ainda está presente em localidades do sudoeste e da região centro-sul do estado, o alviverde apresenta valores no interior do estado apenas nas maiores cidades, como Londrina, Maringá, Cascavel, Foz do Iguaçu e Ponta Grossa.

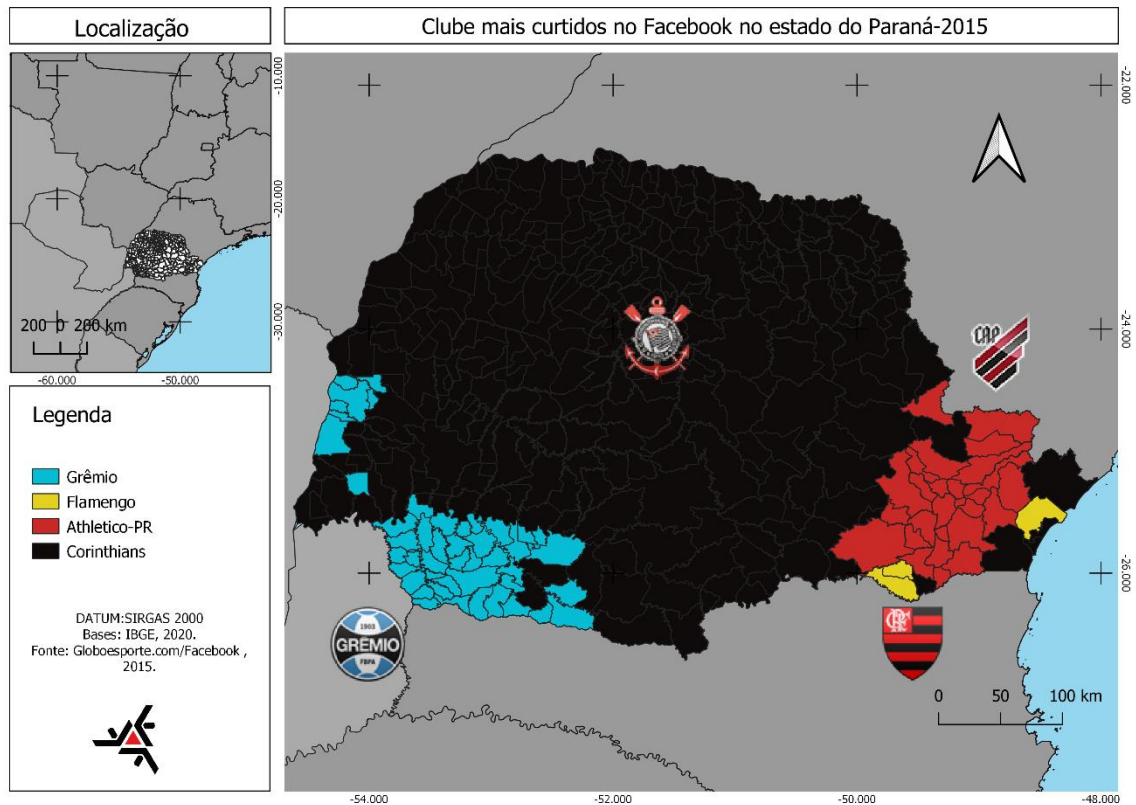
Figura 26- Popularidade do termo “Coritiba Foot Ball Club” no Paraná.



Elaboração: Autor, 2022.

Podemos, portanto, notar que as torcidas de outros estados possuem territorializações distintas no estado do Paraná. Na mesma pesquisa citada anteriormente, referente à popularidade das páginas dos clubes no Facebook, uma torcida paulista domina boa parte da área de estudo: o S.C. Corinthians Paulista.

Figura 27- Clubes mais curtidos no Facebook por município paranaense.



Na maioria dos municípios do estado, além da maior popularidade na rede social ser de um clube paulista, o segundo lugar frequentemente também é oriundo de São Paulo. Ressaltamos, mais uma vez, que o levantamento não se tratou de uma pesquisa formal de torcidas e, portanto, não podemos dizer, apenas por ela, que o clube paulista é o mais popular em cada um dos municípios mostrados no mapa.

Essas características internas acerca das torcidas de futebol no território paranaense se explicam, em parte, pelo processo de colonização do estado, feito majoritariamente com população oriunda de outros estados do país. Além disso, a forma como o futebol profissional se constituiu no Paraná também contribui para explicar a situação atual do futebol paranaense, detalhes que serão trabalhados no capítulo seguinte

6. O FUTEBOL NO ESTADO DO PARANÁ: FUNDAMENTOS HISTÓRICOS E CONTEXTOS TERRITORIAIS

No Brasil, como já vimos, a evolução do futebol esteve relacionada com a urbanização da sociedade e com a crescente industrialização dos centros urbanos (MASCARENHAS, 2014, p. 13). Aos poucos, o esporte começou a sair das mãos das elites, se tornando popular também entre os trabalhadores.

As diferentes condições locais acabaram resultando no desenvolvimento do esporte (MASCARENHAS, 2014, p. 14). Dessa forma, as diferenças geográficas do Brasil moldaram e formaram as características e a lógica do esporte, especialmente do futebol. O futebol, numa perspectiva geográfica, acompanha, em parte, o desenvolvimento territorial do país nas suas inúmeras distinções locais. Se nos concentrarmos apenas na escala estadual, será evidente a diferença na evolução e propagação do esporte. No estado de São Paulo, por exemplo, no final do século XIX e início do século XX, os rendimentos oriundos, principalmente do plantio do café, possibilitaram a existência de capital para uma crescente industrialização e a expansão de ferrovias para o interior, contribuindo para o surgimento de centros urbanos com populações cada vez maiores. Nesses centros urbanos, a diversidade populacional se fez presente, contribuindo para a formação de agremiações esportivas, que também foram vistas como lugares de pertencimento (ALMEIDA, 2017, p. 19).

6.1 PARANÁ TRADICIONAL: TERRITÓRIO E FUTEBOL

No final do século XIX e início do século XX, o futebol chega ao estado do Paraná enquanto uma incipiente indústria começa a surgir, ainda que relacionada aos processos extrativistas, como o da erva-mate (OLIVEIRA, 2017 p. 25). Curitiba, como principal centro urbano do estado, concentrou boa parte das atividades econômicas relacionadas à indústria que surgia.

O chamado “Ciclo do Mate” no Paraná, inicia-se por volta de 1820, antes mesmo da emancipação estadual, ocorrida em 1853, quando se deu início a exportação da erva mate para outras nações, principalmente em direção aos vizinhos platinos. O mate exerceu um importante papel na economia paranaense por quase 100 anos. Mesmo sendo um produto extrativo, influenciou a formação de pequenas

indústrias que buscavam beneficiar o produto antes de ser escoado pelo porto de Paranaguá.

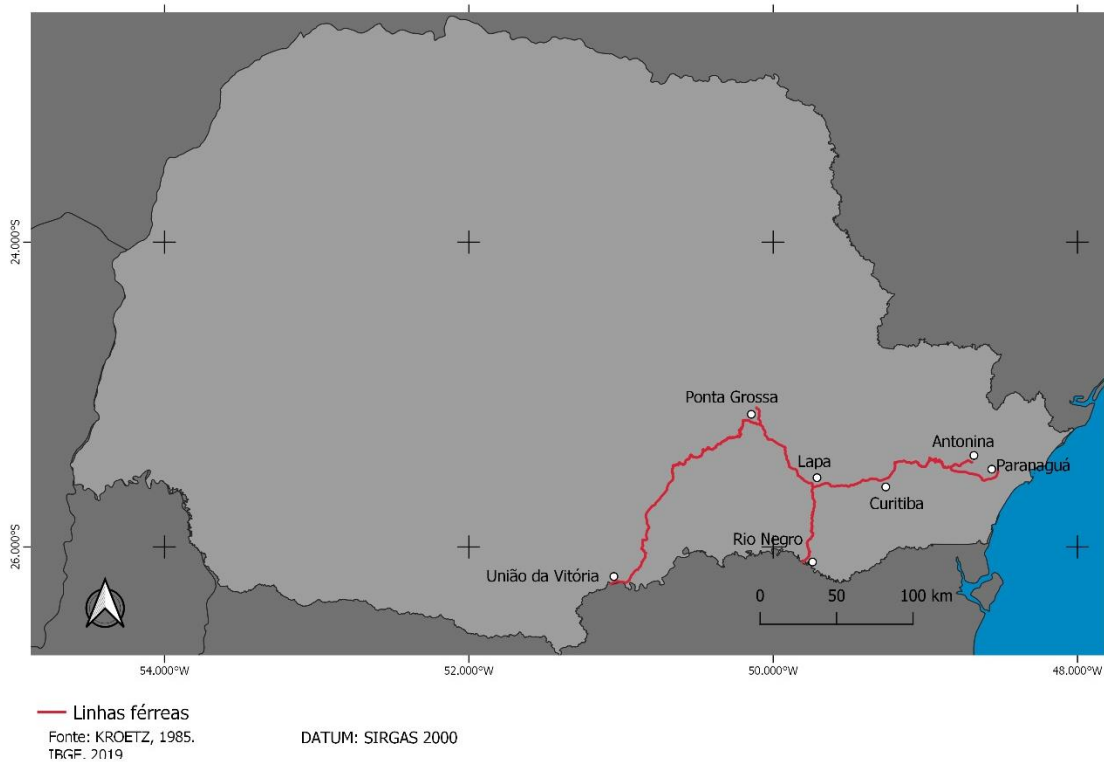
A necessidade de comunicação entre o litoral e a capital do estado motivou a construção da Estrada da Graciosa, terminada em 1873, dando ainda mais impulso à economia da erva mate (DE OLIVEIRA, 2017, p.27). Além da cultura da erva mate, a extração de madeira e correlatos, como a produção de papel, também exerceram importância considerável na economia paranaense nessa época.

A política nacional de imigração contribuiu com a urbanização e, também, com a incipiente industrialização de alguns centros urbanos do estado. Italianos, alemães, ucranianos, poloneses e outros chegaram ao Paraná desde o final do século XIX, principalmente para formar as colônias rurais, numa tentativa de povoamento de espaços tidos como “vazios” pelo Estado brasileiro. Por outro lado, outros imigrantes acabaram se deslocando para os crescentes centros urbanos. Trindade e Andreazza (2017, p.55), por exemplo, identificaram que alguns imigrantes já possuíam ligações com o mundo urbano e contribuíram para o desenvolvimento do comércio e das pequenas e médias indústrias, sobretudo em cidades como Curitiba e Ponta Grossa que, juntamente com Paranaguá, eram os principais centros urbanos do Paraná no início do século XX.

Ainda que os números populacionais não sejam, por si só, fatores que comprovem a urbanização, contribuem para que se tenha uma noção dos locais que eram povoados pela população não-originária no Paraná no início do século XX. Nessa época, o Paraná contava com 40 municípios, sendo Curitiba o mais populoso, com aproximadamente 50 mil habitantes.

Ponta Grossa, por sua vez, foi beneficiada com a chegada dos trilhos em 1894, ligando a cidade à capital e ao porto de Paranaguá (Figura 17). Em 1900, os trilhos da ferrovia São Paulo-Rio Grande chegaram à Ponta Grossa, transformando-a em um entroncamento ferroviário que logo apresentou considerável desenvolvimento urbano.

Figura 28- Linhas férreas do estado do Paraná em 1900.



Fonte: Autor., 2020

Frente a todo esse dinamismo pelo qual o Paraná Tradicional passava, o futebol, como manifestação esportiva urbana, também começou a surgir nas principais cidades do estado, principalmente em Ponta Grossa, Curitiba e Paranaguá. Ponta Grossa é tida como a cidade pioneira na prática do esporte no estado do Paraná. Com a construção da ferrovia que ligaria São Paulo ao Rio Grande do Sul, funcionários da *American S. Brazilian Engineering Co.* se juntaram e formaram uma equipe de futebol. De acordo com Ribeiro Junior (2004, p. 11), “Em maio de 1909, foram dados os primeiros chutes no Paraná”.

Assim como em outras localidades do país, foram os estrangeiros ou brasileiros que haviam passado pela Europa, que incentivaram a prática do esporte inicialmente. Em Ponta Grossa, a principal figura foi Charles Wright, que havia praticado o futebol na Inglaterra, enquanto em Curitiba, Frederico Fritz Essenfelder foi o principal incentivador (RIBEIRO JUNIOR, 2004, p. 13).

Com a facilidade de comunicação proporcionada pela ferrovia, logo iniciou-se o intercâmbio futebolístico entre Ponta Grossa e Curitiba, com o primeiro amistoso oficial sendo disputado em outubro de 1909. O movimento esportivo nas duas cidades cresceu na segunda década do século XX. Em Ponta Grossa, surgiu o Operário,

fundado em 1912, no qual se reuniram os trabalhadores da ferrovia, enquanto os comerciantes e parte da elite da cidade formaram o Guarani. No início, os jogos eram realizados no Jockey Club Pontagrossense (Figura 18) (RIBEIRO JUNIOR, 2004).

Figura 29- Jockey Clube Ponta-grossense no começo do Século XX



Fonte: IBGE, S/Ano

Em Curitiba, o *Coritiba Foot Ball Club* foi fundado em 1909 e o *Internacional Foot Ball Club* em 1912. Alguns dos principais jogos da cidade eram realizados no estádio da baixada do Água Verde (figura 19), atual local da arena do Clube Atlético Paranaense. Em 1915 foi disputado o primeiro campeonato paranaense de que se tem notícia que, apesar do nome, não possuía um caráter essencialmente estadual do ponto de vista geográfico, já que apenas equipes de Curitiba e Paranaguá participaram.

Figura 30- Estádio da baixada do Água Verde nos anos de 1910.



Fonte: Clube Atlético Paranaense, 2021.

Em razão das dificuldades de transporte, mesmo com a linha férrea, as equipes de Ponta Grossa disputaram uma espécie de segunda divisão que concentrou equipes da cidade (RIBEIRO JUNIOR, 2004, p. 16). Para se ter uma ideia, os jogos realizados entre equipes de Paranaguá e Curitiba precisavam de horários muito bem estabelecidos, já que o trem aos domingos partia da cidade portuária às 15:30, obrigando os jogos a serem realizados no período da manhã para que os curitibanos conseguissem voltar à capital no mesmo dia. (MACHADO, CHRESTENZEN, 1990, p.10).

Os campeonatos promovidos em Curitiba, no início do século XX, posteriormente foram chamados de “campeonato paranaense”, mesmo com a presença, na maioria de suas edições, de equipes oriundas apenas da capital. Até a década de 1940, as participações de equipes de Ponta Grossa e Paranaguá não eram frequentes, já que essas localidades possuíam suas próprias ligas e chegar até Curitiba não era uma tarefa fácil e barata, mesmo com a disponibilidade das ferrovias. O campeão paranaense, nas décadas de 1930 e 1940, por exemplo, era conhecido após o confronto das equipes vencedoras das ligas regionais. Curitiba, Ponta Grossa,

Paranaguá, Antonina, União da Vitória e Irati já possuíam suas ligas nessa época.

A liga de Ponta Grossa, por exemplo, foi criada em 1917 e contou, em algumas edições, com equipes de outras cidades, como Castro e Irati. Era a presença do futebol se alastrando pelo território do chamado Paraná Tradicional, acompanhando o desenvolvimento urbano, industrial e agrícola do estado, ainda calcado nos processos extrativistas e no beneficiamento industrial desses produtos, principalmente na capital.

Alguns avanços foram sendo notados no futebol do estado na década de 1940. Um desses avanços foi a instalação de refletores no estádio Belfort Duarte (figura 20), possibilitando jogos noturnos.

Figura 31-Estádio Belfort Duarte em Curitiba-PR-1942



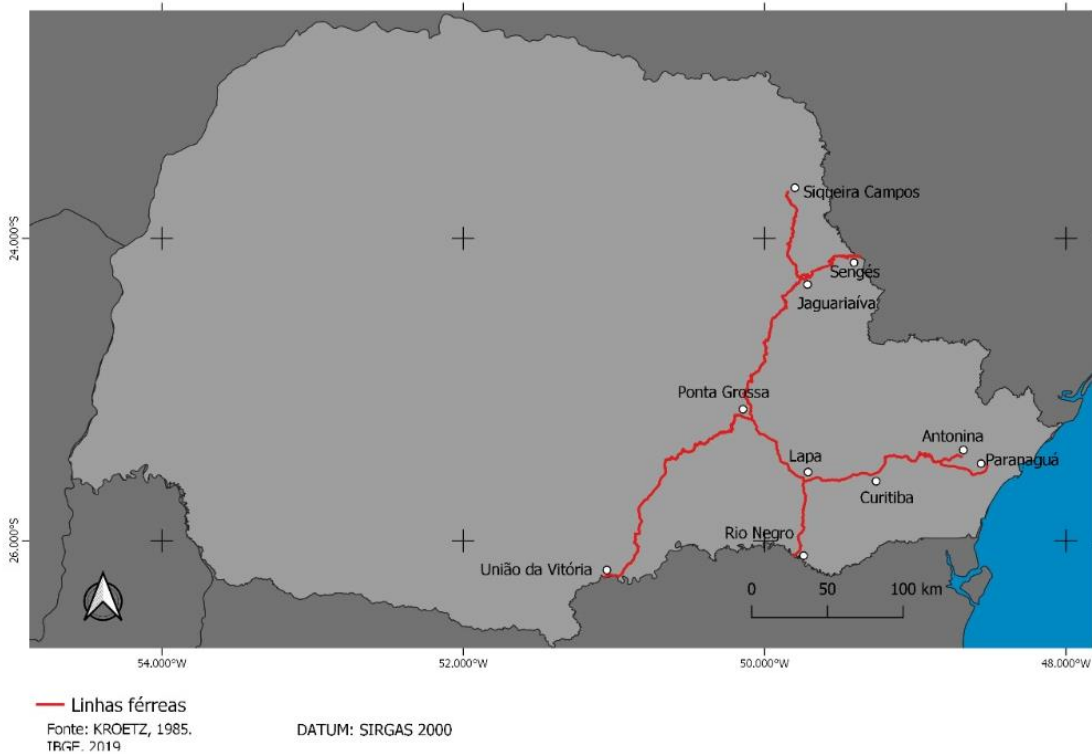
Fonte: Coritiba Football Clube, 2021.

Atualmente o estádio se chama Major Antônio Couto Pereira, possui capacidade para mais de 30 mil torcedores, sendo propriedade do Coritiba Football Club.

Mesmo com a dificuldade ainda presente, mesmo com as ferrovias, o intercâmbio futebolístico entre cidades do Paraná Tradicional e com outros estados,

como os confrontos de equipes do Paraná e de Santa Catarina, só foi possibilitado pela existência dessas linhas férreas, já que as estradas eram precárias e sem pavimentação e o automóvel pouco utilizado.

Figura 32-Linhas Férreas no estado do Paraná em 1920



Elaboração: Autor, 2020

Mesmo com a crescente disponibilidade de linhas férreas, a dificuldade de horários e atrasos nos trens ainda dificultavam o intercâmbio. Em 1920, o Operário de Ponta Grossa não participou da liga regional de Curitiba devido a indisponibilidade de horários de trens que partissem da capital para Ponta Grossa aos domingos (MACHADO, CHRESTENZEN, 1990, p. 28).

Todas essas dificuldades impossibilitaram a realização de um campeonato essencialmente estadual, limitando-se aos confrontos dos vencedores das ligas regionais.

A falta de vias de comunicações em todo o estado contribuiu para que as equipes das cidades do norte só começassem a disputar o estadual na década de 1950 e o primeiro campeonato “unificado” só ocorreu na década de 1960, como veremos adiante.

6.2 NORTE PARANAENSE: TERRITÓRIO E FUTEBOL

O processo de ocupação do Norte Pioneiro do estado do Paraná chama a atenção por ser o primeiro ponto de ocupação efetiva e não originária além dos limites do chamado Paraná Tradicional. Diversas foram as tentativas realizadas visando a ocupação da região já povoada por povos originários até a primeira metade do século XIX. Algumas tentativas remontam a uma figura importante da história paranaense: o Barão de Antonina. O Barão, conhecido por apropriar-se de grandes latifúndios no que hoje é a região sul do Brasil, foi importante para que a colônia militar de Jataí fosse instalada, em 1885. A colônia, localizada em posses do Barão, buscava ser um entreposto nas buscas dos tão sonhados Campos do Paiquerê, visados para a criação de gado (TOMAZI, 1997, p. 134).

No discurso oficial, a colônia teria como justificativa servir de um entreposto para a comunicação com a isolada província de Mato Grosso. O governo brasileiro temia o interesse paraguaio na região. E foi assim que o Barão de Antonina conseguiu que um decreto imperial criasse a localidade em 1851, antes mesmo da emancipação do Paraná, que somente ocorrera em 1853. A colônia, entretanto, só foi instalada efetivamente em 1855. Mesmo com o apoio do Barão de Antonina e a autorização do governo central, a colônia não conseguiu se desenvolver por uma série de motivos, como a falta de aptidão dos colonos para o trabalho que seria realizado, a resistência indígena e a precariedade nas comunicações terrestres com as demais localidades do estado, como a capital (TOMAZI, 1997, p.135). O problema do isolamento da região seria persistente não apenas no chamado Norte Pioneiro, mas em boa parte do norte do estado nas diversas tentativas de ocupação da área. A economia da recém-criada província do Paraná se baseava na extração da erva-mate, na madeira e na pecuária.

O distante e inóspito norte paranaense não chamou muito a atenção dos governantes centrados em Curitiba a ponto de empregarem ações concretas e de vulto para resolver os problemas da região. Muitos nem sequer haviam visitado estas paragens uma única vez. Dessa forma, o norte paranaense chamou a atenção de figuras particulares antes mesmo do Estado, representados, inicialmente, na figura do Barão de Antonina e, posteriormente, por outros, como fazendeiros mineiros e paulistas.

A fertilidade das terras no Norte Pioneiro começou a ser de conhecimento de paulistas e mineiros interessados na agricultura e na criação de animais. Esses

fazendeiros, em sua maioria, se apossavam dessas terras. Já na década de 1840, existem registros de migrantes na região. Os primeiros a se deslocarem para ela de que se tem notícia, foram Joaquim José Serres e Domiciano Corrêa Machado que provavelmente compravam posses do sertanista Manoel Lopes (TOMAZI, 1997, p. 139).

Foram fundadas algumas localidades na região do Itararé como São José da Boa Vista (1853), Siqueira Campos (1862), Tomazina (1865), Ribeirão Claro (1875) e Wenceslau Braz (1867). Os migrantes iniciais eram constituídos principalmente de fazendeiros, com suas famílias e alguns escravos. Nessa época, a ocupação se deu de forma lenta, já que a região era muito distante dos principais centros do Paraná e de São Paulo. Para se ter um exemplo, os trilhos da Sorocabana só chegaram a Ourinhos-SP em 1908. Desse modo, as produções agrícolas no Norte Pioneiro não alcançaram grandes números devido à dificuldade de escoamento da produção.

O café já fazia parte das plantações no Norte Pioneiro no final do século XIX. Além do café, também era cultivado o feijão, o trigo e o milho. Este último, alcançou certa importância nesse período devido à atividade de compra e engorda de porcos feita pelos chamados “safristas”.

O café paranaense, cultivado no norte pioneiro, era enviado para o estado de São Paulo. Os pequenos portos situados perto do rio Itararé possibilitavam trocas comerciais com os paulistas. Enquanto isso, o interesse dos paulistas pela região aumentava e cada vez mais se buscavam meios de comunicação que alcançassem o norte paranaense.

Nos últimos anos do século XIX, os paulistas já dominavam o processo de (re)ocupação da área (TOMAZI, 1997, p.145) com suas fazendas e as ligações que tinham com as casas bancárias paulistas. Alguns financiavam a abertura de novas fazendas, enquanto outros vendiam as fazendas com solos esgotados no estado de São Paulo para comprar no Paraná. Logo, novos núcleos urbanos surgiram, como Jacarezinho (1888), Santo Antônio da Platina (1890), Carlópolis (1900), Cambará (1904), Ibaiti(1909), Quatiguá (1909) e Joaquim Távora (1915) (TOMAZI, 1997, p. 145).

No final do século XIX e começo do século XX, entretanto, o café não despontava como a principal atividade econômica da região, mas sim o cultivo de milho para a alimentação de porcos.

No início do século XX, com o crescimento da urbanização no estado de São Paulo e o avanço dos trilhos da Sorocabana, a economia da região começou a mudar. Utilizando-se de uma expressão comum na região, pode-se dizer que começaram a exportar milho a pé. Milho não tinha saída, mas o toicinho de porco sim. A suinocultura passou a ser a atividade dominante (...) Da região de S. José da Boa Vista e Siqueira Campos, as porcadadas eram vendidas principalmente em Sengés, Jaguariaíva e Itararé. Quando o preço no interior de São Paulo era mais compensador, tropeavam-se os porcos até Itapeva (WACHOWICZ, 1987, p.96-7).

O bom negócio da suinocultura levou a instalação de frigoríficos na região. O negócio da suinocultura perdeu força apenas com o progressivo avanço do café, com a construção da estrada do Cerne e o crescente povoamento e urbanização do Norte Pioneiro, já que a necessidade de tropear os porcos havia acabado. O povoamento do território e o progresso da região do Norte Pioneiro inviabilizavam a criação de porcos no sistema de safra (Wachowicz, 1987, p.103) Logo, os frigoríficos fecharam as portas ou mudaram de atividade.

Sobre o cultivo do café, Wachowicz (1987, p. 118) afirma que “na década de 1920, a história do café no Paraná poderia ser dividida em dois momentos: antes e depois da chegada de Antônio Barbosa Ferraz Jr”. Algumas tentativas de plantar café no Norte Pioneiro já haviam ocorrido anteriormente, mas a falta de comunicação e o temor das geadas, inicialmente, desestimularam a ideia. Apesar disso, a produtividade do solo contribuiu para que se multiplicassem cafezais no Norte Pioneiro no início do século XX.

Barbosa Ferraz se fez proprietário de Terras em 1910 no norte paranaense com excelentes rendimentos em suas primeiras safras, deixando a região de Ribeirão Preto-SP e se instalando no Norte Pioneiro. Em 1924, já eram 17.000.000 pés de cafés no Paraná (MARTINS *apud* WACHOWICZ, 1987, p.116).

Entretanto, o velho problema de falta de vias de comunicação entravava o desenvolvimento do norte e o marasmo das elites políticas centradas em Curitiba, que não apresentavam ações rápidas e concretas para mudar esse panorama, não ajudava. Por isso, Barbosa Ferraz, Willie da Fonseca Brabazon Davids e outros, juntaram esforços para construir uma ferrovia que ligasse a estrada de ferro Sorocabana, a partir de Ourinhos, até próximo de suas propriedades, em Cambará-PR. A importância dada a Barbosa Ferraz no norte paranaense se deve, principalmente, aos esforços que empregou para a construção de uma via de

comunicação, que favoreceu as transformações na região, a produção do café, mesmo diante do risco de geadas e sua integração com outras regiões.

A chamada Ferrovia São Paulo-Paraná foi construída após a concessão, pelo estado do Paraná em 1920 e pelo estado de São Paulo, em 1922. Em 1924, os trilhos chegaram à localidade de Leoflora e, um ano depois, os trilhos já estavam em Cambará-PR. A ferrovia foi de grande importância para o povoamento, a formação e o crescimento dos núcleos urbanos no Norte Pioneiro. Por outro lado, a via ligou ainda mais o Norte Pioneiro ao estado de São Paulo, chamando a atenção de intelectuais paranaenses, preocupados com a possível perda desse território para o estado de São Paulo.

Os trilhos da Estrada de Ferro Sorocabana, atingindo Ourinhos-SP em 1908, exerceram atuação preponderante tanto para assegurar o desenvolvimento de Jacarezinho (1900) e Cambará (1904), como para promover a penetração populacional ao oeste em direção ao vale do Tibagi” (MONBEIG apud MASSULAM, 1974, p. 21)

Massulam (1974, p. 22) ainda sinaliza que os núcleos urbanos do norte pioneiro não eram isolados, mas faziam parte de uma expansão contínua em direção ao oeste, seguindo seus solos férteis (MASSULAM, 1974, p. 22).

Portanto, no Norte Pioneiro, a ocupação foi predominantemente não dirigida, com algumas exceções, como Assaí, de colonização japonesa e a Colônia 1º de Maio, já a oeste do Tibagi, através da Corain e Cia. De acordo com Massulam (1974, p. 24), em 1929, a faixa pioneira já se encontrava no vale do Tibagi. De qualquer forma, o povoamento do norte pioneiro só se acentuaria no início do século XX

Com o avanço dos cafezais, da ferrovia e do povoamento, novos núcleos urbanos começaram a surgir. Do primeiro núcleo, São José da Boa Vista, fundado em 1876, se desmembraram 3 localidades: Tomazina (1890); Ribeirão Claro (1900); e Carlópolis (1907). Na década de 1920, já eram 7 localidades oficiais no Norte, as chamadas Comarcas. Em 1940, já existiam 11 localidades, agora chamadas de municípios. Em 1950, por sua vez, 18 municípios já existiam no Norte Pioneiro, chegando a 25 no final da década.

A população do Norte Pioneiro apresentou crescimento considerável entre as décadas de 1940 e 1950. Na década de 1920, sua população era de pouco mais de 70 mil habitantes, com as localidades de Tomazina, com 19.448, S. João da Boa Vista com 13.744, Jacarezinho, com 13.764 e Ribeirão Claro, com 12.612 sendo as localidades com populações mais expressivas. Já em 1940, a população ultrapassava

200 mil habitantes. Dez anos depois, a população alcançou os 319.309 habitantes. Nessa oportunidade, Cornélio Procópio (56.394) e Jacarezinho (34.405) eram as localidades mais populosas. Em 1960 e 1970, o Norte Pioneiro alcançou os números de 442.523 e 512.224 habitantes respectivamente (MASSULAM, 1974).

Com todo esse crescimento populacional e urbano, algumas atividades passaram a se constituir nessas localidades, assim como já havia ocorrido em outras localidades do estado, com destaque para o litoral, a capital e outros pontos do Paraná Tradicional.

Nesse sentido, as organizações de lazer passam a surgir nas localidades do Norte Pioneiro, buscando atender à crescente população. Entretanto, essas localidades, devido às conexões de sua rede de transportes, receberiam boa parte dessas “inovações” relacionadas ao lazer de São Paulo e não do Paraná Tradicional.

O futebol, como expressão urbana de lazer, não demorou muito para se destacar no Norte Pioneiro. Já na década de 1940, algumas cidades se destacavam com o esporte. Machado e Chrestenzen (1990, p. 111) apontam que em Cambará e em Jacarezinho, o futebol começava, em 1944, a chamar a atenção. Algumas equipes da capital começaram a visitar as cidades do norte do estado para amistosos na década de 1940, como o Coritiba, que visitou Jacarezinho em 1945 (MACHADO E CHRESTENZEN 1990, p. 115). Também há de se ressaltar os intercâmbios dessas crescentes equipes nortistas com as equipes do estado de São Paulo, algo que não acontecia com grande frequência com as equipes de Curitiba, de Ponta Grossa e de Paranaguá, que costumeiramente realizavam amistosos com as equipes do litoral de Santa Catarina.

As equipes do norte paranaense, por sua vez, logo começaram a surpreender as demais equipes do estado. A Esportiva de Jacarezinho jogou um certame que reuniu os campeões regionais do interior do estado e sagrou-se campeã do “interior” em 1948 e 1949. Em 1950, a mesma equipe disputou o campeonato estadual pela primeira vez. Em seguida, no certame de 1951, o Monte Alegre, de Telêmaco Borba, equipe ligada às indústrias Klabin, também disputou o campeonato (MACHADO E CHRESTENZEN, 1990, p.137-42).

Essa mesma equipe se sagraria campeã estadual em 1955, levando o título para o interior pela primeira vez. Ressalta-se a participação popular nos jogos das equipes interioranas desde a década de 1950, com estádios ocupados pela torcida cidadina, como podemos ver nas figuras 33, 34 e 35.

Figura 33- A Esportiva de Jacarezinho em 1952



Fonte: Acervo de Celso Liberato (S/ano)

O Norte Pioneiro, com o avanço populacional e urbano, além dos bons rendimentos oriundos do café, tornou possível que novas práticas urbanas e de socialização ocorressem, sendo o futebol um exemplo. Esse processo também aconteceu em algumas localidades do estado de São Paulo, com os clubes sendo ligados aos imigrantes, aos cafeicultores ou às companhias férreas.

Em 1951 foi criado a 2ª Divisão de profissionais da zona norte paranaense. Dentre as equipes que disputaram o campeonato, estavam o Operário de Cambará, o Guarani de Arapoti e a A. A. Cambarense, campeã do torneio.

Além desses clubes que disputaram certames estaduais e regionais, também houve clubes que foram fundados no início da década de 1950 e jogavam torneios locais e citadinos. Em Santo Antônio da Platina, foram fundados, no início da década de 1950, a APAEC (Associação Platinense de Amadores de Esportes) e o CAPC (Clube Atlético Platinense). O futebol em Santo Antônio da Platina, entretanto, já

possuía raízes mais antigas. A primeira equipe da localidade surgiu em 1937, a APAF (Associação Platinense de Amadores Futebol)(OLIVEIRA, 2021).

Mezzadri (1997, p. 36) defende que:

[...] a forma embrionária como foi sendo estruturado o esporte, reproduziu o próprio desenvolvimento econômico, político e social do Estado, pois até a década de 50 a maior concentração populacional estava localizada nas regiões de Curitiba, Campos Gerais e Litoral, onde as ações esportivas também se concentravam com mais intensidade, principalmente em Curitiba, pois era na capital que estava o maior volume urbano do Estado.

Figura 34- A Esportiva de Jacarezinho em 1943.



Fonte: Acervo de Celso Liberato (S/ano)

Apesar da falência de alguns clubes do norte do estado, como o Clube Atlético Monte Alegre, que fechou o departamento de futebol profissional em 1957 para se dedicar apenas ao futebol amador, outros surgiram posteriormente e alcançaram prestígio estadual, como a Sociedade Esportiva Platinense, o União Bandeirante e a Sociedade Esportiva Matsubara, os dois últimos sendo patrocinados por elementos da economia local, relacionado à produção agrícola. Essa foi uma das marcas do futebol no norte do estado. Heriberto Ivan Machado, respondendo pergunta acerca da dificuldade financeira e futebolística enfrentada pelas equipes do interior, justifica que:

“o dinheiro do café acabou. Não tem mais “mecenas” para bancar o caríssimo futebol profissional atual”.

De qualquer forma, todos esses clubes citados representaram suas cidades a nível estadual, sendo motivo de orgulho local, especialmente nos jogos ante as equipes tradicionais da capital.

Figura 35- Estádio Horácio Klabin em Telêmaco Borba, na década de 1950.



Fonte: Facebook (página Telêmaco Borba News)

A dificuldade de transporte entre o norte do estado e o chamado Paraná Tradicional não dificultou apenas as comunicações entre essas duas regiões, mas também se refletiu no futebol. No final da década de 1950, as equipes do norte realizaram certames profissionais envolvendo as equipes locais, culminando na realização do campeonato estadual de 1962, dividido em zonas Sul, Norte e Setentrional, esta última destinada às equipes do norte pioneiro. De cada zona, saiu um campeão, que juntos decidiram o título estadual em um campeonato triangular de turno e retorno. O Londrina Futebol e Regatas se sagrou campeão sobre o Coritiba, representante do Paraná Tradicional e a A. A. Cambarense, representante do Norte Pioneiro. Dessa forma, o norte do estado começou a ser levado em consideração nos

certames estaduais, pelo menos no futebol. Com a popularização do futebol, os estádios começaram a surgir no norte do estado. Em Londrina, o estádio Vitorino Gonçalves Dias (figura 25) foi inaugurado em 1947. Em 1957, é inaugurado o estádio Willie Davids, em Maringá-PR.

Figura 36- Estádio Vitorino Gonçalves Dias em seus primeiros anos.



Foto: Yutaka Yasunaka

Fonte: Facebook (Acervo Londrina em Fotos)

Apesar de o Paraná apresentar considerável crescimento populacional e urbano na década de 1950, a grande transformação no estado viria na década de 1960, com o chamado Projeto de Desenvolvimento Paranaense. Esse projeto buscou fomentar a industrialização do estado (MAGALHÃES FILHO, 2011, p. 23), acompanhando o estado nacional desenvolvimentista brasileiro, que já era uma realidade na Era Vargas (1930-1945), e no governo JK (1955-1960). A década de 1950 e 1960 foram, de fato, importantíssimas para o desenvolvimento esportivo do estado e chamam a atenção por fazer parte de um movimento estatal de grande

envergadura que buscou modernizar e aparelhar o estado do Paraná frente ao todo nacional, mas principalmente frente a São Paulo, o vizinho industrializado.

6.3 AÇÕES POLÍTICAS PARA A INTEGRAÇÃO TERRITORIAL E SUAS IMPLICAÇÕES PARA O FUTEBOL PARANAENSE

Nas décadas de 1940 e 1950, grandes transformações ocorreram no estado do Paraná, fruto do aumento da importância do estado em escala nacional, tanto economicamente quanto demograficamente. A produção cafeeira, localizada, sobretudo, no norte do estado, atraiu uma corrente migratória significativa para a região, aumentando a população do estado e mudando de patamar a economia paranaense. O norte do estado, ligado economicamente ao estado de São Paulo, se tornou uma região importante politicamente e economicamente, o que passou a preocupar os governantes sediados em Curitiba.

Como o norte do estado tinha melhores conexões com o estado de São Paulo, as elites políticas centradas em Curitiba começaram a se queixar da perda de divisas para o estado paulista, já que o café era exportado majoritariamente pelo porto de Santos-SP. Logo, essas mesmas elites decidiram agir para evitar a perda de recursos e inibir um possível movimento separatista. Para isso, várias ações do estado foram tomadas no sentido de integrar o Paraná, não apenas por meio de redes de comunicação, transportes e energia, mas também por um sentimento de pertencimento cultural ao estado.

Até a década de 1940, as comunicações entre o norte do estado e Curitiba eram frágeis e demoradas. A construção da estrada do Cerne, em 1940, não solucionou o problema da integração física do estado. Por isso, no governo de Bento Munhoz da Rocha (1951-1955), algumas medidas foram tomadas para que o estado tivesse uma melhor infraestrutura, principalmente no setor de transportes e energia. O governo de Bento:

demonstra preocupação com a integração do Estado, seja em nível territorial, econômico, social e político. Além disso, observa-se nesta gestão uma preocupação com a constituição da identidade paranaense.” (KUNHAVALIK, 2004, p.191).

É no governo de Bento Munhoz da Rocha Neto que uma série de municípios são criados, tanto na região norte como na região oeste. Kunhavalik (2004, p. 193)

identifica não apenas o desenvolvimento ocupacional como causa da fragmentação territorial, mas também o intuito do governo de dificultar a formação de fortes poderes locais em municípios de grande extensão territorial, o que poderia gerar organizações de ideias separatistas.

Do ponto de vista infraestrutural, o governo de Bento Munhoz da Rocha Neto teve como desafios resolver os principais problemas do estado que estavam relacionados à ocupação não originária, o que acarretou disputas fundiárias na região norte e oeste; a deficiência na produção de energia (setor dominado por empresas estrangeiras) dificultava ações mais ambiciosas no sentido de industrializar o estado e o problema da integração física do Paraná. Boa parte desses problemas seria abordada por meio de planos estaduais, como o Plano Hidrelétrico Paranaense e o Plano Rodoviário do Paraná.

No setor energético, a principal medida foi a criação da Companhia Paranaense de Energia Elétrica, a COPEL, uma empresa de economia mista, inspirada na CEMIG de Minas Gerais, mas que, apesar do impulso inicial, só teria maior atenção na década de 1960, no governo Ney Braga com o chamado “Projeto de Desenvolvimento Paranaense”. É também no governo de Bento Munhoz da Rocha Neto que começam a ser construídas a Central Hidrelétrica de Capivari-Cachoeira (atualmente conhecida como Usina Parigot de Souza) e a Termelétrica de Figueira, visando maior autonomia do estado no setor energético.

Nos transportes, em 1951, foi criado o Plano Rodoviário do Paraná, que buscou solucionar o grande problema da integração entre o norte produtor de café e o porto de Paranaguá. É com esse plano que são lançadas as bases para as transformações que viriam na década de 1960, culminando na Rodovia do Café, a grande obra de integração do estado, entregue em 1966, mas que já havia sido iniciada na gestão de Bento Munhoz da Rocha Neto.

O Governo de Bento Munhoz da Rocha Neto também contribuiu para o fortalecimento bancário do estado, incentivando a abertura de agências do Banestado no interior, principalmente no norte, visando diminuir as perdas de divisas para as casas bancárias paulistas, muito atuantes na região (KUNVALIK, 2004, p. 209).

No aspecto identitário, as obras de vulto em Curitiba são o maior símbolo da gestão. Para a comemoração do centenário do estado, em 1953, foram realizadas as obras do Centro Cívico, do Teatro Guaíra, do Palácio do Iguaçu e da Biblioteca Pública do Paraná. Obras que confirmaram a centralidade cultural, política e intelectual de

Curitiba no âmbito do estado e que buscaram aprofundar o sentimento de orgulho da identidade paranaense.

Essas grandes transformações, iniciadas na gestão de Bento Munhoz da Rocha Neto, seriam acentuadas na década de 1960, principalmente no governo de Ney Braga, sucessor político daquele governo. A gestão de Ney Braga foi marcada pela continuidade das políticas de empresas mistas, como a Copel, e do equipamento do estado visando a industrialização, como forma de contrabalancear a chamada “influência” paulista.

A grande ênfase do governo de Ney Braga foi dada no setor de transportes e de energia, tal como havia feito Bento Munhoz da Rocha Neto, mas desta vez com ênfase maior. Após o abandono da Copel na gestão de Moysés Lupion, a empresa foi resgatada na gestão de Braga e a constituição de uma rede elétrica estadual começou a se formar. Era nítido para o governo que se o estado quisesse diversificar a economia através da industrialização e parar de sofrer com as flutuações cambiais do café no mercado internacional, seria preciso investir na capacidade energética do estado.

Foi nesse sentido que o governo Ney Braga deu início ao chamado “Projeto de Desenvolvimento Paranaense”. O plano era baseado, inicialmente, no que havia ocorrido a nível nacional desde a década de 1930, com o Programa de Substituição de Importações. O projeto visava o desenvolvimento industrial do estado e, para isso, a máquina pública deveria não apenas conceder a infraestrutura necessária para tal, como também subsidiar o crescimento do setor. Portanto, o governo incentivou a produção interna para que os produtos que fossem consumidos no estado fossem locais e não oriundos de São Paulo, de Santa Catarina ou do Rio Grande do Sul.

Desde 1955 a Comissão do Plano de Desenvolvimento Econômico – PLADEP – realizava estudos acerca da economia paranaense. O plano, que havia sido desenvolvido pela SAGMACS (Sociedade para a Análise Gráfica e Mecanográfica Aplicada aos Complexos Sociais), entidade que prestou consultoria ao estado na elaboração do projeto e que utilizou vários estudos produzidos no âmbito do PLADEP, identificando uma série de problemas referentes à economia do estado. Um desses problemas era a perda de recursos produzidos pela agricultura para outros estados (AUGUSTO, 1978, p.16), principalmente para São Paulo. Como o parque industrial do estado não era desenvolvido e a conexão entre as regiões não era eficiente, os produtos consumidos na região eram, em boa parte, paulistas, contribuindo para a

evasão de recursos da economia paranaense. Essa evasão, por sua vez, dificultava a formação de um parque industrial regional.

O plano surgiu como uma ideia ligada ao nacional desenvolvimentismo e associou a industrialização ao desenvolvimento. Para que o plano fosse adiante, o governo viu a necessidade de aperfeiçoar a administração pública e vários técnicos foram indicados para os inúmeros trabalhos realizados no âmbito do projeto.

Quando Ney Braga assumiu o governo do estado, se deparou com uma grave crise financeira deixada pelo antecessor.

Em 31 de Janeiro de 61, a situação administrativa do Estado era anárquica, para dizer o mínimo. O Banco do Estado estava sob intervenção da Sumoc (Superintendência da Moeda e do Crédito, atual Banco Central) desde meados de 1958, a Copel tinha títulos protestados em cartório por falta de pagamentos e os salários de dezembro do funcionalismo ainda não haviam sido pagos. A arrecadação mensal mal dava para pagar a folha de pessoas e as chamadas despesas de custeio da máquina burocrática. Não sobrava dinheiro para novos investimentos. (REBELO, 2007. p.109)

Além disso, havia déficit de energia no estado, as ligações telefônicas eram precárias e o custo do funcionalismo estava alto, fruto da política de contratações feita por Lupion no final de seu governo. Assim, uma das medidas para levantar fundos para a modernização do estado foi a criação do FDE (Fundo de Desenvolvimento Econômico), e da CODEPAR (Companhia de Desenvolvimento do Paraná), que posteriormente se transformou no BADEP (Banco de Desenvolvimento do Paraná).

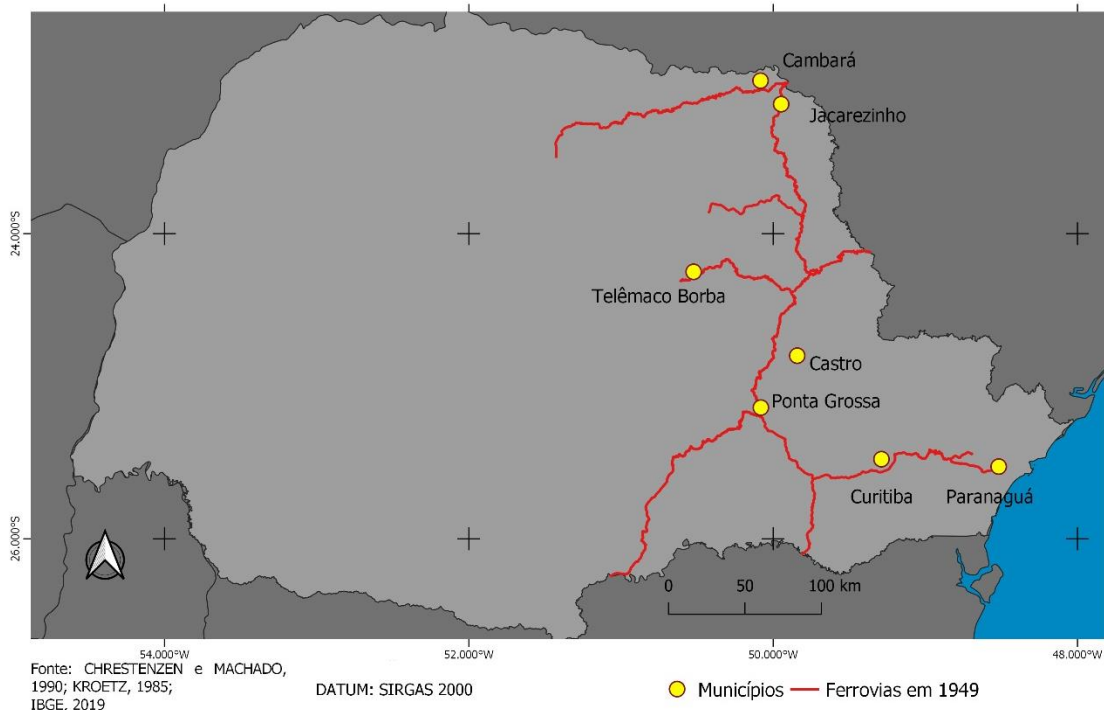
O fundo seria composto a partir de recursos auferidos por um adicional restituível, um empréstimo compulsório sobre o principal tributo estadual, o Imposto sobre Vendas, Consignações e Transações (IVC), que era de 4,95% e passou para 5,95%. O adicional deveria ser arrecadado por um período de 5 anos. Esgotado esse prazo, o montante dos recursos arrecadados seria resgatado através de títulos emitidos, mais juros de 4% ao ano. Em 64, com as dificuldades de arrecadação do Estado por causa das geadas e incêndios e também por conta do aumento das demandas de infra-estrutura, seria acrescentado ao FDE um Empréstimo Compulsório Especial (ECE de mais de um ponto percentual sobre o IVC. Para gerir o FDE, seria criada, em 63, a Codepar. (REBELO, 2007, p.118-9)

Boa parte dos recursos levantados pelo FDE foram utilizados na melhoria e construção de infraestruturas relacionadas ao setor energético e de transportes do estado.

A CODEPAR, por sua vez, foi o instrumento de financiamento disponibilizado pelo estado para que os pequenos e médios empreendimentos fossem levados a cabo. Posteriormente, com a transformação da CODEPAR em BADEP, ocorre a mudança de mentalidade do plano, acompanhando as mudanças ocorridas à nível nacional com o Golpe Militar de 1964 e o incentivo para grandes indústrias e grupos estrangeiros (AUGUSTO, 1978).

Como vimos anteriormente, o governo de Ney Braga também ficou marcado pela criação das empresas de sociedade mista. Foi nesse período que sociedades de grande importância para o estado do Paraná surgiram, como a Sanepar (Companhia de Saneamento do Paraná), a Celepar (Centro Eletrônico do Paraná, atual Companhia de Tecnologia da Informação e Comunicação do Paraná), a Telepar (Telecomunicações do Paraná), a CAFÉ (Companhia Agropecuária de Fomento Econômico) e outras que contribuíram no melhor equipamento infraestrutural do território.

Figura 37 - Municípios com clubes que participaram ao menos uma vez do Campeonato Paranaense entre 1950 e 1959.



Fonte: Autor, 2020

Do ponto de vista dos transportes, a obra de maior importância foi a Rodovia do Café (Figura 27), finalizada em 1965, que finalmente possibilitou uma boa

articulação entre Curitiba, o porto de Paranaguá e o norte do estado, já que a Estrada do Cerne, inaugurada em 1940, não era adequada, sendo inutilizável no período de chuvas, além de apresentar muitos declives e curvas.

Finalmente, no campo esportivo, a melhora nas comunicações e nos transportes possibilitou a “unificação” do Campeonato Paranaense de profissionais em 1966 e a criação do Campeonato Paranaense de profissionais da segunda divisão, ainda que este fosse disputado em zonas regionais, como era a primeira divisão antes de 1966. No âmbito amador, o progresso infraestrutural do estado contribuiu para a consolidação do campeonato paranaense amador, a chamada Taça Paraná. No âmbito profissional, as melhorias permitiram que as equipes do norte fossem mais presentes no estadual, inclusive as oriundas de cidades pequenas. O esporte, de forma geral, se mostrou um fator importante para o governo do estado na promoção da integração. Vale lembrar que os Jogos Escolares do Paraná, iniciado em 1953, e os Jogos Abertos do Paraná, iniciado em 1957, também foram uma das expressões da modernidade esportiva que o estado experimentava.

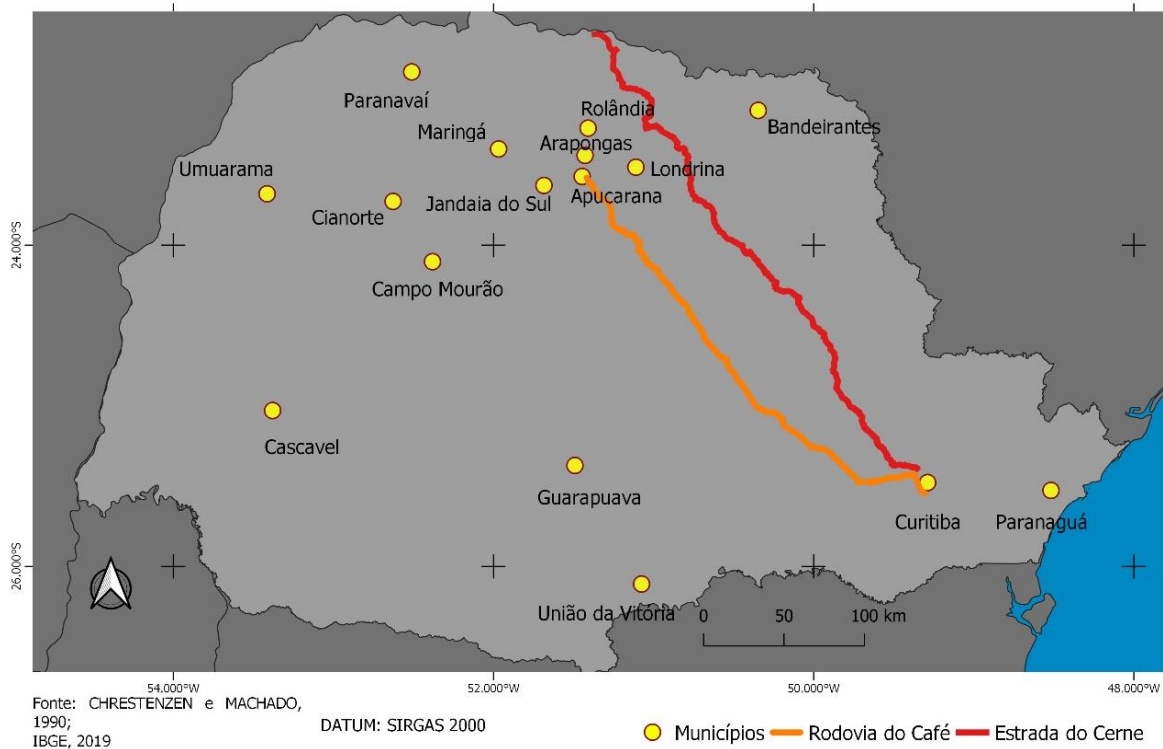
A inauguração feita pelo governo federal da BR-277, em 1969, também facilitou as comunicações do oeste do estado com Curitiba e com o porto de Paranaguá, contribuindo com a integração territorial.

Todas essas transformações só foram possíveis por conta da ação de uma elite e de uma opinião pública paranaense que se mostrava preocupada com o futuro do estado e de seus interesses. Essas preocupações eram inúmeras:

Entre os mais frequentes, e de maior repercussão, à guisa de exemplo, podem citar-se: a oposição ao que era conhecido como confisco cambial, visto como mecanismo perverso para retirar recursos da cafeicultura do Paraná e utilizá-los em gastos improdutos que beneficiavam outros setores ou regiões; a percepção de que, no Paraná, ao contrário do que ocorrera em São Paulo, onde a riqueza gerada pelo café fora aproveitada para promover a industrialização, ela era desviada para outros estados; a insatisfação com o fato de que o Paraná, entendido como maior gerador de divisas para o País, era obrigado a comprar produtos manufaturados nacionais, mais caros e de menor qualidade do que os estrangeiros; a crescente consciência da instabilidade da economia cafeeira, devido tanto às geadas quanto às flutuações dos preços no mercado mundial; o receio de que a identidade cultural do Estado viesse a ser diluída por uma crescente maioria de migrantes de outras regiões (já começava, nessa década, a colonização, das regiões ocidentais do Paraná, por migrantes originários do Rio Grande do Sul); e o entendimento de que a força e a presença do Paraná, no cenário político nacional, eram desproporcionalmente pequenas em relação à sua riqueza e a seu

potencial, o que seria, simultaneamente, causado e comprovado pela ausência quase absoluta de paranaenses nos cargos e posições onde efetivamente se tomavam as decisões vitais sobre a economia brasileira (MAGALHÃES FILHO, 2011,p.95-6)

Figura 38 - Municípios com clubes que participaram ao menos uma vez do Campeonato Paranaense entre 1966 e 1975



Fonte: Autor., 2020

A riqueza gerada pela exploração do meio no estado do Paraná teve relação com as práticas esportivas do estado, uma vez que motivou a urbanização e todos seus costumes em diversas localidades.

Após a década de 1970, entretanto, os municípios pequenos do Norte do Paraná passaram a perder números populacionais e o futebol, como um todo, se esvaiu, paulatinamente, em boa parte dessas localidades. O futebol, aos poucos, começou a se transformar em um evento-espetáculo, tendo como ápice desse processo os acontecimentos que se deram a partir da década de 1990. Como já abordamos anteriormente, esse processo só não ocorreu com maior força no Brasil antes da década de 1990 devido às interferências do Regime Militar no campeonato nacional e no futebol como um todo.

A necessidade de se adequar aos novos padrões de profissionalização em suas administrações, bem como a falta de um mercado que consumisse os produtos

dos clubes, o que, por sua vez, os fizeram pouco competitivos para as cotas de televisão, resultando na falência de inúmeros clubes do Paraná ou então na sua retirada do futebol profissional, tornando raras as participações de clubes de cidades pequenas em campeonatos de maior expressão. Esses acontecimentos se devem, também, ao esvaziamento populacional ocorrido nas pequenas cidades, sobretudo as do Norte, após a era do Café. A redução de clubes no campeonato paranaense nos anos 2000 também dificultou a participação dessas equipes. É bem verdade que muitas cidades possuem equipes de história “intermitente” com clubes que fechavam o departamento de futebol profissional e depois voltavam a funcionar e outros que fechavam definitivamente para que outros clubes surgissem posteriormente. Algo também curioso no futebol paranaense são as fusões de clubes, comuns na história do futebol curitibano e em algumas cidades do interior, como em Cascavel e Pato Branco.

Após o ano 2000, inúmeros clubes ficaram inativos ou declararam falência, como o União Bandeirante, de Bandeirantes-PR, e a Platinense, de Santo Antônio da Platina-PR, chegando a atingir clubes de cidades maiores, como o Grêmio de Esportes Maringá, tricampeão paranaense e da Taça da CDB de 1969, inativo por diversos anos e o Londrina Esporte Clube, tetracampeão paranaense e campeão da Taça de Prata do campeonato brasileiro de 1980, que chegou muito perto da falência no final dos anos de 1990.

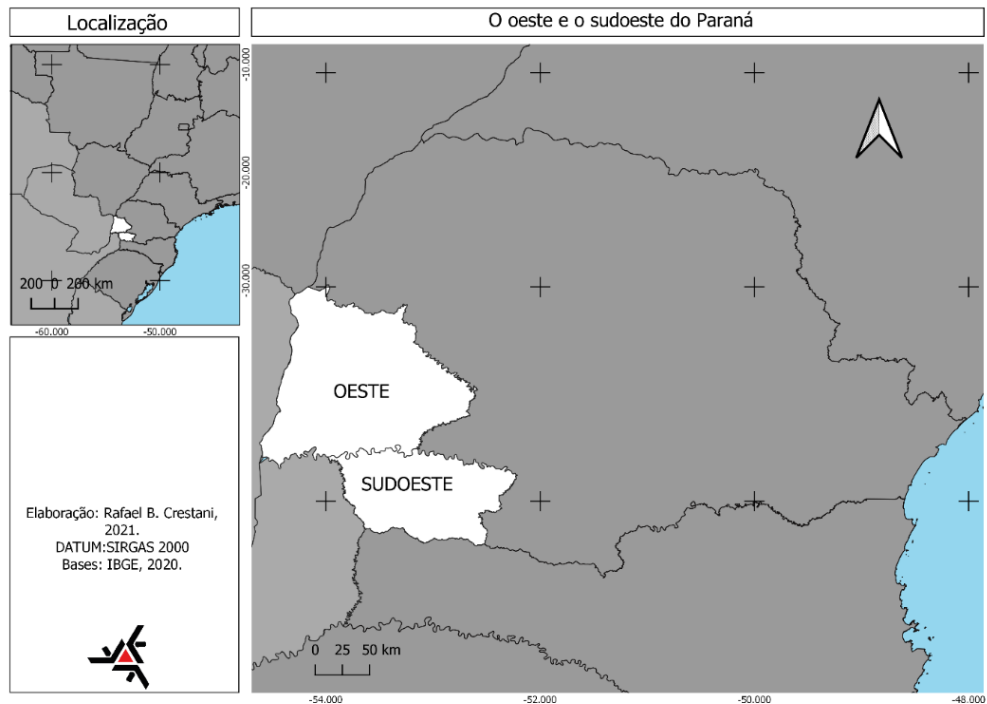
O futebol, como um todo, se apresenta, atualmente, como uma atividade econômica por excelência e que precisa de mercado consumidor, aspecto que as pequenas cidades do Paraná não conseguem atender a ponto de contribuir para a manutenção, em longo prazo, de um clube de futebol no cenário nacional ou mesmo estadual.

6.4 OESTE E SUDOESTE PARANAENSE: TERRITÓRIO E FUTEBOL

As regiões Oeste e Sudoeste do Paraná (figura 39) são reconhecidas como as últimas áreas de colonização e ocupação não-originária do estado. Embora colonos tenham se fixado em algumas partes dessas regiões já no início do século XX, a colonização efetiva, feita em boa parte por empresas colonizadoras, se deu a partir da década de 1940. Uma das expressões do processo de colonização, bem como

da formação e evolução dos centros urbanos e da frente pioneira, residiu no hábito dos novos moradores e dos aspectos que estes trouxeram consigo.

Figura 39- Localização do oeste e do sudoeste paranaense



Elaboração: Autor, 2021

O futebol, como uma importante expressão de lazer, um símbolo do desporto brasileiro, esteve presente nos processos colonizatórios do Paraná durante o século XX como o esporte predileto, praticado primeiramente de forma amadora e, posteriormente, profissionalmente. Como abordado anteriormente, o esporte se mostrou como uma forma de pertencimento e de expressão do local a nível estadual e, em algumas oportunidades, a nível nacional. Com a modernização da agricultura e as mudanças no processo de urbanização, principalmente em termos demográficos, diversas agremiações fecharam as portas, culminando com a concentração do futebol profissional nos principais centros das regiões oeste e sudoeste, como Cascavel, Foz do Iguaçu e Francisco Beltrão.

6.4.1 A colonização do Oeste e Sudoeste paranaense

As localidades próximas às barrancas do Rio Paraná já eram alvo de exploração econômica no final do século XIX, com as *obrages* de mate e de extração

de madeira. Contudo, essas empresas de origem argentina não promoveram uma ocupação efetiva da área, explorando a região apenas de forma econômica através do extrativismo. Por esse motivo, até a década de 1940, poucas eram as áreas de ocupação efetiva de povos não originários no oeste e sudoeste paranaense. A situação começou a mudar após a passagem da Coluna Prestes (1925-1927) na região, na década de 1920, e na década de 1930, com a Revolução de 1930 que colocou Getúlio Vargas no poder.

O governo Vargas, apoiado pelos militares, alguns dos quais haviam presenciado a situação de esquecimento da região oeste e sudoeste na década de 1920, durante a Coluna Prestes, deu novo impulso à ocupação efetiva do interior e à industrialização do país, que até o momento não era expressiva, se concentrando em algumas capitais e cidades próximas à costa. Pelo discurso oficial, ocupar e colonizar a região oeste e sudoeste do Paraná seria imprescindível para o desenvolvimento do estado, do país e para a integridade territorial. De fato, o Brasil já havia tentado colonizar as regiões fronteiriças da região sul com a criação de colônias militares no final do século XIX, sendo que, no oeste paranaense, a colônia militar de Foz do Iguaçu foi a expressão prática dessa política, mas que logo fracassou do ponto de vista da ampla colonização.

Nesses termos, é levado a cabo a política que ficou conhecida como “Marcha para o Oeste” (RICARDO, 1970). No Paraná, essa política ficou marcada pelos incentivos dados à ocupação das áreas ainda não colonizadas, como a região norte, mas, sobretudo, as regiões oeste e sudoeste. Como se tratava de regiões estratégicas para o Brasil devido à sua condição fronteiriça, o oeste e o sudoeste paranaense se tornaram alvos da política integradora do governo federal. Pautado pelo discurso oficial de proteger as fronteiras brasileiras, bem como a integridade nacional, logo os planos de colonização da área foram para as mãos do governo federal, com a proposta da criação do território federal do Iguaçu que, embora tenha sido criado apenas em 1943, já era discutido desde os primeiros anos do governo Vargas. Rippel (2005) salienta que o oeste e o sudoeste do Paraná viraram um alvo para o governo federal devido aos interesses de capitalistas gaúchos em colonizar a área e ao mesmo tempo resolver o problema fundiário no Rio Grande do Sul, devido ao processo de repartição das propriedades entre familiares. O autor ainda aponta que:

O Rio Grande do Sul, aproximadamente na década de 1930, começou a passar por modificações em sua estrutura fundiária, com o processo de minifundização das propriedades rurais em decorrência da subdivisão de propriedades familiares e o avanço de grandes propriedades destinadas à agropecuária. (RIPPEL, 2005, p. 77)

Dessa maneira, com a área nas mãos do governo federal, através do território federal do Iguaçu, a colonização da área por empresas gaúchas não seria dificultada, já que um gaúcho governava o país e os interesses regionalistas eram evidentes. Apesar de todo o movimento do governo federal, o território federal do Iguaçu durou pouco, de 1943 a 1946. Isso não impediu que o capital gaúcho chegasse à região. De fato, o capital gaúcho chegou, em parte, por meio das madeireiras e colonizadoras que atraíram colonos e mão-de-obra gaúcha e catarinense em detrimento dos chamados “nortistas”, oriundos das frentes de colonização do norte do estado do Paraná, de São Paulo e outros estados. Entretanto, é importante ressaltar que, mesmo assim, houve migração de paranaenses oriundos do norte do estado e de paulistas para a região, apesar de esse contingente não ter sido majoritário.

Quando as madeireiras e colonizadoras chegaram ao oeste paranaense, a parte oriental e centro da região sudeste já havia sido ocupada por paranaenses, gaúchos e catarinenses. Dessa forma, o fluxo migratório de colonos vindos, no final da década de 1940 e na seguinte, restaram como áreas de assentamento, a parte ocidental do sudoeste e o extremo oeste paranaense (SANTOS, 1995, p. 92).

As colonizadoras que exploravam parte da região encontraram as terras ainda com muita mata e, antes de vendê-las aos colonos, retiravam toda a madeira útil dos lotes, também obtendo lucro com sua comercialização. Os colonos notavam a qualidade do solo e os atrativos preços dos lotes, se animando para a aquisição de um pedaço de terra. Além disso, a percepção de que o elemento étnico seria o mesmo que era encontrado no Rio Grande do Sul e Santa Catarina animou os colonos. Alguns deles adquiriram terras com os mesmos vizinhos que tinham no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina, constituindo vizinhanças com os mesmos elementos no Paraná (GREGORY apud NIEDERAUER, 2008, p. 167-8).

Assim, colonos gaúchos e catarinenses foram atraídos para a região oeste e sudoeste do estado por companhias colonizadoras, como a Maripá, trazendo consigo vários de seus costumes, como o chimarrão, a forma de cultivo e outros aspectos culturais, como o apego ao rádio e à prática do futebol, já disseminado pelo país na

década 1950, mas ainda sem apresentar um efetivo intercâmbio esportivo entre os clubes. Gregory (2008, p. 152-3) indica que a atração de descendentes de italianos e alemães oriundos do Rio Grande do Sul e Santa Catarina foi feito de modo proposital pelas companhias colonizadoras. Surgia, dessa forma, a grande relação dessa região com o Rio Grande do Sul, principalmente no sudoeste e no extremo-oeste que, reconhecidamente, receberam um contingente considerável de gaúchos. Um exemplo dessa migração está na origem dos cônjuges de uma localidade no extremo-oeste (tabela 1), o município de Marechal Cândido Rondon.

Tabela 1- Origem dos cônjuges de Marechal Cândido Rondon – 1955-65 e 1975-85

Estado de Origem	1955-65	1975-85	total	%
PR	87	404	491	14,5
SC	504	206	710	20,9
SP	18	43	61	1,8
RS	1419	453	1872	55,2
BA		23	23	0,7
MG		77	77	2,3
Outros	84	72	156	4,6
Total	2112	1278	3390	100

Fonte: Registro de casamento do Cartório Nardelo de Marechal Cândido Rondon
Elaboração: Gregory (2008, p. 157)

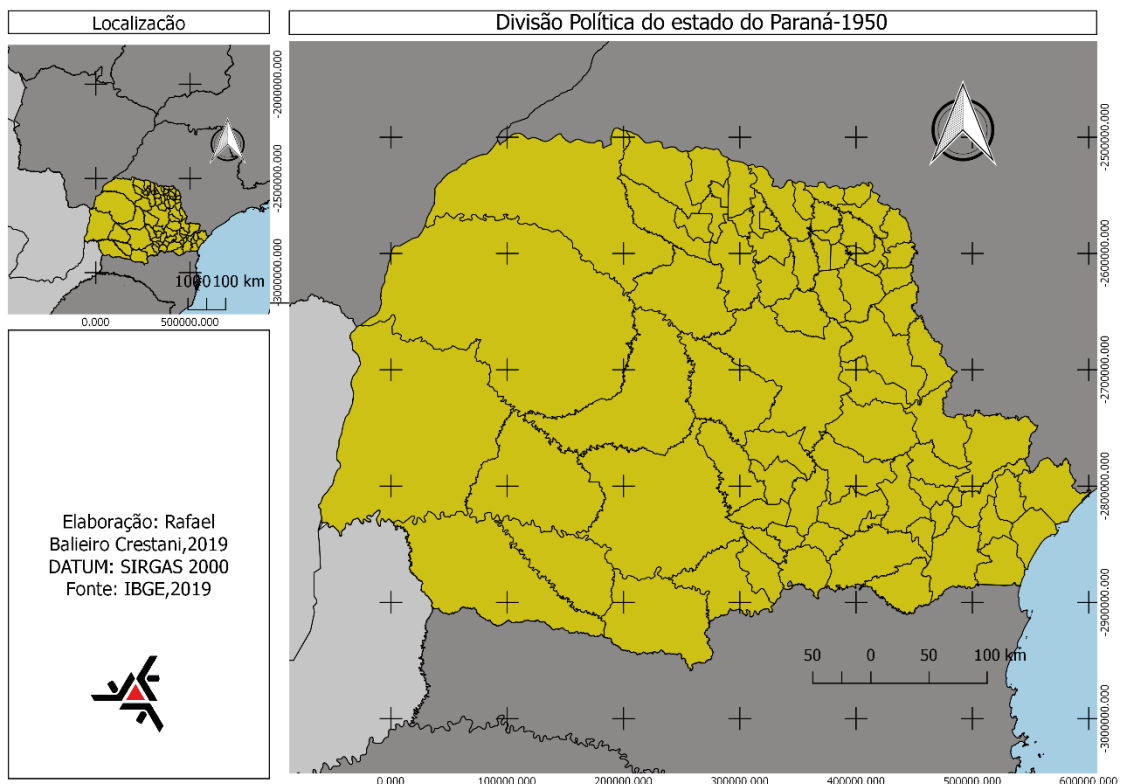
Um dos motivos da forte identificação dessas áreas com o estado gaúcho reside, também, nas fracas conexões de transporte entre a região e a capital do Paraná. As principais conexões foram estabelecidas com localidades do Rio Grande do Sul, seja via transporte aéreo, terrestre ou por meios de comunicação, como o rádio, além dos evidentes laços dos novos colonos ao estado gaúcho. A falta de uma via terrestre pavimentada ligando a região à capital paranaense, o que só viria a ocorrer nos anos de 1960, também contribuiu para essa situação.

De acordo com Gregory (2008, p.169), a Rádio Guaíba, uma das principais rádios gaúchas, por exemplo, poderia ser sintonizada em Toledo já nos anos de 1950. Na mesma década, o transporte aéreo era o mais utilizado em Toledo para se deslocar para outras localidades do estado e do país. Dentre os principais destinos estavam Curitiba, Porto Alegre, São Paulo e o interior de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul (SILVA, BRAGAGNOLLO, MACIEL, 1988, p. 381). As péssimas condições das estradas não-pavimentadas da região, principalmente em períodos chuvosos,

explicam a necessidade do transporte aéreo, não tão presente na colonização feita no norte pioneiro e norte novo do estado, por exemplo, que contou com o apoio das ferrovias oriundas do estado de São Paulo. Os primeiros colonos gaúchos que chegaram ao oeste por meio da Maripá levaram 38 dias para chegar até Toledo, sendo que de Cascavel a Toledo foram gastos 8 dias. Alguns jovens rurais foram, inclusive, concluir seus estudos na capital paranaense ou na capital gaúcha nos anos de 1940 e 1950, tamanha era a ligação com o Rio Grande do Sul (SILVA, BRAGAGNOLLO e MACIEL, 1988, p. 165).

Mesmo com a colonização ocorrendo a ritmo acelerado, demorou para que centros urbanos consideráveis se constituíssem na região, já que a migração era majoritariamente de característica rural. A divisão político administrativa do estado do Paraná não obteve grandes avanços até a década de 1950 na região oeste e sudoeste do estado, como podemos ver na figura 40.

Figura 40 - Divisão política do estado do Paraná-1950



Elaboração: Autor, 2019

De acordo com Padis (1981, p. 159) metade da população presente especificamente na região oeste do Paraná era de origem gaúcha e 2/3 dos migrados

eram oriundos do Rio Grande do Sul. Em 1950, a população da região oeste era de aproximadamente 17.000 pessoas. Em 2000, já passava de 1.000.000, como pode ser visto na tabela 2.

Tabela 2- População Urbana e Rural no oeste do Paraná (1950-2010)

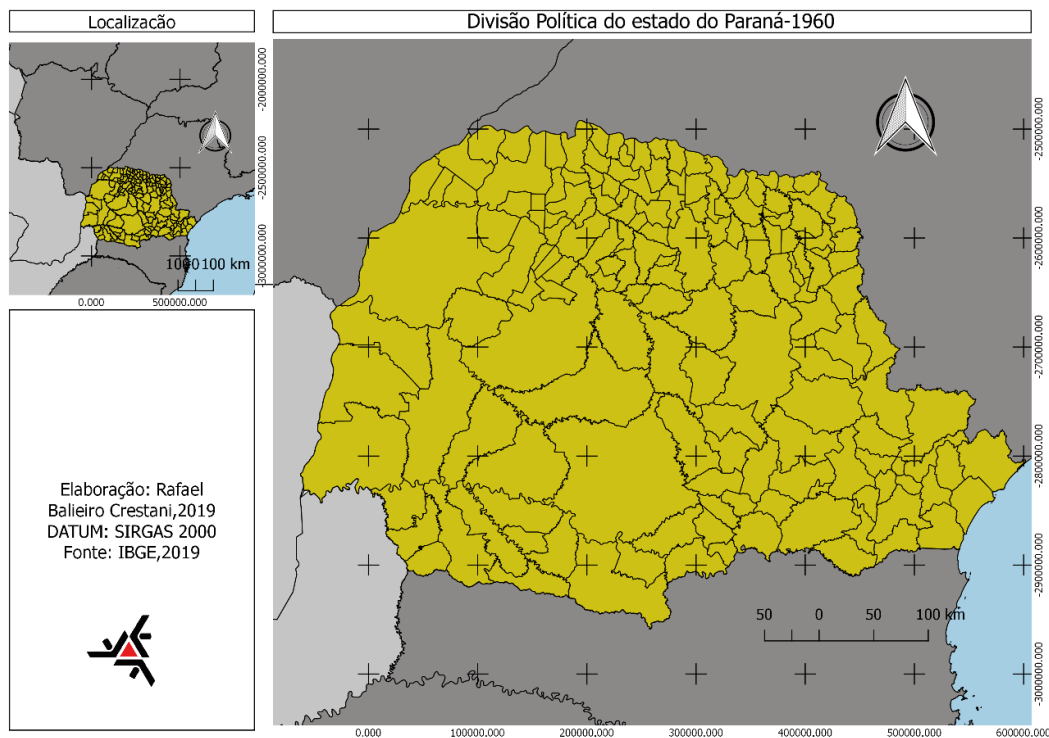
Ano	População Residente Urbana	População Residente Rural
1950	3.404	13.017
1960	41.483	93.553
1970	148.101	604.331
1980	484.661	476.114
1991	728.448	288.033
2000	929.092	209.490
2010	1.044.091	175.467

Elaboração: Autor, 2019

Fonte: Padis, 1981

Com o crescente aumento populacional na área de estudo, os primeiros municípios começaram a se emancipar, gerando modificações na malha político-administrativa do oeste e do sudoeste do estado. Já na década de 1980, a população urbana se constituiu como majoritária, sendo reflexo da modernização agrícola posta em prática de forma efetiva nas décadas de 1960 e 1970. Logo, a região, que era caracterizada por grandes ganhos populacionais, também começou a apresentar evasão populacional para novas fronteiras agrícolas. Simultaneamente, habitantes das áreas rurais passaram a migrar para cidades próximas, como Cascavel e Foz do Iguaçu. Esta última, particularmente, tornou-se um centro urbano de grande atração em função da construção da Usina Hidrelétrica de Itaipu.

Figura 41- Divisão Política do estado do Paraná em 1960



Elaboração: Autor, 2019

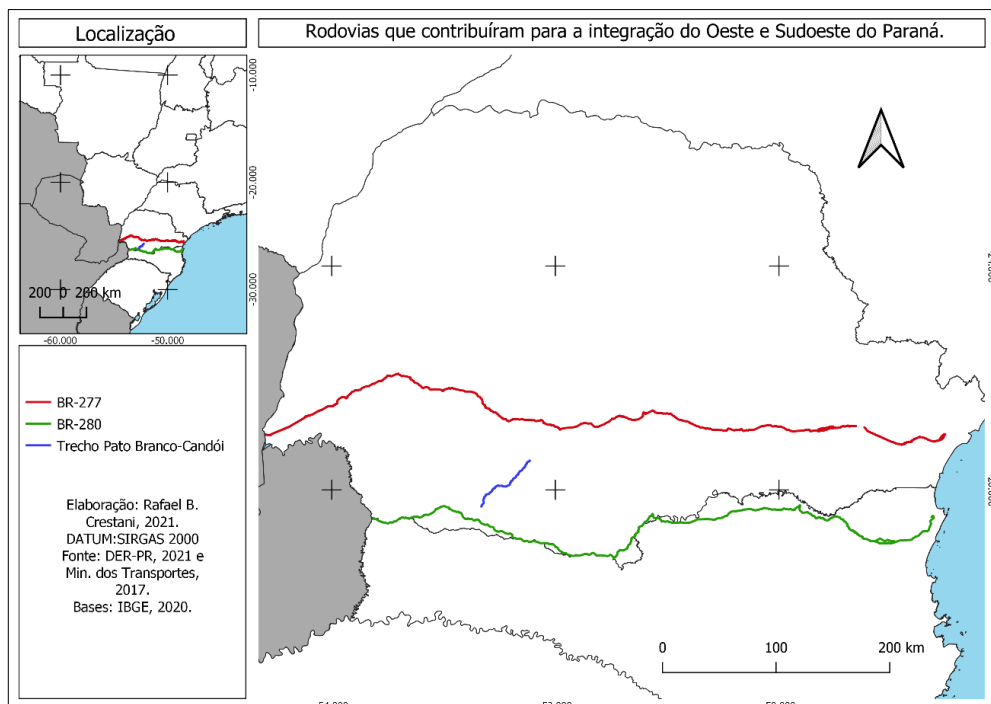
6.4.2 A Modernização Agrícola do Oeste e Sudoeste paranaense

Se após a primeira fase de exploração da área, baseada no extrativismo, a região foi sendo ocupada e colonizada por migrantes rurais, trabalhando em pequenas e médias propriedades, nas décadas de 1960 e 1970. Com os resultados da internacionalização do capitalismo pós-Segunda Guerra Mundial e a entrada massiva de capitais externos no Brasil, a região de estudo, principalmente nas áreas da Maripá, passa a receber grandes modificações oriundas da chamada modernização agrícola, com a chegada de tecnologias, maquinários, insumos, novas culturas etc. O Brasil, na década de 1960 e 1970, se volta para as necessidades externas, passando a incentivar a produção de *commodities* para exportação em grande escala. Essa fase de transição que se deu nas décadas de 1960 e 1970 “trouxe novas culturas agrícolas e novas relações de tecnologia e de produção” (RIPPEL, 2005, p. 11).

Um dos fatos que marcam a entrada do oeste e sudoeste no mapa da agricultura moderna, é a construção da moderna BR-277, inaugurada em 1969, que finalmente ligou o Oeste à capital do estado e ao porto de Paranaguá, permitindo que

a região e o Paraguai tivessem um corredor de exportação através de um porto paranaense. Historicamente, devido às dificuldades de comunicação terrestre na área, o principal meio de transporte foi o fluvial, através do Rio Paraná, conectando localidades como Foz do Iguaçu à foz do Prata ou à Ferrovia Sorocabana, pelo porto de Presidente Epitácio-SP, através de curta viagem feita de trem nas proximidades de Guaíra, devido a impossibilidade de vencer as Sete Quedas a barco. No Sudoeste, a construção e pavimentação da rodovia que ligou Pato Branco-PR às proximidades de Candói-PR, em 1970, possibilitou a ligação da região com a rodovia BR-277, recém-inaugurada. Na década de 1970, surgiu a moderna BR-280, que ligou o sudoeste do estado ao porto de São Francisco-SC, no litoral norte catarinense, constituindo mais uma possibilidade de corredor de exportação para as *commodities* produzidas na área.

Figura 42 - As Rodovias BR-277, BR-280 e Pato Branco-Candói



Elaboração: Autor, 2019

Acrescenta-se também os esforços do governo do Paraná, na década de 1960, para melhorar a infraestrutura do estado, através do chamado Projeto de Desenvolvimento Paranaense, visto anteriormente, que buscou fomentar a industrialização e o desenvolvimento (MAGALHÃES FILHO, 2011, p. 23).

Todo esse processo, que teve o campo como porta de entrada, contribuiu para a modificação da dinâmica migratória da área de estudo. As novas condições da agricultura, que demandavam maior nível técnico dos trabalhadores, acesso a crédito, capital e áreas para cultivo dessas *commodities*, fez com que a região, que havia sido de grande atração populacional nas décadas de 1950 e 1960, passasse a se tornar, gradativamente, a partir da década de 1970, em uma área de baixo crescimento populacional.

A baixa absorção da mão-de-obra rural, fez com que vários trabalhadores migrassem para estados vizinhos ao Paraná ou para as novas fronteiras agrícolas nos estados de Mato Grosso e Rondônia, na década de 1970. Na década de 1980, esse processo se acentuou ainda mais. Rippel (2005, p. 25) aponta que no caso dos fluxos migratórios, suas particularidades, como a intensidade e a direção, estão relacionadas às mudanças estruturais que ocorreram na área de estudo. O autor identifica o oeste do Paraná como sendo uma economia de subsistência na década de 1950 com baixo nível de emprego tecnológico (RIPPEL, 2005, p. 88). Isso atraiu migrantes nas décadas de 1940, 1950 e 1960, sendo estes vinculados à ocupação da terra, ao meio rural. Essa mão-de-obra, de característica familiar e de baixo nível técnico, perdeu espaço com o avanço da modernização da agricultura, que demandava trabalhadores em menor número e ao mesmo tempo mais qualificados do ponto de vista técnico-científico. Com o crescimento das cidades e a necessidade de outros serviços, o setor industrial e comercial passou a se desenvolver em cidades como Cascavel e Foz do Iguaçu, esta última impulsionada com a construção da Usina Hidrelétrica de Itaipu, em 1975.

A variação da área plantada de *commodities* temporárias de soja e trigo aumentou consideravelmente na década de 1960 (conforme tabela 2), demonstrando as mudanças estruturais no campo brasileiro e a ação do Estado nesse sentido, disponibilizando subsídios para os produtores desses tipos de culturas.

Tabela 3- Área Colhida das Principais Culturas Temporárias - Variação Percentual 1960-70

Produtos	Variação (%)
Cana-de-Açúcar	23,3
Algodão	87,5
Milho	2.118,40
Arroz	2.252,80
Feijão	2.516,80
Trigo	3.474,70
Soja	23.019,80

Fonte: Piffer, 1997, p. 95

Esse movimento gerou, como dissemos anteriormente, migração para as principais cidades da região e para as novas fronteiras agrícolas do país, bem como os estados vizinhos ao Paraná.

Tabela 4- População e Taxas de Crescimento Populacional Anuais 1940-2000- Oeste do Paraná

Ano	População Total	Taxa de crescimento anual no período (%)
1940	7645 *	
1950	16421	7,94
1960	135697	23,51
1970	768271	18,93
1980	1009432	2,76
1991	1047990	0,34
2000	1164200	1,18

Fonte: Rippel, 2005

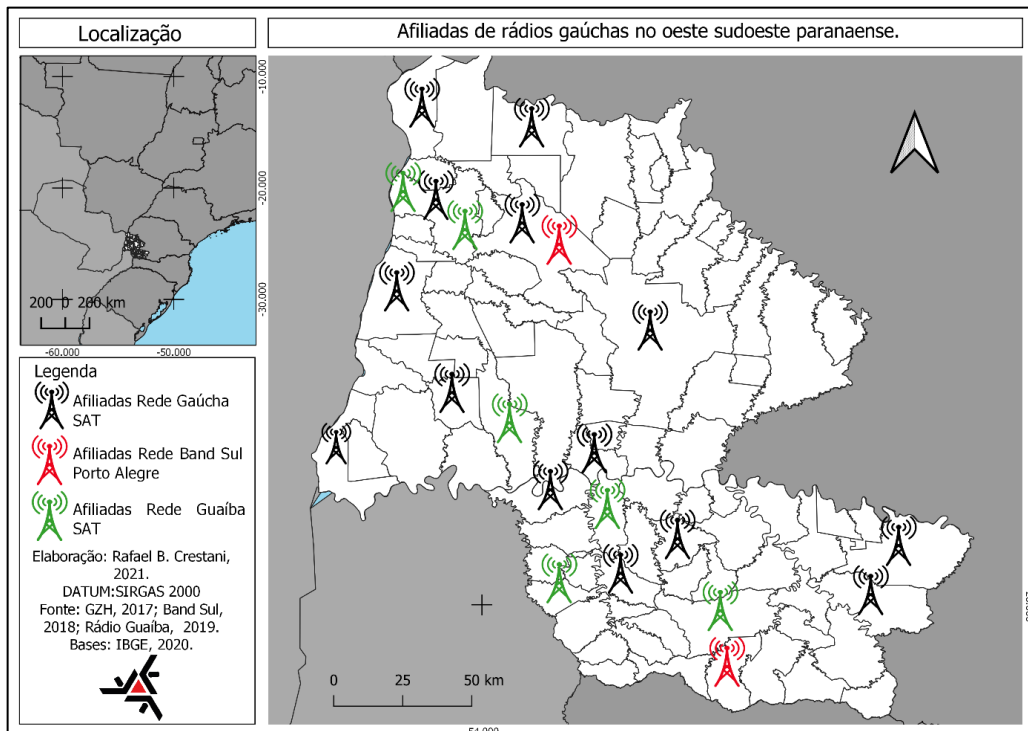
Já entre a década de 1970 e 1980, os números de crescimento populacional anual caem consideravelmente, quando comparados com o decênio anterior, refletindo as mudanças que se processaram no campo.

6.4.3. O futebol no Oeste e Sudoeste do Paraná

Aliado a todo esse processo de colonização, modernização agrícola e processos migratórios, o futebol, como esporte predileto dos colonos de origem gaúcha e catarinense, se desenvolveu na região com particularidades locais, assim como em outras regiões do país. Mesmo com as grandes obras de infraestrutura

ocorridas no oeste e no sudoeste do Paraná nas décadas de 1960 e de 1970, que ligaram a região à capital, a força gaúcha na cultura, sobretudo no esporte, perdurou por algum tempo. Isso se deve ao fato de que mesmo com as eficientes vias de transporte com a capital erguidas na década de 1960, os meios de comunicação continuaram muito ligados ao estado gaúcho, algo que ainda é perceptível, como na área de transmissão de algumas rádios, como podemos ver na figura 5

Figura 43- Afiliadas de algumas rádios gaúchas no oeste e sudoeste paranaense



Elaboração: Autor, 2021

O futebol, por sua vez, com sua importância lúdica, foi um símbolo cultural da população que se assentou na área durante a colonização e o desenvolvimento das cidades, através da fundação dos clubes amadores e profissionais que representaram o oeste e o sudoeste nos torneios estaduais e nacionais.

Obviamente, antes da colonização feita pelas companhias colonizadoras, nenhuma equipe das regiões oeste e sudoeste do Paraná havia participado do campeonato paranaense de futebol, que foi iniciado de forma oficial em 1915. Mesmo as equipes do norte do estado levaram um tempo para disputar o estadual, devido, entre outros motivos, a fraca conexão territorial do estado do Paraná, que só veio a

se concretizar de forma efetiva na década de 1960, com a construção da Rodovia do Café, ligando o norte à capital e ao porto de Paranaguá.

No oeste e no sudoeste do estado, algo similar ocorreu, porém com suas particularidades. Apesar do futebol profissional ter se desenvolvido mais tardiamente na região, quando comparado com a região norte do estado, a falta de boas comunicações intra-estaduais também contribuiu para a ausência de clubes do oeste e do sudoeste no certame estadual.

As primeiras práticas do esporte na região já ocorriam na passagem da década de 1940 para a década de 1950, mesmo que de forma amadora. Uma das primeiras equipes foi o Esporte Clube Toledo, fundado em 1951, jogando no mesmo ano contra um selecionado de Cascavel. Ainda em Toledo, surgiu o Guarany Futebol Clube e o Sport Clube Internacional, ambos em 1953, ano em que ocorreu precocemente o fechamento do Esporte Clube Toledo. As duas equipes fundadas em 1953 se fundiram e deram origem ao novo Esporte Clube Toledo, em 1955. O Grêmio Esportivo Toledense, por sua vez, foi fundado em 1957 e em 1958 foi a vez do Clube Atlético Recreativo Internacional (SILVA, BRAGAGNOLLO E MACIEL, 1988, p.475). A partir da década de 1960, inúmeros outros clubes amadores surgiram nessa localidade.

A influência gaúcha se fez sentir no esporte do recém colonizado oeste paranaense, com a fundação, em Cascavel, do Tuiuti Esporte Clube, em 1949, e da Associação Atlética Comercial, em 1964, que realizavam o clássico cidadão que ficou conhecido como “Tuicial”. As equipes utilizavam as cores dos dois clubes gaúchos de maior expressão, Internacional e Grêmio. O Tuiuti, vestia o azul e branco e o Comercial, o vermelho e branco. Os clássicos foram jogados na década de 1960, já que ambos fecharam seus departamentos de futebol profissional no final dessa década. Em seguida, foi fundado o Cascavel Futebol Clube, com as cores azul, branco e vermelho (ARAÚJO, 2001, p.48-9-50). Cascavel teria, nas décadas seguintes, inúmeras equipes que carregaram o nome da cidade.

Em Pato Branco, em 1949, foi fundado a SE Palmeiras, que fez, por muitos anos, o clássico cidadão com o Internacional SC, fundado em 1953. As duas agremiações se fundiram em 1979 para dar origem ao Pato Branco Esporte Clube, que levava as cores dos antigos clubes: verde, vermelho e branco.

Em Francisco Beltrão, os principais clubes da cidade foram fundados na década de 1950. O União, fundado em 1956 e o Real Beltronense, fundado em 1959. Na década de 1990, foi fundado o clube de maior sucesso recente da cidade, o

Francisco Beltrão Futebol Clube, fundado em 1993. Alguns desses clubes, por inúmeros motivos, fecharam as portas com o passar dos anos. Pouquíssimos clubes fundados nas décadas de 1940 e 1950 ainda estão em funcionamento, exceção feita ao União, de Francisco Beltrão, que passou alguns anos desativado, mas que ainda resiste.

As primeiras equipes profissionais da região a disputar a primeira divisão estadual de profissionais (na prática, se tratava da segunda divisão estadual) foram o Tuiuti, de Cascavel, o Internacional e o Palmeiras, de Pato Branco, e o União, de Francisco Beltrão, na edição de 1967 (DIOGO, CHRESTENZEN, p. 10, 2020). Entretanto, nessa época o campeonato estadual da segunda divisão (criado em 1966) era dividido em chaves de acordo com as diferentes regiões, devido às dificuldades de transporte e financeira dos clubes. Dessa forma, esses clubes disputaram, antes, a série Centro-Sul, que continha equipes da região.

Em 1968, a primeira divisão de profissionais teve a chave sul dividida em dois grupos. O Grupo B foi formado apenas por equipes do oeste e sudoeste paranaense, como o Internacional e o Palmeiras, de Pato Branco; o Tuiuti e o Comercial, de Cascavel; o La Salle, de Toledo e o União, de Francisco Beltrão. Em 1969, o oeste e o sudoeste tiveram uma “chave” própria, com equipes de Cascavel, Toledo e Francisco Beltrão (MACHADO, CHRESTENZEN, 1990, p. 251 e 259).

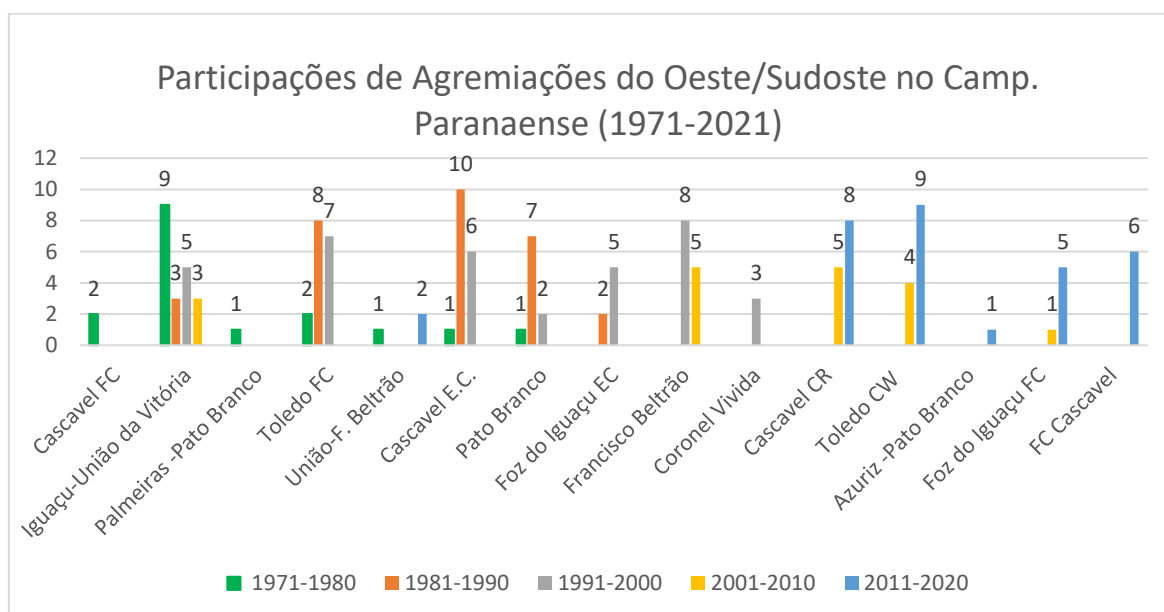
Em 1970, o Cascavel Futebol Clube foi campeão da zona sul na primeira divisão de profissionais e, em 1971, acabou disputando, pela primeira vez, a divisão especial do futebol paranaense. O único título estadual de um clube da região viria em 1980, conquistado pelo Cascavel Esporte Clube, mas dividido com o Colorado, de Curitiba, após a final mais polêmica da história do estadual¹⁸.

Historicamente, a região teve seus representantes no campeonato paranaense através das principais cidades, como Cascavel, Toledo, Foz do Iguaçu e Francisco Beltrão, diferentemente da região norte, sobretudo o Norte Pioneiro e o Norte Central, que por diversas vezes tiveram representantes de cidades pequenas, como Santo Antônio da Platina, Bandeirantes, Jacarezinho e Cornélio Procópio. Isso se explica,

¹⁸ A fase final do campeonato foi disputada em um quadrangular com Cascavel, Colorado (Curitiba), Londrina e Pinheiros (Curitiba). Na última rodada, Cascavel e Colorado se enfrentavam em um jogo que valia o título. A equipe da capital precisava vencer por 5 gols de diferença para se sagrar campeã. Entretanto, o jogo foi encerrado precocemente. Após o segundo gol do Colorado, os jogadores do Cascavel forçaram expulsões e lesões, terminando com 6 jogadores em campo, impossibilitando a continuação da partida. A Federação Paranaense de Futebol determinou, posteriormente, a divisão do título entre as duas equipes.

em parte, pelas condições estruturais do esporte a nível nacional após a década de 1970, justamente quando os clubes do oeste e do sudoeste começaram a disputar o certame. Já na década de 1980, estar em cidades de porte médio significava muito para os clubes. Ter público significava ter dinheiro para poder investir, algo que as cidades pequenas não conseguiam atender.

Gráfico 13- Participações de Agremiações do oeste/sudoeste no campeonato paranaense



Elaboração: Autor, 2021

Com o passar dos anos, a participação dos clubes da região em certames estaduais foi se reduzindo, concomitantemente com a perda de importância do campeonato estadual, principalmente após a criação dos torneios nacionais e internacionais, após a década de 1970, que chamaram a atenção dos principais clubes do estado. A progressiva profissionalização do esporte, que cada vez mais adotou aspectos comerciais, foi fatal para muitos clubes, que não conseguiram arcar com os departamentos de futebol profissional.

Diversas equipes do cenário nacional visitaram o oeste do estado após a década de 1960, como o Santos, que foi até Cascavel em 1967, o Internacional de Porto Alegre, que jogou na cidade em 1968, e o Grêmio FBPA, que visitou Toledo em 1979. A identificação da torcida pelos clubes gaúchos há tempos é de conhecimento dos clubes porto-alegrenses, que inúmeras vezes mandaram seus jogos para o oeste

do estado, principalmente para Cascavel, reconhecidamente o maior centro urbano da região. O S. C. Internacional, por exemplo, já jogou mais de 10 vezes em Cascavel, sendo a última vez em 2018 (BERTONCELLO E FERREIRA, 2017).

Os efeitos da colonização dirigida com pessoas oriundos do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina se fizeram sentir no futebol, com a preferência futebolística por equipes gaúchas em detrimento das equipes da capital paranaense ou até mesmo do estado de São Paulo, populares no norte. Isso se expressou no nome e nas cores de alguns clubes da região, como abordamos acima. Entretanto, a ideia de que tanto o oeste quanto o sudoeste, atualmente, é tomado por torcedores de equipes gaúchas deve ser contestada, já que alguns pontos já indicam uma boa presença das torcidas paulistas.

Dessa forma, elencando os vários fatores que contribuíram para o insucesso dos clubes locais, a identidade gaúcha, historicamente, exerceu sua influência na região, inclusive no aspecto futebolístico. Mesmo atualmente, em jogos do FC Cascavel, principal clube local, é possível ver resquícios da influência gaúcha na torcida, como a presença de banda com instrumentos de sopro para acompanhar os cantos, como o trombone e o trompete, além do bumbo de murga e do característico som de seus pratos, muito comuns nos jogos de Porto Alegre; o eventual lançamento de tiras de papel no início do jogo, fenômeno conhecido como “cascata de papel”, comum em clubes sulistas e platinos, de modo geral, e também na letra dos cantos de torcidas, semelhantes a alguns cantos característicos de clubes sulistas.

Quadro 1- Cânticos de torcida

Banda Carvoeira-Criciúma E. C. Cascavel	Torcida La Fúria- FC
Você nunca vai entender, O que é nossa paixão Não pedimos nada em troca, Está dentro do coração Pare tudo e venha ver, A festa vai começar Com a banda carvoeira, Que não para de apoiar Te apoio a toda parte Te apoio a todo momento E por isso nunca vou te abandonar	Você nunca vai entender, O que é nossa paixão Não pedimos nada em troca, Está dentro do coração Pare tudo e venha ver, A festa vai começar Com a banda aurinegra, Que não para de apoiar Te apoio a toda parte Te apoio a todo momento E por isso nunca vou te abandonar
Torcida Geral do Grêmio- Grêmio FBPA (trecho)	Torcida La Furia- FC Cascavel
Grêmio, é minha loucura não posso parar E a cada domingo eu te quero mais Pelas tuas cores deixo a vida inteira Oh, vamos, vamos Grêmio, vamos a ganhar Esse ano a volta queremos dar Para que a Arena volte a ver a festa Dá-lhe Grêmio, é inexplicável esse sentimento Estarei contigo em todo momento E o que nós queremos é te ver campeão!	Fúria é minha loucura e não vou parar E a cada dia me apaixono mais Pelas nossas cores dou minha vida inteira Oh! vamos Cascavel, vamos la ganhar E a nossa Barra sempre a apoiar Para que a cidade possa estar em festa Cascavel é inexplicável esse sentimento Uma paixão que levo peito adentro Estarei contigo a todo momento
Guarda Popular- S.C Internacional	Torcida La Furia-FC Cascavel
Vamo Inter, Vamo Inter, Vamo, vamo meu Inter, Vamos lutar, até morrer, Seremos campeões!	É Cascavel, é Cascavel, Vamo vamos Cascavel, Vamos lutar, Vamos vencer, Seremos Campeões!

Fonte:

Elaboração: Autor, 2021

Toda essa transformação que ocorreu no campeonato brasileiro de futebol e suas implicações territoriais, trabalhado no capítulo 4 e que contribuiu para a territorialização das torcidas no país e, especificamente, no estado do Paraná, trabalhados no capítulo anterior, não se explica, unicamente, pela interferência política na principal instituição esportiva do Brasil, principalmente no período militar, ou pelas transformações de regulamentos do campeonato nacional. O futebol não pode ser visto como algo “descolado” da sociedade e, por isso, as transformações que ocorrem em nosso cotidiano também influenciam a organização desse esporte em nosso país.

Transformações sociais e territoriais contribuíram para que mudanças ocorressem no futebol brasileiro: a crescente urbanização na segunda metade do século XX e as transformações na forma, estrutura e funções urbanas nos séculos XX e XXI.

A urbanização é um processo que, ainda vigente, foi hegemônico entre as décadas de 1950 e 1980, quando o Brasil passou a ser, paulatinamente, uma nação de população majoritariamente urbana. A crescente industrialização, concentrada no centro-sul, principalmente em São Paulo, iniciada de forma efetiva com o processo de substituição de importações no governo Vargas e a chamada modernização da agricultura, levada a cabo nos anos de 1960 e 1970, fizeram com que o Brasil se tornasse um país urbano, principalmente pela diminuição populacional no campo. Do ponto de vista do futebol, nosso objeto de análise, a urbanização do país fez com que inúmeras cidades pequenas e de característica predominantemente rurais perdessem população para cidades de porte médio e para as capitais, principalmente após a década de 1960.

Dessa forma, alguns serviços se concentraram nessas cidades, deixando as cidades pequenas do interior carentes de população e serviços úteis. Do ponto de vista da relação entre as pessoas, principalmente nas cidades pequenas, as relações menos pessoais acabaram se tornando majoritárias, sendo mais marcadas por relações impessoais e profissionais do que relações afetivas e de pertencimento. Antes, as relações eram muito mais comunitárias, não apenas porque se tratava de cidades pequenas, mas porque o modo de vida, muito ligado ao meio rural tradicional, contribuía para que as relações fossem dessa maneira, marcadas pela ajuda comunitária. Mesmo as relações familiares foram afetadas, com os jovens perdendo o contato diário com os pais e outros familiares na medida em que se deslocaram para

outros núcleos urbanos. Esse é um processo conhecido e que marcou o interior de alguns estados do Brasil, como São Paulo e Paraná.

Isso, por sua vez, se refletiu no futebol, com o enfraquecimento dos clubes das cidades pequenas, que eram reconhecidas por apresentar fortes equipes nos campeonatos estaduais, seja no Paraná, em São Paulo ou no Rio Grande do Sul. No norte do Paraná, por exemplo, ficou nítido o enfraquecimento dos clubes interioranos após a era do café e a modernização da agricultura, não apenas porque parte desses clubes eram financiados com os rendimentos do produto, mas também porque os torcedores acabaram se esvaindo das cidades. Como acrescenta o historiador do futebol Heriberto Ivan Machado, em questionário aplicado pelo autor, no interior do estado do Paraná, o futebol nessas localidades perdeu força porque (...) “não tem mais “mecenas” para bancar o caríssimo futebol profissional atual. As cidades pequenas só têm times amadores”.

As relações entre as pessoas, como abordado anteriormente, foram se tornando mais impessoais. Dessa forma, o estádio, visto antes como local de encontro e pertencimento, perdeu parte de sua força e, com ele, a competitividade dos clubes locais. Alia-se a esse processo, o avanço da gestão comercial/ financeira/capitalista do futebol, o que deixou a gestão dos clubes muito mais cara e exigiu profissionalismo maior, que muitos clubes interioranos não conseguiram, e não conseguem, cumprir. Outros acontecimentos, como a crescente violência nos estádios e o avanço dos meios de comunicação, sobretudo da TV aberta e da TV à cabo, aprofundaram esse processo no final da década de 1990, enfraquecendo clubes locais e, ao mesmo tempo, afastando o torcedor dos estádios.

É nesse processo que inúmeros clubes paranaenses, sobretudo do norte do estado, fecharam as portas após a década de 1970, com as cidades pequenas praticamente fora dos campeonatos estaduais e nacionais e com algumas cidades de porte médio contando com equipes competitivas apenas à nível estadual ou mesmo não possuindo equipes.

Mesmo assim, algumas equipes interioranas ainda conseguiram sobreviver a essas mudanças por inúmeros motivos. Algumas delas receberam apoio de agroindústrias locais, como usinas de beneficiamento, o que permitiu que alguns desses clubes tivessem um fôlego maior e continuassem a ser presentes nos campeonatos estaduais e em alguns campeonatos nacionais de nível reduzido até o final da década de 1990 e início dos anos 2000. Esse movimento de patrocínio do

clube local por uma empresa local, ainda existe, mas dá sinais de desaparecimento, pelo menos por parte das empresas que atuam apenas regionalmente.

Após esse período, a sustentação de clubes de cidades pequenas e mesmo de cidades de porte médio foi ainda mais dificultado, não apenas pelo aumento do custo de sustentação de uma equipe de futebol, mas também pelas transformações que ocorreram no território brasileiro e na sociedade como um todo, como a insuficiência financeira dos clubes, sendo abordados sob um olhar cada vez mais empresarial e cada vez menos como um bem cultural.

Dessa forma, mudanças ainda mais profundas foram sentidas no século XXI e estão sendo expressas atualmente, especialmente após a pandemia global de COVID-19, que deixou evidente os grandes problemas financeiros de alguns clubes no Brasil, ocasionando o rebaixamento e a perda de receita de clubes, chegando até mesmo à ameaça de fechamento de equipes tradicionais de capitais brasileiras e ao desespero de recorrer às chamadas SAF's (Sociedades Anônimas do Futebol) e a constituição de clubes-empresa.

A metropolização, vista como um processo da economia pós-fordista, muda profundamente o meio como se expressa o urbano e ajuda a explicar, em parte, como equipes de cidades importantes do Brasil passam por problemas cada vez maiores e como irão precisar reinventar o seu modo de gestão, não apenas política e economicamente, mas também de forma espacial.

7. A METROPOLIZAÇÃO DO FUTEBOL: ENTRE A LÓGICA DO MERCADO, A CULTURA E A RESISTÊNCIA

Com a contemporaneidade informacional, as metrópoles assumem novas características, passam por verdadeiras metamorfoses, gerando um “novo” tipo de metrópole que leva até mesmo à contestação do tradicional vocábulo. Métapolis, Exópolis, Cidade-Região e outros são algumas das nomenclaturas utilizadas pelos pesquisadores do tema para definir essa nova fase de metamorfose social e espacial. Não queremos aqui, esgotar ou trabalhar exaustivamente o conceito, mas apenas sinalizar uma mudança territorial, sobretudo no meio urbano, que vem contribuindo para que mudanças significativas ocorram no futebol brasileiro.

Um dos primeiros autores a discutir a metropolização no mundo ocidental foi o francês Bernard Kayser. O autor buscava analisar as transformações no território francês na década de 1960 e acabou distinguindo-o entre os espaços metropolizados e não-metropolizados. Os espaços metropolizados seriam aqueles com grande presença de fluxos, sejam eles materiais e imateriais, ligados às grandes cidades regionais francesas. Os não metropolizados, por sua vez, seriam os de grande homogeneidade, baixa concentração demográfica e falta de dinamismo. Kayser (1969) reconheceu, no território francês, o exercício de uma dominação levada a cabo por cidades centrais em inúmeras regiões. Entretanto, algumas regiões do território francês não eram estreitamente ligadas à uma grande cidade no que diz respeito aos fluxos de pessoas, mercadorias, capitais etc. Em outras palavras, essas conexões não eram intensas, dinâmicas e permanentes. Esses locais, situados sobretudo no Centro-oeste, Leste e Centro-Leste do país, seriam os espaços não-metropolizados da França. A preocupação com essas regiões não-metropolizadas se justificou, dentre outros motivos, por aproximadamente metade da população francesa estar em espaços não-metropolizados na década de 1960 e pelo relativo empobrecimento desses locais, a falta de dinamismo econômico e de oferta de emprego (KAYSER, 1969). Essa análise acerca da metropolização, muito inicial, foi desenvolvida posteriormente por Kayser (1969) e outros autores.

A preocupação com o tema se tornou mais incisiva no final do século XX, com as grandes transformações técnicas, o avanço do capital financeiro, das redes e conectividade e, também, das transformações políticas pós-Guerra Fria, que deram novo fôlego às discussões referentes à globalização e ao urbano, com grande

importância para a relação reticular entre as cidades e ao modo como a sociedade “pós-moderna” se organizava.

No Brasil, o termo metrópole é, de certa forma, comum na Geografia, embora polissêmico. O termo é utilizado pelo menos desde a década de 1960 (LENCIONI, 2017). A metrópole é comumente definida como um centro urbano que agrega distintas e específicas atividades e serviços, exercendo influência com certa abrangência espacial, que comporta localidades menos dinâmicas em uma espécie de hierarquia. Outro significado está relacionado com a ideia de região metropolitana, ou seja, que é adjacente à metrópole ou à uma grande cidade, embora as regiões metropolitanas no Brasil não estejam, oficialmente, restritas a esse grupo, sendo possível encontrar regiões metropolitanas em cidades de porte médio (LENCIONI, 2017).

Entretanto, essa visão sobre a metrópole e consequentemente a metropolização, se insere na tradicional visão hierárquica entre as localidades, onde o global e o local se relacionam, majoritariamente, através de localidades intermediárias. Dessa forma, o local se relacionaria ao regional, que por sua vez estabeleceria relações no âmbito nacional e, por fim, ao global.

Essa visão “tradicional” do conceito acabou levando a análises relacionadas aos esportes, como a “metropolização do futebol” de Mascarenhas, que, falando acerca da concentração esportiva do futebol em Porto Alegre-RS, sobretudo do clássico Gre-nal, definiu a metropolização como sendo o:

[...] processo de reorganização territorial que conduz à crescente submissão de vasta área ao comando de uma única cidade, a que se consolida como pólo dominante de uma extensa rede urbana, convergindo para si as vias de circulação e resultando em extraordinária concentração espacial de informações, capitais e força de trabalho (MASCARENHAS, 2001, p.229).

Apesar de considerarmos esse processo de concentração em nossa análise, identificamos a metropolização como um processo que vai além e que, obviamente, tem implicações na forma como o futebol vem sendo conduzido no Brasil no século XXI.

No final do século XX, com todas as transformações já citadas, algo de diferente começou a ser percebido nas regiões metropolitanas, como a multiplicação de centralidades e conurbações. Esse processo começou a ser diferenciado do

processo de urbanização, não se constituindo como uma etapa deste. Pelo contrário, a metropolização não excluiria a urbanização, que continuaria a ocorrer, mas não como fenômeno hegemônico.

Ascher (1995) elaborou o conceito de *Métropole* para identificar um conjunto de espaços em que os habitantes ou parte deles, e as atividades econômicas, são integrados no funcionamento cotidiano de uma metrópole. Inicialmente, a discussão acerca da metropolização esteve restrita ao espaço metropolitano, ou seja, *intra-metrópole*. Ascher (1995) foi um dos primeiros a considerar a metropolização “*extra-muros*” da metrópole e das grandes cidades. Esse ponto se torna importante para a discussão do conceito, uma vez que permite refletir sobre o alcance no espaço do processo de metropolização.

Na França, país de Ascher, a discussão acerca da metropolização chegou com maior força na década de 1960 com os problemas que envolviam o território francês, que causavam preocupações pelo centralismo excessivo de Paris, desproporcional quando comparada com as demais cidades. Isso ocorreu, em parte, fruto da grande urbanização ocorrida no país na década de 1950 com o movimento de emigração rural.

Com o final do século XX, algumas transformações foram sentidas no território e na sociedade como um todo, não apenas na França, mas em toda a Europa. Houve uma crescente atualização dos meios de comunicação e transporte, com maior velocidade, flexibilização e possibilidades de logística, além de uma crescente mudança na economia, com o crescimento da financeirização e da fluidez dos capitais entre as principais cidades do mundo. Esse panorama possibilitou uma nova abordagem acerca da metrópole, que passou a ser percebida “*extra-muros*”. Novos territórios foram integrados à metrópole, mas não apenas economicamente. Os aspectos sociais e mesmo culturais ligados à metrópole também foram percebidos em novos territórios. Com a melhor condição de meios de transporte e a maior fluidez de deslocamentos, a metrópole passou a ter uma extensão territorial mais abrangente, já que os movimentos, sobretudo os pendulares, se tornaram mais eficazes e rápidos. Houve uma crescente uniformização da cidade, do cotidiano dos seus habitantes, bem como uma divisão mais aprofundada do trabalho e uma crescente necessidade de informação.

Ascher (1995, p.64), não aceitando a adaptabilidade do termo “*pós-modernismo*” para o momento atual, o encaixa na “*surmodernité*”, termo de Anthony

Giddens. Para ele, não seria razoável empregar um termo que indicasse o fim do modernismo, já que os projetos ainda estão pautados sobre a razão e a ciência, sendo os paradigmas dessa ciência que foram modificados, se tornando cada vez mais complexos.

Ascher teve grande influência no pensamento de Sandra Lencioni acerca do tema, pesquisadora brasileira que tentou compreender esse novo momento do urbano no Brasil e na América Latina.

Lencioni (2017), também, influenciada pelas tríades de Lefebvre¹⁹, fala de uma mudança na forma, função e estrutura da urbanização. A metropolização iria se impor sobre as outras manifestações do fenômeno urbano, agregando-os.

O termo metropolização, especialmente para Lencioni, pesquisadora que mais se debruçou sobre o tema nos países íbero-americanos, ultrapassa essa visão mais tradicional da hierarquia urbana, mencionado anteriormente. A autora se apoiou, primeiramente em Kayser, mas se debruçou com maior intensidade em Lefebvre e na discussão do urbano para criar as bases de suas pesquisas, além de outros autores. Foi além na discussão da metropolização, identificando o fenômeno como além da urbanização.

A metropolização, como um fenômeno de expressão do pós-fordismo, foi analisada por inúmeros autores fora do Brasil, adquirindo, por vezes, nomes distintos ao termo “metropolização”, como em Ascher (1995), já citado.

Dessa forma, o conceito se mostrou um processo múltiplo e diversificado, não se restringindo ao fenômeno urbano, mas também aos seus diversos fenômenos como a gentrificação, a turistificação e outros.

A metropolização, portanto, não se resumiria ao urbano, à tradicional urbanização e congregação de serviços e atividades em uma localidade específica, mas sim à expansão do modo metropolitano para outras áreas, isto é, a influência da metrópole sendo expandida para localidades menores, sem a necessidade de seguir a hierarquia ou um espaço contínuo. “A metropolização é relativa ao espaço” (LENCIONI, 2017). Dessa forma, não apenas a influência política da metrópole se expandiria sobre outras áreas, mas também a expressão econômica e os símbolos e signos desta, ou seja, sua vertente cultural, um dos pontos em que o futebol estaria imbricado. Uma das consequências da metropolização seria a desterritorialização de

¹⁹ Lencioni cita as tríades de Lefebvre como sendo: forma, função e estrutura; e homogeneização, fragmentação e hierarquização.

populações, seja ela física, com a negação do direito à terra, ou simbólico-cultural, com a invasão dos ritmos, costumes e hábitos metropolitanos nas localidades “tradicionais”. De acordo com Lencione (2017): “Seria um grande reducionismo compreendermos a metropolização como sendo resultado da transformação de espaços urbanos em metropolitanos, bem como incidindo apenas em espaços urbanos”.

Mesmo no meio rural, onde, aparentemente, a metropolização não exerceria sua influência, ela estaria presente, pois as áreas rurais são cada vez mais dependentes e relacionados à metrópole ou ao modo de vida metropolitano. Com e pela metropolização, é o espaço inteiro que se transforma, não só a cidade ou a metrópole (LENCIONI, 2006b, p. 46, 201). Em outras palavras, a metropolização e seus processos não se restringiriam à metrópole, mas a todo o espaço. Internamente, inúmeras centralidades seriam criadas com o fim último da especulação imobiliária, já que, não necessariamente, serviriam como pontos de gestão do capital. Dessa forma, as centralidades internas cada vez menos, se formariam de modo espontâneo, como forma de suprir a demanda de trabalho e comércio. As hierarquias, por sua vez, seriam redefinidas, uma vez que o local poderia ter conexões muito mais consistentes com o global do que as localidades regionais ou nacionais.

Portanto, o que Lencioni analisa não é apenas a constituição do urbano, aquele tradicional, mais visível, muitas vezes fruto das frentes de colonização, mas sim a constituição de um espaço de desenvolvimento, do fenômeno metropolitano que vai além dos limites da metrópole.

Não se trata mais de criar cidades, de desenvolver a rede urbana ou a urbanização em sentido restrito, trata-se de desenvolver condições metropolitanas que são imprescindíveis para a reprodução do capital, subvertendo toda a lógica urbana herdada e negando a cidade. (LENCIONI, 2006b, p. 48, 2017, p. 203)

Lencioni ainda elenca oito aspectos básicos da Metropolização

A primeira é que seu fundamento não diz respeito apenas à transição do rural para o urbano, muito embora o processo possa contê-la; porque seu núcleo é a urbanização. A segunda é a de que a metropolização do espaço conforma uma região de grande escala territorial, com limites extremamente dinâmicos e difusos. A terceira característica é a dessa região expressar ao mesmo tempo uma nítida e intensa fragmentação territorial e transparente segregação social,

até então nunca vistas, ao lado de espaços com aspectos bastante homogêneos. A quarta característica deve-se à redefinição das antigas hierarquias entre as cidades da região e da rede de relações entre elas. A quinta diz respeito ao expressivo número de cidades conurbadas com incrível polinucleação e intensa e múltipla rede de fluxos. A sexta característica está relacionada à diminuição relativa do crescimento demográfico da cidade central, acompanhada de expansão demográfica e desenvolvimento do ambiente construído de outros municípios da região. A sétima característica se pauta pela redefinição das pequenas cidades dessa região, conformando um novo tipo de integração dessas pequenas cidades com os espaços polinucleados. A oitava diz respeito à intensidade dos expressivos movimentos pendulares entre algumas cidades da região, consagrando uma expressiva estrutura regional em rede. (LENCIONI, 2006b, p. 48, 2017, p. 203)

Abaixo, são elencados pontos de discussão relativos ao tema, propostos pela autora:

1. Transição Rural-urbano: Essa característica da transição demográfica do rural para o urbano foi clássica do processo de urbanização, algo que não pode ser descartado atualmente, mas que não se configura como um movimento hegemônico. Além disso, a distinção rural-urbano é cada vez menos perceptível, uma vez que os símbolos, signos e ritmos da metrópole alcançam cada vez mais as zonas rurais. Os espaços rurais e urbanos não são mais antagônicos, mas sim dicotômicos. Os valores e normas urbanas já estão presentes nas zonas rurais, sobretudo o capital urbano e outros elementos que o acompanham, como o tempo da metrópole. A essa integração do homem do campo aos valores urbanos, Lencioni chama de "urbanização do campo" (p.50). Da mesma forma, a autora acrescenta na análise o conceito de "periurbanização do campo", como sendo a transformação dos espaços rurais em conformidade com as exigências da metrópole. Lencioni sustenta sua análise no conceito de "metrópole" proposta por Ascher, ou Métapole, principalmente na ideia de uma metrópole que é abrangente territorialmente.
2. O segundo ponto está ligado com as duas linhas finais do ponto anterior. Com o avanço dos meios de comunicação, transportes e da constituição de redes informacionais no espaço, os limites da metrópole se tornaram dinâmicos e perderam a rigidez. Com isso, a metropolização do espaço tem condições de

abranger espaços de escala territorial mais expressivas, mas, ao mesmo tempo, com limites mais dinâmicos e difusos.

3. O terceiro ponto trata dos processos de fragmentação territorial e de segregação social, ao mesmo tempo em que há aspectos de homogeneização no espaço. Nesse ponto, a autora resgata um dos elementos da tríade proposta por Lefebvre: homogeneização, fragmentação e hierarquização. O espaço seria, então, caracterizado pela homogeneização. Esse ponto é perceptível pela perda de particularidades das metrópoles que cada vez se parecem mais. É uma tarefa crescentemente difícil distinguir as metrópoles que seguem um ritmo parecido e criam formas muito similares. Ao mesmo tempo, a metrópole é fragmentada territorialmente porque seus elementos sociais são segregados em pontos específicos que não precisam, necessariamente, estar distantes uns dos outros. Basta lembrar a célebre divisão entre Paraisópolis e o Morumbi, na cidade de São Paulo.
4. O quarto ponto é complementar ao terceiro. Com a constituição das novas redes, dos meios de transporte e comunicação, com a mudança, ou melhor, a completa metamorfose da metrópole em sua forma, função e estrutura, há também uma mudança na hierarquia urbana e na rede de relações entre as cidades. As funções de muitas delas mudaram com o capital financeiro e as facilidades das redes. Como dito antes, tanto a ligação local-global quanto a local-local foram facilitadas e transformaram a relação que as cidades têm umas com as outras nessa rede complexa e polinucleada.
5. As características da nova rede de relações entre as cidades explicam, em parte, as conurbações e as polinucleações. Se a metrópole não se restringe aos “intra-muros”, se ela é de vasta escala territorial, os serviços oferecidos por ela também são abrangidos territorialmente, gerando novas relações entre a “antiga” metrópole ou a cidade-polo e entre as localidades do “entorno”, contribuindo para as conurbações, mas também para o aumento da intensidade de fluxos, como os movimentos pendulares, citados no ponto 8.
6. Se os outros municípios da região passam a exercer novas funções na rede de relações e a constituir novos serviços, a população desses locais tende a crescer em detrimento ao crescimento relativo da “metrópole”.

7. Com a facilidade dos fluxos, que se tornam dinâmicos e difusos, abre-se a oportunidade às pequenas localidades para que exerçam funções específicas, muitas vezes se relacionando com os níveis nacional e global
8. A estrutura em rede e o fortalecimento dos municípios da região metropolitana, confere um aumento nas trocas pendulares.

Mas o que o futebol tem a ver com isso? Primeiramente, salientamos que essas transformações não explicam, por si só, as grandes mudanças ocorridas no futebol nacional nos últimos anos. O insucesso de inúmeros clubes também se explica até mesmo pela forma de administração, que enfraqueceram clubes gigantescos localizados em cidades importantes de nossa rede urbana. Clubes como o Cruzeiro, de Belo Horizonte e o Vasco, do Rio de Janeiro, passam por dificuldades há alguns anos. No Paraná, o chamado “terceiro” time da capital em termos de torcida, amarga uma quarta divisão nacional e uma segunda divisão do campeonato paranaense e está seriamente ameaçado de fechar as portas, enquanto clubes do interior aderem ao fenômeno dos chamados clubes empresa, caso do Azuriz, de Pato Branco-PR e do Aruko Sports, de Maringá-PR. No Nordeste do país, os clubes participam cada vez menos do campeonato nacional da primeira divisão, enquanto um clube do Mato Grosso, estado historicamente sem grande expressão no campeonato nacional, confirma, ano após ano, a participação no campeonato brasileiro com o patrocínio de gigantes ligados ao agronegócio.

As transformações do início do século, não apenas do ponto de vista do urbano, mas também sociais, culturais e econômicas afetam o futebol brasileiro.

Focaremos nas transformações modernas ou “pós-modernas” percebidas no futebol brasileiro no século XXI. A primeira diz respeito à distribuição das transmissões esportivas, o que está diretamente relacionado com a disseminação e a espacialização das redes informacionais e técnicas e a sustentação econômica dos clubes.

Em um primeiro momento, anteriormente à década de 1990, as transmissões dos campeonatos nacionais e estaduais no Brasil foram marcadas pela distribuição a poucas empresas televisivas, normalmente a Rede Globo. Na década de 1990, esse sistema foi “ampliado” para as TV’s por assinatura. Na prática, não significou grande mudança, uma vez que a Rede Globo, através de seu canal de TV por assinatura,

também teve certo domínio das transmissões esportivas em rede fechada, concorrendo, em certos momentos, com a ESPN e outras emissoras.

Entretanto, nos últimos anos, houve mudanças nas transmissões esportivas que, ainda que não sejam definitivas ou indiquem uma queda do tradicional modelo de transmissão por redes de televisão, mostram que algo de diferente está ocorrendo. As transmissões por Streaming ganham cada vez mais espaço, sobretudo na transmissão dos campeonatos estaduais. Nesse caso, também acrescentamos o aparente desinteresse da Rede Globo em transmitir essas competições, mesmo com campeonatos estaduais de renome, como o Paulista e o Carioca, transmitidos em 2022 pela Rede Record. O campeonato Paranaense e o Catarinense, por sua vez, foram transmitidos, em 2022, pela Nsports, uma plataforma de streaming, assim como o campeonato brasileiro da Série C, que atualmente é transmitido pela plataforma de streaming DAZN. Entretanto, outras competições tradicionais saíram do controle da Rede Globo nos últimos anos, como a Taça Libertadores da América e a Liga dos Campeões da Europa, que tiveram os direitos de transmissão comprados pelo SBT e transmitidos pela emissora paulista em 2020, 2021 e 2022 e por plataformas online, como o Facebook.

A Rede Globo, por sua vez, ainda tem a transmissão dos dois principais campeonatos nacionais: a Copa do Brasil e o Campeonato Brasileiro. Mesmo assim, essas mudanças indicam transformações no futebol como um todo, uma vez que, tradicionalmente, as principais rendas dos clubes estiveram ligadas aos direitos de transmissão pagos pelas redes de televisão. No caso dos estaduais, sobretudo os de menor expressão, esse valor apresentou queda considerável nos últimos anos, prejudicando o rendimento dos clubes do interior, mas, ao mesmo tempo, incentivando a busca de novos modelos de receita, principalmente através do marketing e da associação do clube local à cidade. A maior transformação, do ponto de vista urbano é o acesso à internet de velocidade em localidades interioranas, o que possibilita a compra de jogos por torcedores que não precisam ter uma antena ou uma conexão de tv à cabo. A popularização da internet e do computador pessoal, especialmente do computador de mão ou smartphone, possibilitou que o torcedor interiorano, mesmo nas cidades pequenas, pudesse comprar pacotes de campeonatos em que seu time do coração joga.

O futuro ainda promete mudanças ainda mais profundas, com o encerramento do contrato da Rede Globo com a CBF para a transmissão das duas principais

competições nacionais em 2024 e a possibilidade da chegada efetiva da tecnologia 5G no Brasil, o que aumentaria a velocidade de pacotes de dados em smartphones e outros aparelhos, facilitando o acesso do público a jogos e pacotes esportivos. No meio jurídico, a discussão da lei do mandante (Lei nº 14.205), aprovada em 2021, garantiu que os clubes mandantes de jogos tivessem o direito de negociar a transmissão das partidas com a rede de televisão ou de streaming de escolha.

Outra manifestação dos novos tempos é a complexificação da gestão dos clubes. Muito mais do que nos anos do 1990, os clubes brasileiros, endividados em sua maioria, recorreram a inúmeras estratégias para tentar sair da penúria financeira, principalmente após sucessivos fracassos esportivos. No momento, as SAF's e os clubes-empresa estão em alta no futebol brasileiro, sendo um exemplo da crescente financeirização do esporte. Clubes como o Botafogo de Futebol e Regatas e o Cruzeiro Esporte Clube tiveram os direitos do setor de futebol comprados após anos de desequilíbrios financeiros. Em escala nacional, o Cuiabá Esporte Clube e o RedBull Bragantino são os clubes-empresa de maior expressão. No Paraná, estado que tratamos neste estudo, os clubes-empresa se difundiram pelo interior, como citamos anteriormente. No interior do estado de São Paulo, clubes tracionais como o Paulista, de Jundiaí-SP e o São Caetano, de São Caetano do Sul também se tornaram clubes-empresa.

O Brasil entrou “tarde” nessa inovação, já que os principais campeonatos nacionais da Europa já tinham equipes-empresa desde o final da década de 1980. É o modo de gestão metropolitano, capitalista, hipermoderno chegando aos clubes grandes, médios e pequenos do Brasil. Com a pandemia de Covid-19, vários problemas financeiros foram escancarados e clubes tradicionais cada vez mais estudam medidas para salvar suas tradições e evitar a declaração da falência por meio das SAF's e dos clubes-empresa. Aliado a isso, cresce o programa de venda de “Fan Tokens”, por parte de alguns clubes brasileiros, como o Flamengo de Futebol e Regatas e o São Paulo Futebol Clube, Criptoativos que dão acesso a descontos e a inúmeras participações do torcedor às ações de seu clube.

Mais uma expressão hipermoderna entre os clubes é a necessidade exponencialmente crescente de investimentos em banco de dados próprios e em marketing. O clube, cada vez mais, precisa gerar conteúdo para poder vender. Nesse sentido é que vários clubes abriram canais de transmissão no Youtube, informando,

de forma direta ao torcedor, deixando de lado, em muitas ocasiões, a imprensa tradicional, muito mais crítica com relação ao dia a dia dos clubes.

Engana-se quem pensa que a coleta de dados dos clubes se resume às quatro linhas, com levantamentos de dados dos jogadores que abordem a taxa de acertos, erros, faltas cometidas, quilometragem percorrida, velocidade máxima em campo etc. Fora dos gramados, há uma crescente necessidade de coleta e armazenamento de dados acerca do público consumidor, ou seja, dos torcedores. Os clubes mais avançados correm contra o tempo para criar uma base de dados acerca dos torcedores consumidores, reunindo dados importantes como CPF, e-mail, nome, sobrenome, localização etc. As ferramentas avançadas de análise de dados já são uma realidade nos clubes brasileiros.

A gestão ultra-profissional dos clubes, se por um lado mostra o avanço do pensamento ultramoderno metropolitano para os inúmeros rincões do país, por outro lado também se torna um recurso estratégico para clubes do interior. A inovação e o profissionalismo têm permitido que clubes interioranos atraiam patrocínios e montem boas equipes, especialmente no interior de São Paulo, estado mais rico do país. O Mirassol Futebol Clube, equipe de Mirassol-SP, no interior de São Paulo, já surpreende, há alguns anos, as grandes equipes da capital paulista, participando de campeonatos nacionais de nível inferior, algo que não ocorre, por exemplo, com a muito maior São José do Rio Preto-SP, cidade vizinha e que carece de um time em competições nacionais e na primeira divisão do campeonato paulista. O Mirassol soube investir em organização, profissionalismo, marketing e atração de patrocínios, sendo um dos grandes clubes do interior de São Paulo na atualidade.

Essa inovação permite sonhar com dias mais prósperos para equipes do interior do Brasil, mas, sobretudo, dos estados do centro-sul. A continuidade desses clubes faz com que ressurja o sentimento de alegria e pertencimento e, por sua vez, de aversão aos grandes clubes que, no caso do estado do Paraná, dominam o Norte e o Oeste do estado, principalmente por uma questão histórica e cultural. É comum que haja bandeiras e faixas em jogos interioranos com a icônica frase “torça pelo time da sua cidade” ou “ódio ao futebol moderno”, demonstrando uma certa dose de resistência ao modo de torcer metropolitano. O local, aos poucos, vai oferecendo sua resistência, ao mesmo tempo em que se conecta ao global por meio das redes materiais e imateriais.

Ascher (1995), se referindo aos novos modos de produção industrial, defendia que nesse novo período, haveria uma melhora nos transportes e nas comunicações, mas que, muito além disso, também haveria uma melhora nos modos e nos locais de estocagem. Chamamos atenção para esse ponto sinalizando um tipo de armazenamento específico e que não estava presente nesse contexto da análise de Ascher, mas que também tem grande importância nas grandes cidades e no futebol: o armazenamento de dados. Nos últimos anos, houve uma completa revolução no modo como armazenamos os dados e na importância que eles representam, sobretudo para o marketing e para o comércio. Se até há 10 ou 15 anos, o armazenamento de dados era feito através de hardwares externos como os pen-drives, hoje boa parte dos dados são compartilhados em tempo real via internet. As empresas, as marcas, os diferentes sites pedem, a todo momento, dados pessoais como endereço, e-mail pessoal e número de documentos ou até mesmo dados acerca de suas predileções literárias, musicais, políticas etc. Tudo isso se transforma em um potencial de venda e, na esfera dos clubes de futebol, isso não é diferente, já que os torcedores são também consumidores.

Chamamos a atenção para uma mudança que ficou evidente após a Copa do Mundo de 2014, realizada no Brasil. Além das Arenas construídas ou reformadas especificamente para a copa, outras, sem ligação com o torneio, foram levantadas como o Allianz Parque, estádio de propriedade da S. E. Palmeiras, de São Paulo e a Arena do Grêmio, do Grêmio FBPA, de Porto Alegre. Essas arenas, com todo o seu conforto de cadeiras numeradas, camarotes, acesso à internet e controle da torcida, significaram duas mudanças importantes no futebol brasileiro: a primeira, é a mudança do perfil do torcedor. A segunda, seria o modo como esse torcedor apoia seu clube. Se antes os estádios dos principais clubes do país eram marcados pela arquibancada de concreto e pela famosa “geral”, hoje, com as arenas e suas cadeiras, o torcedor vai, pouco a pouco, se comportando como um espectador de “teatro”. O conforto gerado pelas novas arenas, significou o aumento do preço médio dos ingressos, afastando o torcedor popular e atraindo o torcedor de classe média. Esse torcedor canta e apoia seu clube do coração, mas também está totalmente conectado com a agremiação esportiva. Na moderna arena, ele consegue filmar e postar o gol do seu time em tempo real, comprar algo no bar do estádio através do celular com um QR code, participar na escolha da música que tocará no estádio, participar do show do intervalo no gramado concorrendo a prêmios, comprar fan tokens, assinar o programa

de sócio-torcedores e debater com os programas de rádio e televisão a situação do seu time através da interatividade jornalística, cada vez mais comum.

Como mencionou Ascher, com os espaços urbanos cada vez mais vastos, descontínuos e menos ligados à economia regional, os patrocínios dos clubes, mesmo do interior, cada vez mais são marcas nacionais e internacionais, que muitas vezes usam a popularidade do clube para lançarem alguma novidade ou crescer na bolsa de valores. Em alguns casos, os clubes locais são patrocinados por empresas que tem origem na cidade, mas que atuam nacionalmente e mesmo internacionalmente. Vejamos, como exemplo, apenas dois clubes do interior do Paraná que não estão em uma das quatro principais divisões do campeonato brasileiro em 2022 e que participaram do campeonato paranaense de 2022, ainda que vários possuam marcas locais estampadas em suas camisas, alguma delas tem expressão regional e nacional e internacional. Na camiseta do Maringá Futebol Clube, finalista do campeonato paranaense de 2022, estão estampadas empresas locais ou que buscam maior atuação local. Dentre estas, uma empresa de alimentos, fundada em Maringá e que possui as instalações industriais na mesma cidade, mas que também possui uma sede comercial em São Paulo. A empresa atua em praticamente todo o país e exporta produtos para mais de 100 países.

Na camiseta do Azuriz Futebol Clube, clube-empresa de Pato Branco-PR, a marca de uma empresa de eletrodomésticos fundada na cidade está estampada. A empresa atua em vários pontos do país e em mais de 20 países e, assim como a marca que o patrocina o Maringá F. C., também possui a matriz comercial em São Paulo. Como podemos notar, os pontos de decisão e comando ainda são centrados na grande metrópole.

A financeirização do futebol também é uma das marcas desses novos tempos. E não estamos aqui falando dos clubes-empresa ou das SAF's, já mencionados anteriormente, mas sim da constituição de redes de clubes geridos por uma empresa ou por um grupo. Dois exemplos marcam esse esse processo: o City Group e as equipes ligadas à empresa RedBull. O City Group conta com equipes em vários países do mundo, sendo as equipes: Manchester City (Inglaterra), New York City (Estados Unidos), Melbourne City (Austrália), Yokohama F. Marinos (Japão), Montevideo City Torque (Uruguai), Girona FC (Itália) Sichuan Jiuniu(China), Mumbai City FC (Índia), Lommel SK(Bélgica), Esperance Sportive Troyes Aube Champagne (França) e Club Bolívar (Bolívia), este último como clube parceiro. A rede de clubes RedBull, por sua

vez, conta com os clubes: RB Bragantino (Brasil), RB Leipzig (Alemanha), RB Salzburg (Áustria) e New York RB (Estados Unidos). Esses grupos constituem verdadeiras redes esportivas que facilitam a compra e venda de jogadores, além de facilitar a exposição de uma marca (no caso da rede RedBull) sem ter que pagar pelo patrocínio de camisa. Ou seja, ao invés de investir na exposição de uma marca em uma camisa de futebol, a empresa decidiu mergulhar de cabeça nos esportes e ter sua própria equipe.

No caso das torcidas, especialmente no estado do Paraná, é evidente que há uma contribuição marcante da colonização e dos elementos humanos que se deslocaram para as diferentes regiões do Paraná no século XX. Entretanto, nos perguntamos se esse processo de metropolização não acentuará algumas características dos torcedores paranaenses ou até mesmo gerará outras transformações. Por um lado, como mostramos anteriormente, as pesquisas e outros meios de espacialização territorial de torcidas, como as redes sociais e o Google, indicam para um crescimento das torcidas de equipes do estado de São Paulo no Paraná, mesmo em áreas historicamente ligadas a outros estados, como o oeste do Paraná, historicamente simbolizado pelas torcidas gaúchas. As cidades de porte médio, muito ligadas à grande metrópole nacional, seja economicamente, territorialmente ou até mesmo através dos meios de comunicação, parecem apresentar maior cosmopolitismo no quesito torcidas de futebol. Se o norte do estado historicamente teve fortes relações com São Paulo, o oeste, sobretudo em cidades como Cascavel e Foz do Iguaçu, apresentam uma forte torcida de clubes paulistas, pra não dizer do Flamengo, maior torcida do país. Mesmo em Curitiba, a torcidas de clubes como o Corinthians são expressivas, rivalizando com a histórica dupla Athletico e Coritiba e com o Paraná Clube, ainda que este passe por um processo de desmantelamento.

Entretanto, ao mesmo tempo que esse processo de “metropolização” das torcidas segue seu curso, também se nota a emergência da resistência interiorana, abordada anteriormente. Uma vez que os clubes do interior, sobretudo das cidades de porte médio, encontram novas formas de sobrevivência, seja através do marketing especializado, seja através da transformação em clubes-empresa, ou com a ajuda de uma grande empresa de atuação nacional e internacional, as torcidas vestem a camisa da cidade natal e geram sentimentos de aversão aos clubes da capital curitibana, da capital paulista e mesmo da capital gaúcha. Como dissemos

anteriormente, é comum notar as frases nos estádios interioranos: “torça para o time da sua cidade”. Em Maringá, uma faixa frequentemente é pendurada no alambrado com a seguinte frase “jogo do Maringá, camisa do Maringá”. Em Cascavel, o clube local ofereceu descontos para os torcedores que fossem ao estádio com a camiseta do clube no campeonato paranaense de 2022. Também há de se ressaltar a presença dos chamados “mistos” nas arquibancadas dos estádios do interior do Paraná e também da capital, ainda que em menor número. Os mistos são torcedores que torcem pelo time local e por um time de expressão nacional e, nos últimos anos, vem despertando o interesse do mercado, uma vez que, teoricamente esse torcedor representaria um lucro maior pela maior possibilidade de consumo. Como os clubes locais dificilmente jogam contra clubes de expressão nacional, essa posição de torcedor de duas equipes se torna confortável para o indivíduo, que pode sentir a emoção de estar no estádio de futebol, apoiando o clube local, sem ter que abandonar o clube do coração, geralmente localizado em uma capital ou grande metrópole.

A metropolização, como processo que engloba não apenas o urbano, mas a vida econômica, social e cultural, se mostra como um dos fatores de transformação do futebol, não apenas intramuros da metrópole, mas também mostrando suas garras nos clubes interioranos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pudemos compreender que os esportes, de forma geral, têm grande importância para as ciências humanas, embora não haja uma extensa produção acerca do tema na Geografia. Menor ainda é a produção acadêmica desta área no Brasil, ainda que nos últimos anos a produção tenha crescido, como reflexo dos grandes eventos esportivos sediados no país, como a Copa do Mundo de futebol de 2014 e os Jogos Olímpicos de 2016.

Também vimos que a constituição do futebol no Brasil teve diversas particularidades quando comparados com os principais centros futebolísticos da Europa e da América do Sul. Um país com dimensões continentais e fracamente integrado territorialmente contribuiu para que o esporte se desenvolvesse com particularidades inúmeras em suas diversas regiões. Também pudemos compreender como a integração territorial do país, com a paulatina constituição das redes técnicas, possibilitou uma nova roupagem ao futebol nacional, com campeonatos verdadeiramente nacionais, abarcando equipes das 5 regiões do país e mesmo de localidades interioranas.

O desenvolvimento industrial, ainda que tardio, quando comparado com o estado paulista, possibilitou a integração territorial e a constituição de um campeonato estadual genuinamente paranaense, com representantes de todas as regiões do estado.

Com a modernização do país e da infraestrutura técnica do território nacional, especialmente nas décadas de 1980 e 1990, pudemos perceber como o futebol profissional de alto nível foi se tornando um esporte para poucos clubes e para poucas localidades, sobretudo no âmbito do campeonato brasileiro de futebol, cada vez mais concentrado no centro sul e, mais especificamente, no Sudeste.

No estado do Paraná, assim como em outras unidades da federação, parte das pequenas cidades perderam seus representantes no campeonato estadual, fruto de inúmeras transformações no território estadual, como a modernização agrícola e o consequente esvaziamento populacional dos pequenos municípios do interior, mas também de transformações ocorridas no futebol, com uma visão mais comercial, muito apoiada nas cotas de TV aberta e fechada, dos patrocínios e do público nos estádios.

Na virada do século, a urbanização brasileira sentiu os efeitos de um processo de metropolização que, muito mais do que concentrar pessoas, serviços e pontos de

comando em localidades centrais de nosso território, também acentuou os fluxos de bens, mercadorias, ideias, informações etc, eliminando processos de intermediação de cidades posicionadas no escalão superior da hierarquia urbana nacional. A crescente financeirização foi sentida tanto no território como no futebol. A copa de 2014 foi um marco nesse sentido, porque mostrou como o futebol moderno havia, de fato, chegado ao Brasil, através das modernas arenas. Posteriormente, o que se viu foi um crescimento de tudo o que acompanha esse movimento, como programas de sócio-torcedores, o aumento da média do preço dos ingressos, a progressiva exclusão das torcidas populares das arquibancadas, processo esse mais antigo e que tem como símbolo a extinção da “geral” em estádios como o Maracanã, a proibição de artefatos de torcidas, como sinalizadores e bandeiras, as transmissões de campeonatos via serviços de *streaming*, a crescente importância do marketing e dos instrumentos de venda de produtos dos clubes, o aumento do número de clubes-empresa e de Sociedades Anônimas do Futebol e o aparente desinteresse dos clubes e de parte da mídia nos tradicionais campeonatos estaduais, pouco rentáveis quando comparados com os grandes campeonatos nacionais e internacionais que colocam frente à frente equipes das grandes cidades. O embate aqui parece ser também entre modernização e tradicionalismo, sendo os estaduais uma marca do segundo.

Ao mesmo tempo que esse processo aglutinou o futebol profissional de alto nível em poucas cidades de nossa rede urbana, há também o movimento inverso, com os clubes locais se transformando em clubes-empresa e apostando no marketing e no patrocínio de empresas locais, mas com atuação nacional e internacional. A resistência dos clubes interioranos está estampada nas torcidas que proferem gritos contra os times da capital e hostilizam àqueles que vão estádio com camiseta dos grandes clubes nacionais. Até mesmo os clubes parecem investir nesse discurso, conferindo desconto aos torcedores que vão aos estádios com a camiseta do clube e investindo no marketing local, associando o clube à cidade e aos seus moradores.

O aparente enfraquecimento do rádio, que depois se mostrou mais forte do que nunca com sua transformação em “rádio-tv” através da internet, com a transmissão da narração dos jogos (e não da imagem dos jogos) em tempo real para que os antes “ouvintes”, agora “telespectadores”, ou ainda melhor, “internautas”, pudessem acompanhar a expressão dos narradores, comentaristas e outros profissionais durante o jogo, também marcam esse novo período do futebol.

No território, especialmente no estado do Paraná, a indagação que fica é se teremos grandes transformações, seja com relação à territorialização das torcidas no interior do estado, seja com relação à distribuição espacial dos participantes do campeonato estadual. Ou ainda, a indagação pode ir além e discutir sobre um possível fim dos estaduais. O campeonato paranaense de futebol vem apresentando uma perda de interesse por parte das grandes equipes da capital, sobretudo o Atlético Paranaense e das redes de televisão, como a Rede Globo (RPC no Paraná) e o SBT (Rede Massa no Paraná), que desistiram de transmitir um campeonato que não oferece retorno de grandes audiências. Acerca das primeiras indagações, o crescimento do clube rubro-negro da capital, coloca em questão se, finalmente, um clube curitibano conquistará seu território entre as torcidas do interior. O aparente enfraquecimento do futebol gaúcho no começo desta década e o excelente momento de clubes de São Paulo, como a S. E. Palmeiras e do carioca Clube de Regatas do Flamengo, colocam em questão a preponderância dos clubes do Rio Grande do Sul no sudoeste e em parte do oeste do estado do Paraná. Não apenas isso, mas a crescente ligação entre essa região e a grande metrópole paulista, também nos sugere inúmeras indagações futuras.

Por mais que cheguemos a uma resposta concreta acerca das indagações anteriores, talvez devêssemos nos perguntar se as torcidas de futebol são assim tão importantes economicamente para os clubes. Relembrando Bruno Maia (2020) e sua afirmação de que nenhum clube no Brasil possui 1 milhão fãs, nos perguntamos até que ponto ter quase 40 milhões de torcedores afirmando que torcem para um clube é, de fato, importante. Com o modelo de transmissão de jogos atual, onde a TV paga o clube de acordo com o potencial de audiência, isso é relevante. Mas e no futuro?

Há indícios de que a discussão acerca das torcidas vai deixando de ser horizontal para se tornar vertical. O clube que, muito mais que torcedores, encontrar o maior número de fãs, ou seja, aqueles que consomem os produtos do clube, assinam o programa de sócio-torcedores, vão ao estádio ou compram os pacotes de transmissões, estará na frente nos aspectos que se tornaram importantes no futebol moderno, como dinheiro em caixa, preço de patrocínio na camisa, transmissões etc. Essa visão, de forma alguma, faz com que a territorialização das torcidas deixe de ser importante. Será preciso, cada vez mais, ter dados acerca dessa torcida e a localização será uma das informações importantes.

Essa parece ser a esperança e clubes grandes e pequenos, que apostam cada vez mais no torcedor ativo, no consumidor, no fã. Aquele que, como um religioso praticante, comparece ao templo aos domingos carregado de simbolismo, trajes adequados e hinos na ponta da língua. Que estenderá as mãos aos céus e cantará com força durante o ato sagrado e mais do que isso, deixará uma contribuição mensal.

O futebol, como esporte de massa, não está “descolado” dos movimentos da sociedade e, portanto, deve ser estudado considerando sua inserção no contexto social e, mais ainda, em sua dimensão geográfica, daí a importância de se estudar o histórico futebolístico de uma região, de um estado, antes de tomar decisões ou fazer apontamentos acerca do esporte local. E quando tratamos deste histórico, devemos nos referir aos acontecimentos dentro e fora de campo, pois a manobras políticas, os aspectos sociais, econômicos e culturais São de grande valia no futebol, ainda mais em um país que se autointitula como o “país o futebol”, mas que, infelizmente, não o pensa, não o questiona, não o estuda como deveria, apenas “se joga”.

REFERÊNCIAS

- ADAMS, W. P. Geography and orienteering. **Journal of Geography**, s/cidade. v. 71, n. 8, p. 473-480, 1972.
- ANDREWS, Gavin J. Extending the field of play: Revealing the dynamics between sports, health and place. **Social Science & Medicine**, s/ cidade, v. 168, p. 1-6, 2016.
- ANDREWS, Gavin J. From post-game to play-by-play: animating sports movement-space. **Progress in human geography**, s/ cidade, v. 41, n. 6, p. 766-794, 2017.
- ARRUDA, Marcelo Leme de. **As Maiores Torcidas do Brasil**. RSSSF Brasil, 25 set. 2021. Disponível em: <https://rssfbrasil.com/miscellaneous/torcidas.htm>> Acesso em: 34 mar. 2022.
- ARAÚJO, Carlos Bindé. **Futebol em Cascavel: um fracasso bem sucedido**. Sem editora: Cascavel, 2001.
- ASCHER, François. **Métapolis: ou l'avenir dès villes**. Paris: Odile Jacob, 1995.
- AUGUSTIN, Jean-Pierre. **Espaces urbains et pratiques sociales**. Bordeaux: Presses Universitaires de Bordeaux, 1986.
- AUGUSTIN, Jean-Pierre. La Percée du football en terre de rugby: l'exemple du sud-ouest français et de l'agglomération bordelaise. **Vingtième Siècle Revue d'histoire**, s/ cidade, n.26 p. 97-109, abr./jun. 1990.
- AUGUSTIN, Jean-Pierre. Les territoires émergents du sport. **Quaderni**, s/ cidade, v. 34, n. 1, p. 129-140, 1997.
- AUGUSTO, Maria Helena Olliva. **Formulação do projeto de desenvolvimento paranaense. Intervencionismo estatal e ideologia desenvolvimentista**. São Paulo: Símbolo. 1978.
- BADENHORST, Cecile Marie. **The geography of sport as a cultural process: a case study of lacrosse**. Tese (Doutorado em Geografia). University of British Columbia. Vancouver, p.205. 1988.
- BAKER, Joseph. SHUISKIY, Kasania. SCHORER, Jörg. Does size of one's community affect likelihood of being drafted into the NHL? Analysis of 25 years of data. **Journal of sports sciences**, s/ cidade, v. 32, n. 16, p. 1570-1575, 2014.
- BALE, John. Geography, sport and geographical education. **Geography**, s/ cidade, v.66, n.2, p. 104-115, 1981.
- BALE, John. **Sports geography**. London: E & FN Spon, 1989.
- BALE, John. **Sports geography**. London: Routledge, 2003.

BERTONCELLO, Marcos. FERREIRA, Wendell. **Rumo a Cascavel pela 11ª vez na história: lembre todos os jogos do Inter na cidade paranaense**. GZH Colorado, 14 fev. 2017. Disponível em [:https://gauchazh.clicrbs.com.br/esportes/inter/noticia/2017/02/rumo-a-cascavel-pela-11-vez-na-historia-relembre-todos-os-jogos-do-inter-na-cidade-paranaense-9721451.html](https://gauchazh.clicrbs.com.br/esportes/inter/noticia/2017/02/rumo-a-cascavel-pela-11-vez-na-historia-relembre-todos-os-jogos-do-inter-na-cidade-paranaense-9721451.html) Acesso em 04 abr. 2022

BOURDEAU, Philippe. L'escalade en France: des équipements sportifs à l'espace de pratique. **Mappe Monde**, Paris, n.2, p.14-15, 1989.

BRAGAGNOLLO Rubens, MACIEL Clori Fernandes, SILVA Oscar. **Toledo e sua história**. Toledo: Prefeitura Municipal de Toledo, 1988.

BRANNAGAN, Paul Michael. GIULIANOTTI, Richard. Soft power and soft disempowerment: Qatar, global sport and football's 2022 World Cup finals. **Leisure studies**, s/ cidade v, 34, n. 6, p. 703-719, 2015.

BRASIL. Lei no. 14.205, de 17 de setembro de 2021. Lei do Mandante. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil. Brasília, DF, vol. 178, 17 set., 2021. Seção 1, pt.1.

BRASIL. Lei no. 3.199 de 14 de Abril de 1941. Estabelece as bases de organização dos desportos em todo o país. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil. Rio de Janeiro, DF, 14 abr., 1941. Seção 1, pt. 000.

BUENO, Rodrigo. Pesquisa iguala as maiores torcidas. **Folha de São Paulo**, 27 abr. 2010. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/esporte/fk2704201002.htm>. Acesso em 24 mar. 2022

BURLEY, Terence M. A note on the geography of sport. **The professional geographer**, Philadelphia, v. 14, n. 1, p. 55-56, 1962.

CAMPOMAR, Andreas. **¡Golazo!: A History of Latin American Football**. London: Hachette UK, 2014.

CASTRO, Demian Garcia. **O Maraca é nosso!": da "monumentalidade das massas" ao "padrão-FIFA -neoliberalização da cidade, elitização do futebol e lutas sociais em torno do Maracanã**. Tese (Doutorado em Geografia). Centro de Tecnologia e Ciências- Instituto de Geografia. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 259f. 2016.

CHRESTENZEN, Levi Mulford.; MACHADO, Heriberto Ivan. **Futebol Paraná História**. Curitiba: Dígitus, 1990.

COLLINS, Tony. **How football began: a global history of how the world's football codes were born**. London: Routledge, 2019.

DE ALMEIDA, Marco Bettine. **Os caminhos da bola pelas estradas de São Paulo**. São Paulo : Escola de Artes, Ciências e Humanidades, 2017

DRULA, Andréia Juliane. **O processo de transformação de um estádio para arena: caso Arena da Baixada**. Dissertação. (Mestrado em Educação Física). Setor de Ciências Biológicas, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 130f. 2015.

DE JESUS, Gilmar Mascarenhas. A geografia e os esportes: uma pequena agenda e amplos horizontes. **Conexões**, Campinas, v. 1, n. 2, p. 46-46, 1999a.

DE OLIVEIRA, Dennison. **Urbanização e industrialização no Paraná**. Curitiba: SAMP, 2017.

ELLIOTT, Richard; HARRIS, John (Ed.). **Football and migration: perspectives, places, players**. London: Routledge, 2014.

FARAH, L. et al. Population density and proximity to junior developmental teams affect the development of National Hockey League draftees. **Scandinavian journal of medicine & science in sports**, s/ cidade, v. 28, n. 11, p. 2427-2435, 2018.

FAVERO, Paulo Miranda. **Os donos do campo e os donos da bola: alguns aspectos da globalização do futebol**. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) –Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 117f. 2009.

FOOT, John. **Calcio: A history of Italian football**. London: HarperPerennial, 2007.

GALLEGO CAMPOS, Fernando Rossetto. Geografia do futebol das cidades médias brasileiras: relações entre sucesso esportivo e características urbanas. **Terra Plural**. Dossiê Cidades Médias de Hoje e do Futuro volume II e demais contribuições. Ponta Grossa, v. 14, p.1-21, 2020.

GASPAR, Jorge et al. Transformações recentes na geografia do futebol em Portugal. **Finisterra**, Lisboa, v. 17, n. 34, p.301-324, 1982.

GIL, Ana Maria Luque. Sport as a subject of geographic study and research. **Boletín de la Asociación de Geógrafos Españoles**, n. 59, p.401-406, 2012.

GOLDBLATT, David. **The ball is round: a global history of football**. London: Penguin UK, 2007.

GONÇALVES, Emerson. A Pesquisa Ipsos Marplan sobre as torcidas brasileiras- parte I. **Globoesporte**, 18 Out. 2021. Olhar Crônico Esportivo. Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/platb/olharcronicoesportivo/2012/10/18/a-pesquisa-ipsos-marplan-sobre-as-torcidas-brasileiras-parte-i/> Acesso em 30 Mai. 2021.

GONÇALVES, Emerson. A Pesquisa Ipsos Marplan sobre as torcidas brasileiras- parte I. **Globoesporte**, 20 Out. 2021. Olhar Crônico Esportivo. Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/platb/olharcronicoesportivo/2012/10/20/a-pesquisa-ipsos-marplan-sobre-as-torcidas-brasileiras-parte-ii-explicando-o-ja-explicado/> Acesso em 30 Mai. 2021.

GONÇALVES, Emerson. A Pesquisa Ipsos Marplan sobre as torcidas brasileiras- parte I. **Globoesporte**, 22 Out. 2021. Olhar Crônico Esportivo. Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/platb/olharcronicoesportivo/2012/10/22/apesquisa-ipsos-marplan-sobre-as-torcidas-brasileiras-parte-iii/> Acesso em 30 Mai. 2021.

GIULIANOTTI, Richard. KLAUSER, Francisco. Sport mega-events and 'terrorism': A critical analysis. **International review for the Sociology of Sport**, London, v. 47, n. 3, p. 307-323, 2012.

GREGORY, Valdir. **Os eurobrasileiros e o espaço colonial: migrações no oeste do Paraná (1930-1970)**. Cascavel: Edunioeste, 2008.

HARE, Geoff. **Football in France: A cultural history**. Global Sport Cultures. Oxford: Berg, 2003.

HARRIS, John. Cool Cymru, rugby union and an imagined community. **International Journal of Sociology and Social Policy**, s/ cidade, v. 27, n. 3-4, p. 151-162, 2007.

HARRIS, John. WISE, Nicholas. Geographies of scale in international rugby union. **Geographical Research**, s/ cidade, v. 49, n. 4, p. 375-383, 2011.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. VIII **Recenseamento Geral do Brasil**. Rio de Janeiro: IBGE, 1970

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA . VII **Recenseamento Geral do Brasil**. Rio de Janeiro: IBGE, 1960

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA **Recenseamento Geral do Brasil de 1940**. Rio de Janeiro: IBGE, 1950

KAYSER, Bernard. L'espace non-métropolisé du territoire français. **Revue géographique des Pyrénées et du Sud-Ouest**, s/ cidade, Tomo 40, Fascículo 4, p. 371-378, 1969.

KATANA, John J. The use and impact of sports in teaching geography. **Pennsylvania Geographer**, s/ cidade, n.24, p. 18-26, 1986.

KOCH, Natalie. Introduction: Critical geographies of sport in global perspective. In: **Critical geographies of sport**. London: Routledge, 2016. p. 17-28.

KOCH, Natalie. Sport and soft authoritarian nation-building. **Political geography**, s/ cidade, v. 32, p. 42-51, 2013.

KOCH, Natalie. Sports and the city. **Geography Compass**, s/ cidade, v. 12, n. 3, p.1-14, 2018.

KOCH, Natalie. The Geopolitics of Gulf Sport Sponsorship. **Sport, Ethics and Philosophy**, v. 14, n. 3, p. 355-376, 2020.

KROETZ, Lando Rogério. **As estradas de ferro do Paraná**. Tese. (Doutorado em História). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo. P.201. 1985.

KUNHAVALIK, José Pedro. Ney Braga: trajetória política e bases do poder. In OLIVEIRA, Ricardo Costa. **A Construção do Paraná Moderno: políticos e política no governo do Paraná de 1930 a 1980**. Curitiba: SETI, 2004, p.231-419.

LANGTON, John.; MORRIS, Robert John. **Atlas of industrializing Britain, 1780-1914**. London: Routledge, 1986.

LENCIONI, Sandra. **Metrópole, metropolização e regionalização**. Rio de Janeiro: Consequência Editora, 2017.

LIMA, Reginaldo.; VIEIRA, Ortílio C. **A História do Futebol Profissional de Maringá**. Maringá: PNS, 2005.

MAGALHÃES FILHO, Francisco de Borja Baptista de. **Da construção ao desmanche. Análise do projeto de desenvolvimento paranaense**. Curitiba: Editora UFPR, 2006.

MAIA, Bruno. **Inovação é o novo marketing: insights de negócios para o futebol pós-covid-19**. Rio de Janeiro: 14 Agência de Conteúdo Estratégico, 2020.

MASCARENHAS, Gilmar. **Entradas e bandeiras: a conquista do Brasil pelo futebol**. Rio de Janeiro: Eduerj, 2014.

MASCARENHAS, Gilmar. **A bola nas redes e o enredo do lugar: uma geografia do futebol e de seu advento no Rio Grande do Sul**. Tese (Doutorado em Geografia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Universidade de São Paulo, p.276. 2001.

MASCARENHAS, Gilmar. A Dimensão espacial dos esportes. Quarto Congresso de História do Esporte na Europa. **Biblio3W Revista Bibliográfica de Geografía y Ciencias Sociales**, Barcelona, v. 5, n.208, 2000.

MASCARENHAS, Gilmar. A Geografia dos Esportes: uma introdução. **Scripta Nova: revista electrónica de geografía y ciencias sociales**, Barcelona, v.3, n.32-54, 1999.

MCMANUS, Phil. GRAHAM, Raewyn. Horse racing and gambling: Comparing attitudes and preferences of racetrack patrons and residents of Sydney, Australia. **Leisure Studies**, s/ cidade, v. 33, n. 4, p. 400-417, 2014.

MCMANUS, Phil; ALBRECHT, Glenn; GRAHAM, Raewyn. **The global horseracing industry: Social, economic, environmental and ethical perspectives**. London: Routledge, 2012.

MEZZADRI, Fernando Marinho. **A estrutura esportiva no Estado do Paraná: da formação dos clubes as atuais políticas governamentais**. Tese. (Doutorado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas, Campinas. p.179, 2000.

MINISTERIO DA AGRICULTURA, INDUSTRIA E COMMERCIO. Recenseamento de 1920. Rio de Janeiro: Ministério da Agricultura, Industria e Commercio, Directoria Geral de Estatística, 1927.

MITCHELSON, Ronald L. ALDERMAN, Derek H. Mapping NASCAR valley: Charlotte as a knowledge community. **southeastern geographer**, s/ cidade v. 51, n. 1, p. 31-48, 2011.

MOREIRA, Ruy. Da região à rede e ao lugar: a nova realidade e o novo olhar geográfico sobre o mundo. **Etc, Espaço, Tempo e Crítica**. Niterói, v.1, n.1, v.3, p.55-70, 2007

MURRAY, Bill. **Uma história do futebol**. São Paulo: Hedra, 2000.

MUSSALAN, René. **Norte pioneiro do Paraná –formação e crescimento através dos censos**. Dissertação (Mestrado em História) –Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Paraná. Curitiba. 162p. 1974.

NORMAN, Mark. ANDREWS, Gavin J. The folding of sport space into carceral space: On the making of prisoners' experiences and lives. **The Canadian Geographer/Le Géographe canadien**, s/ cidade, v. 63, n. 3, p. 453-465, 2019.

OLIVEIRA, Rodrigo S. APAF (Associação Platinense de Amadores de Futebol)- Santo Antônio da Platina (PR): Fundado em 1937. História do Futebol, 5 jan. 2021. Disponível em: <https://historiadofutebol.com/blog/?p=123206> Acesso em 31 mai 2021.

PADIS, Pedro Calil. **Formação de uma economia periférica: o caso do Paraná**. São Paulo: Hucitec; São Paulo, 1981.

PESQUISA LANCE!- **Ibope**: Confira os destaques de Paraná, Bahia, Ceará e Pernambuco. Lance! Disponível em: <https://www.lance.com.br/todos-esportes/pesquisa-lance-ibope-confira-destaques-parana-bahia-ceara-pernambuco.html>> Acesso em 30 Mai 2021.

PIFFER, Moacir. **A dinâmica do Oeste paranaense: sua inserção na economia nacional**. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Econômico) Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Econômico da Universidade Federal do Paraná. Curitiba, p.167. 1997.

PILLSBURY, R. Carolina thunder: A geography of southern stock car racing. **Journal of Geography**, s/ cidade, v. 73, n. 1, p. 39-47, 1974.

PLACAR, São Paulo: Abril, n. 682. Junho de 1983

PLACAR, São Paulo: Outubro, n. 1088. 1993

PLACAR, São Paulo: Novembro, n. 1250. 2002

RANKING das torcidas: Fla se mantém no topo, e Corinthians segue na cola. **Globoesporte**, 27 ago. 2014. Futebol. Disponível em <<http://globoesporte.globo.com/futebol/noticia/2014/08/pesquisa-fla-tem-maior-torcida-mas-corinthians-encurta-distancia.html> . Acesso em 30 mai 2021.

RAVENEL, Loïc. **Le football de haut niveau en France: espaces et territoires**. Tese (Doctorat en Structures et Dynamiques Spatiales) Université D'avignon et des Pays de Vaucluse. Avignon, p.129.1997.

REBELO, Vanderlei. **Ney Braga: política e modernidade**. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial; 2007.

RIBEIRO JUNIOR, José Cação. **Futebol Ponta-Grossense: Recortes da História**. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2004.

RIPPEL, Ricardo. **Migração e desenvolvimento econômico no Oeste do Estado do Paraná: uma análise de 1950 a 2000**. Tese (Doutorado em Demografia) Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas. Campinas, p.250. 2005

ROONEY, J.F.Jr. Up from the mines and out from the prairies: Some geographical implications of football in the United States. **Geographical Review**, s/ cidade, v.59, n. 4, p. 471-492, 1969.

ROONEY, John F. **A geography of American sport: from Cabin Creek to Anaheim**. Boston: Addison-Wesley Publishing Company, 1974.

ROSSO, Edoardo. The spatial organisation of women's soccer in Adelaide: Another tale of spatial inequality? **Geographical Research**, s/ cidade, v. 46, n. 4, p. 446-458, 2008.

ROSSO, Edoardo. From informal recreation to a geography of achievement: women's soccer in South Australia. **Geographical Research**, s/ cidade, v. 48, n. 2, p. 181-196, 2010.

SANTOS, Irlan Simões. **Novas culturas torcedoras: das arenas do futebol-negócio à resistência nas arquibancadas e redes**. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Centro de Educação e Humanidades-Faculdade de Comunicação Social. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 246 f. 2017.

SANTOS, Marlene Xavier. **BR-277-A Vivificação da Fronteira**. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, p.218. 1995.

SANTOS, Milton. O papel ativo da Geografia. Um manifesto. **Revista Tamoios**, Rio de Janeiro, v.2, n. 1, 2006.

SANTIAGO JR, José Renato Sátiro. **Os arquivos dos campeonatos brasileiros**. Panda Books; São Paulo, 2006.

SOUZA, Wesley Ferreira de. **A geografia do futebol brasileiro: esporte e relações político-econômicas**. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Geografia). Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 114f. 2017.

TERVO, Mervi. Nationalism, sports and gender in Finnish sports journalism in the early twentieth century. **Gender, Place and Culture: A Journal of Feminist Geography**, s/cidade, v. 8, n. 4, p. 357-373, 2001.

TERVO, Mervi. Sports, 'race' and the Finnish national identity in Helsingin Sanomat in the early twentieth century. **Nations and Nationalism**, s/ cidade, v. 8, n. 3, p. 335-356, 2002.

TERVO, Mervi. Sports, doping and national identity: views on the Finnish doping scandal of 2001. *Geographies in the Making: Reflections on Sports, the Media, and National Identity in Finland*, Oulu: **Nordia Geographical Publications**, s/ cidade, v.4, p. 1-20, 2003.

THÉRY, Hervé. Futebol e hierarquias urbanas no Brasil. **Mercator-Revista de Geografia da UFC**, Fortaleza, v. 5, n. 9, p. 7-16, 2009.

THORPE, Holly. MARFELL, Amy. Feminism and the physical cultural studies assemblage: revisiting debates and imagining new directions. **Leisure Sciences**, s/ cidade, v. 41, n. 1-2, p. 17-35, 2019.

THORPE, Holly. et al. Muslim women's sporting spatialities: navigating culture, religion and moving bodies in Aotearoa New Zealand. **Gender, Place & Culture**, s/ cidade, p. 1-39, 2020.

THORPE, Holly. Informal sports for youth recovery: grassroots strategies in conflict and disaster geographies. **Journal of Youth Studies**, s/ cidade, p. 1-23, 2020.

THORPE, Holly. Natural disaster arrhythmia and action sports: The case of the Christchurch earthquake. **International review for the sociology of sport**, s/ cidade, v. 50, n. 3, p. 301-325, 2015.

TIAN, Enqing. A prospect for the geographical research of sport in the age of Big Data. **Sport in Society**, s/ cidade, v. 23, n. 1, p. 159-169, 2020.

TOMAZI, Nelson Dacio. **'Norte do Paraná': História e Fantasmagorias**. Tese. (Doutorado em História) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Paraná. Curitiba, p.342.1997

TRINDADE, Etelvina Maria de Castro; ANDREAZZA, Maria Luiza. **Cultura e educação no Paraná**. Curitiba: SAMP, 2017

VACZI, Mariann; BAIRNER, Alan. (Ed.). **Sport and Secessionism**. London: Routledge, 2020.

VACZI, Mariann; BAIRNER, Alan.; WHIGHAM, Stuart. Where extremes meet: Sport, nationalism, and secessionism in Catalonia and Scotland. **Nations and Nationalism**, s/ cidade, v. 26, n. 4, p. 943-959, 2020a.

VEJA a evolução da dimensão das maiores torcidas do Brasil entre 1998 e 2020. **Lance!**, 18 mai. 2020. Disponível em: <https://www.lance.com.br/galerias/veja-a-evolucao-do-dimensao-das-maiores-torcidas-do-brasil-entre-1998-e-2020/#foto=1>
Acesso em: 30 Mai 2021.

WACHOWICZ, Ruy Christovam. **Norte velho, norte pioneiro**. Curitiba: Gráfica Vicentina, 1987.

WAGNER, Philip L. Sport: culture and geography. **Lund Studies in Geography, Series B**, s/ cidade, n. 48, p. 85-108, 1981.

WISE, Nicholas.; KIRBY, Seth. I. A 'home away from home': the (London) Jaguars and the NFL's established international presence—a semi-deterritorialization approach. **Sport in Society**, s/ cidade, v. 23, n. 1, p. 72-87, 2020.

WISE, Nicholas. In the shadow of mega-events: The value of ethnography in sports geography. In: **Critical geographies of sport: Space, power and sport in global perspective**, s/ cidade, Taylor and Francis, 2016. p. 220-234

WISE, Nicholas. Staging and performing identity at the Croke Park classic: A note on sport, geography and neoliberalism. **European Journal of Geography**, s/ cidade, v. 7, n. 4, p. 34-40, 2016a.

WISE, Nicholas.; KOHE, Geoffery. Z. Sports geography: New approaches, perspectives and directions **Sport in Society**, s/ cidade, v.23, n.1, p.1-10, 2020.

ZIRPOLI, Cassio. **Pesquisa da Pluri aponta 6 clubes do Nordeste com torcidas acima de 1 milhão**. Cassio Zirpoli. Disponível em: <https://cassiozirpoli.com.br/pesquisa-da-pluri-aponta-6-clubes-do-nordeste-com-torcidas-acima-de-1-milhao/> > Acesso em 3 mai. 2021.

APÊNDICES

APÊNDICE A- ENTREVISTAS

Ao Sr. **Ovanir dos Anjos**

Como forma de contribuição à dissertação de mestrado intitulada “GEOGRAFIA DO FUTEBOL PARANAENSE: O AVANÇO DA TORCIDA DA DUPLA GRE-NAL NO OESTE E SUDOESTE PARANAENSE” que busca retratar a constituição do futebol profissional no interior do Paraná seria de grande importância a sua contribuição respondendo com suas palavras as questões abaixo:

1. Na sua opinião, por que o Matsubara fechou as portas?

Segundo o saudoso Presidente Sr. Sueo Matsubara, enquanto permaneceu na 1ª Divisão do estado, o clube sempre teve prejuízo, devido a falta de apoio de empresas e do poder público.

2. Atualmente, Cambará-PR tem potencial para ter uma equipe de sucesso como foi o Matsubara ou no futebol moderno isso se tornou muito difícil?

Com certeza absoluta, a cidade não comporta uma equipe profissional, em decorrência da atual crise que vivemos, e também pela falta de visibilidade da região.

3. Como a população ficou depois do desaparecimento do clube? A cidade ficou “órfã” de um clube de futebol ou não houve comoção?

A pior coisa que aconteceu por aqui foi a ideia de levar o time para Londrina, em plena construção do estádio, veio a revolta do público, pois eles sempre falavam que a cidade não apoiava o time, isso nunca foi verdade, foram para Londrina e contrataram jogadores a peso de ouro, coisa que nunca aconteceu em Cambará, onde só revelavam jogadores e no auge vendiam, quer dizer, bem ou mal, sempre ganharam dinheiro em Cambará, nunca houve retorno para com a cidade.

4. Você acredita que os clubes do interior têm mais dificuldade para alcançar boas colocações em campeonatos estaduais e nacionais? Por quê?

No interior, em cidades pequenas como a nossa, é muita dificuldade, principalmente enfrentando times das grandes cidades, que tem calendário o ano todo e fazem grandes investimentos.

5. Muitos estádios do interior ficaram sem uso depois da falência dos clubes. Você conhece ou acredita em alguma solução para que esses espaços tenham usos?

No caso de Cambará que tem o Estádio Regional Vicente Camargo, como esta entregue em um projeto de uma pessoa que tem um projeto para formação de jogadores, está bem cuidado, com gramado em ordem e a demais sempre passando por manutenção, o estádio pertence a TOM – Torcida Organizada Matsubara, que mantém pessoa jurídica constituída.

Ao Sr. **Heriberto Ivan Machado**

Como forma de contribuição à dissertação de mestrado intitulada “GEOGRAFIA DO FUTEBOL PARANAENSE: O AVANÇO DA TORCIDA DA DUPLA GRE-NAL NO OESTE E SUDOESTE PARANAENSE” que busca retratar a constituição do futebol profissional no interior do Paraná, seria de grande importância a sua contribuição respondendo com suas palavras as questões abaixo:

1. Sabemos que as ferrovias no estado de São Paulo foram importantíssimas para a disseminação do futebol no estado paulista. Na sua opinião, qual foi o papel das ferrovias do Paraná na disseminação do futebol?

Resposta: Praticamente nenhuma, embora o trem passasse por certas cidades. Em Ponta Grossa, em 1908, realizaram o primeiro jogo – oficial – com as regras conhecidas. Ponta Grossa 1x0 Coritiba FC (reunião de alemães – que dois meses depois fundaram o coxa). No Paraná o café é que ditou as criações de times de futebol. O Norte velho e o Norte novo tinham em torno de 25 equipes profissionais. Hoje, quantas têm?

2. Na sua opinião, por que clubes de cidades pequenas com histórico de boas equipes de futebol (como as cidades do norte pioneiro) não conseguem mais ter participações constantes no Campeonato Paranaense da primeira divisão? O futebol no interior (cidades pequenas) se tornou inviável?

Resposta: Porque o dinheiro do café acabou. Não tem mais “mecenas” para bancar o caríssimo futebol profissional atual. As cidades pequenas só têm times amadores.

3. Desde o 2013, o Clube Athletico Paranaense escala a equipe de aspirantes (Sub-23) para disputar o Campeonato Paranaense de Futebol. Você acredita que aos poucos os clubes da capital vão perder o interesse no campeonato? Qual a grande diferença do estadual que era disputado antigamente (Décadas de 1960 e 1970) para o estadual disputado atualmente?

Resposta: Com uma Federação que só persegue os clubes e só quer cobrar taxas altíssimas, ninguém mais quer fazer futebol. Veja os clubes que fecharam suas portas, nos últimos anos. A equipe do CAP, sub-23, na verdade um sub-20, é um TAPA NA CARA DA FEDERAÇÃO – QUE SÓ PERSEGUE O CAP. E TAMBÉM DA REDE GLOBO (RPC). O FUTEBOL PARANAENSE ESTÁ MORTO, SÓ ESQUECERAM DE ENTERRAR O DEFUNTO!!!! Tem muito clube “barriga de aluguel” que disputa o Paranaense. Logo acabam e esses empresários – inescrupulosos – vão para outras cidades, outros estados e continuam a sua sanha mercantilista, deixando dívidas nas cidades e jogadores sem ver a cor do dinheiro, que deveriam ter recebido. Nos anos 50,60 e 70 o profissionalismo era mais barato, e os mecenas bancaram a conta, agora é um profissionalismo selvagem, não dá mais para bancar. O público deixou de ir a campo, por várias razões: Ingresso caro, violência brutal das torcidas organizadas, jogadores medíocres vestindo a camisa do clube para o qual torcem, ou seja, já não há mais interesse como em outros tempos. Os estádios acanhados recebiam públicos gigantescos, hoje, meia dúzia de “gatos pingados” vai aos estádios.

4. Historicamente, o interior do Paraná concentrou torcidas de clubes de outros estados. Com os títulos recentes do Atlético Paranaense, você acredita que o *Furacão* possa conquistar a torcida do interior ou há uma barreira cultural?

Resposta: A colonização do interior paranaense foi feita pela maioria de pessoas vindas de outros estados, essa é a razão de tantos torcedores de clubes de outros estados. O Atlético possui a maior torcida do ESTADO e, com as conquistas recentes, as novas gerações passarão a torcer por ele, deixando “um pouco” a torcida por outros clubes.

Ao Sr. **Julio Diogo**

Como forma de contribuição à dissertação de mestrado intitulada “GEOGRAFIA DO FUTEBOL PARANAENSE: O AVANÇO DA TORCIDA DA DUPLA GRE-NAL NO OESTE E SUDOESTE PARANAENSE” que busca retratar a constituição do futebol profissional no interior do Paraná, seria de grande importância a sua contribuição respondendo com suas palavras as questões abaixo:

1. Você acredita que os campeonatos estaduais serão extintos ou passarão por profundas modificações nos próximos anos? Se sim, quais?

Para os grandes clubes e a imprensa, os campeonatos estaduais são deficitários e deveriam acabar. Porém o término dos campeonatos estaduais iria acabar com a maioria dos pequenos clubes, que são a base de sustentação eleitoral das federações, assim não acredito em extinção dos estaduais.

2. Nos últimos anos, temos percebido que as cidades pequenas e algumas de porte médio do estado não possuem equipes competitivas. Você acredita que o futebol profissional no interior do Paraná se tornou inviável economicamente?

Hoje fazer futebol profissional se tornou muito caro. Atualmente estes pequenos clubes destas cidades não tem mais condições de manter o futebol profissional, assim estão sendo extintos ou se afastando do futebol profissional, dando lugar aos clubes empresa. Isto é algo muito claro no futebol paranaense

3. Desde o 2013, o Clube Athletico Paranaense escala a equipe de aspirantes (Sub-23) para disputar o Campeonato Paranaense de Futebol. Você acredita que aos poucos os clubes da capital vão perder o interesse no campeonato? Qual a grande diferença do estadual que era disputado antigamente (Décadas de 1960 e 1970) para o estadual disputado atualmente?

A tendência é sim os clubes disputarem com equipes de aspirantes ou fazerem dos estaduais uma pré temporada. A diferença está que na década de 60/70 o futebol era gerido de uma forma mais amadora, os recursos eram menores, a Televisão não bancava cotas aos clubes. Os clubes tinham que arrecadas com amistosos pelo interior

4. Historicamente, o interior do Paraná concentrou torcidas de clubes de outros estados. Com os títulos recentes do Atlético Paranaense, você acredita que o *Furacão* possa conquistar a torcida do interior ou há uma barreira cultural gerada pela colonização?

O interior paranaense mais devido a história, tem uma ligação maior com os clubes de São Paulo. Por muitos anos o norte e oeste paranaense foram “esquecidos” pela imprensa esportiva da capital, fazendo com que as torcidas nestas regiões tivessem uma aproximação maior com os clubes paulistas, que realizavam diversos amistosos nesta região paranaense e em cidades paulistas próximas a esta região.

APÊNDICE B- ARTIGO ACEITO PARA PUBLICAÇÃO



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Câmpus de Presidente Prudente



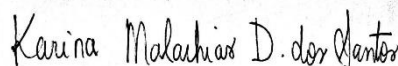
DECLARAÇÃO

Para os devidos fins,

Declaro que o manuscrito "A Constituição do Futebol no estado do Paraná Como Reflexo do Avanço Urbano e dos Transportes no Século XX" de autoria de **Rafael Balieiro Crestani e Oséias da Silva Martinuci**, foi aceito para publicação nesse periódico no primeiro semestre de 2022, estando em fase de revisão e editoração.

A Revista Geografia em Atos é uma publicação quadrimestral do Departamento de Geografia da Universidade Estadual Paulista, *Campus* de Presidente Prudente (FCT-UNESP), classificada na avaliação QUALIS CAPES 2016 como B3.

Presidente Prudente, São Paulo-BR, 31
de Março de 2022.



Karina Malachias Domingos dos Santos
Conselho Executivo

Revista Geografia em Atos

Revista Geografia em Atos (Online)

<http://revista.fct.unesp.br/index.php/geografiaematos/index>

Departamento de Geografia Faculdade de Ciências e Tecnologia Tel
+55 (18) 3229-5650/5679 Rua Roberto Simonsem, 305 - CEP
19060-900 - Presidente Prudente, São Paulo (BR)
ISSN: 1984-1647

E-mail para contato: geoatos.editorial@gmail.com